



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Antonia Valbenia Aurélio Rosa

Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico

Rio de Janeiro

2019

Antonia Valbenia Aurélio Rosa

Migração do Nordeste a Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico



Tese de Doutorado apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carmen Lucia Guimarães de Mattos

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

R788	<p>Rosa, Antonia Valbenia Aurélio. Migração do Nordeste a Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico / Antonia Valbenia Aurélio Rosa. – 2019. 151 f.</p> <p>Orientadora: Carmen Lucia Guimarães de Mattos. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.</p> <p>1. Educação – Teses. 2. Etnografia – Teses. 3. Migração interna – Brasil, Nordeste – Teses. I. Mattos, Carmen Lucia Guimarães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.</p>
bs	CDU 37(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Antonia Valbenia Aurélio Rosa

Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico

Tese de Doutorado apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 16 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof^o. Dr^o. Luiz Antonio Gomes Senna
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof^a. Dr^a. Cleonice Puggian
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof^a. Dr^a. Sandra Cordeiro de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Walcéa Barreto Alves
Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Às crianças e suas famílias, que ajudaram a compor esse trabalho. Ao José Augusto Rosa (*in memoriam*) e Liduína Aurélio do Nascimento Rosa, que ensinaram a mim e aos meus irmãos a ler e a escrever, Ao meu marido e ao meu filho Miguel pelo apoio e compreensão.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através do Programa de Pós-graduação em Educação, agradeço por minha formação nos cursos de Mestrado e Doutorado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa de Excelência Acadêmica (CAPES/PROEX) pela oportunidade do financiamento nessa pesquisa.

À minha orientadora, Profa. Dra. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos, que acompanhou a minha trajetória, pelo apoio e confiança.

Aos professores Luís Paulo e Paula Castro, com quem compartilhei as dúvidas acadêmicas.

À minha família e amigos que acompanharam a minha trajetória acadêmica.

Ao meu marido e ao meu filho, por entenderem os momentos ausentes.

À equipe do Núcleo de Etnografia em Educação, pelo apoio constante.

RESUMO

ROSA, Antonia Valbenia Aurélio. *Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico*. 2019. 151f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A presente tese tem como objeto a relação do aluno migrante com a construção social da escola. Pauta-se na abordagem teórico-metodológica etnográfica para nortear os caminhos da pesquisa. Foram utilizados a entrevista, observação participante, caderno de campo, notas complementares, fotografias e produção de texto como um recorte para o lugar de pertencimento do aluno. O *loci* da pesquisa foi a comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. Foi realizada entre os meses de abril e dezembro do ano de 2016. Os sujeitos primários foram: famílias em mobilidade, alunos e alunas da sala de aula do 4º ano; secundários: diretora, coordenadora, professores e funcionários membros da comunidade escolar. Os resultados do estudo surgiram da análise indutiva dos dados obtidos no relatório de campo, privilegiando as interlocuções teóricas das teses, dissertações e artigos científicos do mapeamento bibliográfico, de Mattos, Erickson, Bauman e Burgos. A tese questionou como se dá a construção social da escola, a partir da mobilidade dos sujeitos do Nordeste para o Rio das Pedras. Como objetivo geral, estudou e investigou a mobilidade dos sujeitos do Nordeste para a comunidade de Rio das Pedras e a construção social da escola. Dessa forma emergiram as categorias analíticas: família, deslocamento, condição socioeconômica e escola, que se entrelaçaram e compuseram os capítulos de resultados; i) mobilidade das famílias, entendendo-a como o processo de ir e vir, isto é, a mudança de um local para outro, neste estudo o ir significa o *outro*, aqui entendido como alteridade geográfica porque o outro é lugar, cidade, estado, isto é, uma relação de ausência e presença pautada na distância, de modo a situá-los na cultura local e as relações destes sujeitos com a escola; ii) a construção social da escola foi descrita através das atividades escolares e da aprendizagem, que revelaram como são entendidos os alunos da sala de aula pesquisada. Esses alunos, descendentes em sua maioria de nordestinos ou sendo eles os próprios imigrantes, residem na comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. Vozes presentes no conselho de classe indicaram a possibilidade de se pensar sobre as práticas escolares e de sala de aula, onde a aprendizagem do aluno foi associada ao comportamento. As descrições e interpretações dos dados do campo foram averiguadas, possibilitando fazer um mapeamento da realidade dos sujeitos em mobilidade e da realidade no tempo presente, revelando a escola como um espaço de construção social nem sempre reconhece as identidades e os pertencimentos dos estudantes que convivem em uma mesma comunidade. Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para com o entendimento da escola como um espaço de construção social, a partir dos próprios sujeitos.

Palavras-Chave: Migração. Educação. Nordeste. Etnografia.

ABSTRACT

ROSA, Antonia Valbenia Aurélio. *Migration from Northeast to Rio das Pedras: an ethnographic study*. 2019. 151 p. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, State University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The aim of the present thesis is the relationship of the migrant student with the social construction of the school. It is based on the ethnographic theoretical-methodological approach to guide the research paths. The instruments used were interviews, participant observation, field notebook, complementary notes, photographs and text production as a clipping for the student's place of belonging. The research *loci* were the community of Rio das Pedras, in Rio de Janeiro, held between April and December 2016. The primary subjects were: families in mobility, students in the 4th grade classroom; secondary subjects: principal, coordinator, teachers and staff members of the school community. The results of the study arose from the inductive analysis of the data obtained in the field report, favoring the theoretical interlocutions of theses, dissertations and scientific articles of bibliographic mapping. The thesis questioned: how is the social construction of the school, based on the mobility of subjects from the Northeast to Rio das Pedras? As a general objective, it studied and investigated the mobility of subjects from the Northeast to the Rio das Pedras community and the social construction of the school. Thus emerged the analytical categories: family, displacement, socioeconomic status and school, which intertwined and composed the result chapters; i) family mobility, understanding this as the process of coming and going, that is, moving from one place to another, in this study going means the *other*, here understood as geographical otherness because the other is place, city, state, that is, a relationship of absence and presence based on distance in order to situate them in the local culture and their relations with the school; ii) the social construction of the school was described through school activities and learning, which revealed how the students in the researched classroom are understood. These students, mostly descendants of northeastern Brazilians, immigrants themselves, that lives in the Rio das Pedras community in Rio de Janeiro. Voices in the class council indicated the possibility of thinking about school and classroom practices, where student learning was associated with behavior. The descriptions and interpretations of the field data were verified to elaborate a mapping of the reality of the subjects in mobility and the reality in the present time, revealing the school, as a space of social construction does not always recognize the identities and the belongings of the students who live together in the same community. Finally, it is expected that this research can contribute to the understanding of the school as a space of social construction, from the subjects themselves.

Keywords: Migration. Education. Northeast. Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Análise dialógica, entre top-down e bottom-up	25
Figura 2 – BAIRRO DE RIO DAS PEDRAS	33
Figura 3 – Sala de aula do 4º ano, dias 29 de julho e 26 de outubro, respectivamente.....	43
Figura 4 – O caderno de campo	47
Figura 5 – FOTO PANORÂMICA DA ENTREVISTA.....	49
Figura 6 – Mapa geográfico da procedência do migrante das regiões brasileiras para o rio de janeiro 73	
Figura 8 – Estados da Piauí e Maranhão	91
Figura 9 – Tipo de construção de Rio das Pedras.....	91
Figura 10 – Foto da fachada de uma loja em Rio das Pedras	98
Figura 11 – Nasci no Rio de Janeiro.....	104
Figura 12 – A tarefa	105
Figura 13 – Família e escola	107
Figura 14 – Eu nasci no Rio de Janeiro	110
Figura 15 – Eu sinto falta dessa casa	112
Figura 16 – Eu vim pra cá quando era criança	113
Figura 17 – Aluno em interação	120
Figura 18 – Africanidade	122
Figura 19 – A fila.....	125
Figura 20 – Minha família	149
Figura 21 – Miguel Couto	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 2 – Registro das atividades de observação em sala de aula.....	46
Tabela 3 –Categorias de análise	51
Tabela 4 – Países mais citados nos textos estudados	61
Tabela 5 – Regiões do brasil mais citadas nos textos estudados.....	67
Tabela 6 –Cidades do brasil mais citadas nos textos estudados sobre a migração interna.....	68
Tabela 7 –Categorias II – características migratórias	70
Tabela 8 – Migração: entrada e saída entre regiões brasileiras 2004-2009	72
Tabela 9 – Categorias ligadas à empregabilidade e sua frequência nos textos estudados.....	74
tabela 10 – Categorias ligadas à escolarização e sua frequência nos textos estudados	77
Tabela 11 – Família.....	89
Tabela 12 – Deslocamento.....	93
Tabela 13 – Categoria: condição socioeconômica.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevista com minutagem.....	49
Quadro 2 – Tematização e frequência da análise dos dados.....	53
Quadro 3 – Quadro de análise de dados para a tematização.....	54
Quadro 4 – Categorias e subcategorias dos textos analisados	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Categorias de Análise.....	52
Gráfico 2 – Representam os sujeitos da sala de aula.....	103
Gráfico 3 – Escola.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AMARP	Associação de Moradores de Rio da Pedras
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COC	Conselho de Classe
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística de Estudos socioeconômicos
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NetEDU	Núcleo de Etnografia em Educação
OUA	Organização da União Africana

PNAD	Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEX	Programa de Excelência Acadêmica
PROPED	Programa de Pós-graduação em Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SABREN	Sistema de Assentamento de Baixa Renda
SIURB	Sistema Municipal de Informações Urbanas
SME	Secretaria Municipal de Educação
SMHC	Secretaria Municipal de Habitação e Cidadania
SMU	Secretaria Municipal de Urbanismo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	Abordagem teórico-metodológica: caminhos da pesquisa	20
1.1	Etnografia crítica e educação	20
1.2	Estudo etnográfico e estudo de caso etnográfico	22
1.3	Descrevendo o estudo	26
1.3.1	Ética na Pesquisa	26
1.3.2	<i>Loci</i> e sujeitos da pesquisa	27
1.3.3	A Comunidade de Rio das Pedras.....	29
1.3.4	Famílias em mobilidade	37
1.3.5	Escola Luiz Gonzaga.....	39
1.3.6	Sala de aula: o aluno em mobilidade e aprendizagem	42
1.4	Instrumentos de pesquisa	44
1.4.1	Entrevistas Etnográficas	44
1.4.2	Observação Participante.....	45
1.4.3	Registros audiovisuais como fonte de dados	48
1.5	Análise dos dados: análise, organização e tematizações	51
2	MIGRAÇÃO EM CONTEXTO DE DESIGUALDADE	56
2.1	Migração na pesquisa bibliográfica	58
2.1.1	Local de migração	59
2.2	Características migratórias	70
2.3	Empregabilidade	74
2.4	Escola	77
2.5	Pertencimento e <i>habitus</i> de migrante	83
3	MOBILIDADE: DO NORDESTE A RIO DAS PEDRAS	88
3.1	Condições familiares: sujeitos em mobilidade	89
3.2	Deslocamentos possíveis	92
3.3	Melhores condições socioeconômicas	96
3.4	As famílias, suas mobilidades e as vozes estudantis	101
3.4.1	Vínculos familiares com o Nordeste	103
3.4.2	Laços afetivos e familiares	111
4 A	Construção social da escola	117
4.1	A escola e o aluno	118

4.2 Vivências na escola: vozes dos sujeitos da pesquisa	128
CONCLUSÃO	140
REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICE A – FIGURA 20.....	149
APÊNDICE B – FIGURA 21	150
ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLV151	

INTRODUÇÃO

As palavras de sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançaria uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras murmuravam porque tinham confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas aprendendo coisas difíceis e necessárias.
(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

A escrita desta tese resulta “naquele sonho”, como o proposto por Graciliano Ramos (2013). O início foi com a mudança de lugar, entre o sertão do Ceará para “uma cidade grande”, o Rio de Janeiro, em um percurso de muito aprendizado, “coisas difíceis e necessárias” para que se chegasse ao relato final escrito aqui.

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, através da narrativa que envolve Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos, oferece as cenas que remetem à dinâmica de uma família de retirantes, através do contexto familiar apresentado, permeadas por questões sociais e econômicas, o que nos permite pensar que a condição a mudança social está na educação dos filhos.

A obra de Graciliano Ramos (2013) tem uma temática regionalista. De acordo com o autor, entende-se por família retirante, aquela cuja mudança do local de moradia se dá em busca da sobrevivência em outro lugar, em sua maioria ocasionada pela seca. Na região Nordeste do país, a seca é um fenômeno natural causado pela irregularidade ou pela ausência das chuvas, implicando prejuízo nas atividades produtivas e no tipo de trabalho, principalmente associada ao campo.

O contexto apresentado na obra remete à problematização de diferentes temas de cunho social, tais como: a miséria, a exploração, a injustiça e a desigualdade social, em que se espelham outras histórias, como as de famílias imigrantes do Nordeste do país.

Para a construção deste estudo, recorreu-se às pesquisas realizadas no Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU), com destaque para as produções que associavam fracasso escolar, desigualdades sociais e etnografia. Estudos desenvolvidos pela equipe mostraram que as categorias pobreza e exclusão social influenciaram diretamente os resultados escolares de alunos em condição de pobreza no Brasil (MATTOS et al, 2015), ainda que sucesso e fracasso escolar tenham sido associados às condições socioeconômicas das famílias, como foi apontado por Mattos e Castro (2010). Um dos eixos mais frequentes das análises nesses estudos foi o aspecto relacionado ao fracasso escolar. De acordo com (MATTOS; CASTRO,

2010), na percepção dos participantes — alunos, professores e gestores escolares —, o aluno e a sua família são os sujeitos do fracasso. Entre as justificativas mais frequentes para o fracasso escolar do aluno elencaram-se fatores como: capital cultural, local de moradia, violência, situação financeira e de emprego dos pais, instabilidade familiar, dentre outros. Destacaram-se as seguintes pesquisas:

Os relatórios *Fracasso Escolar: gênero e pobreza (2008-2010)* e *Gênero e Pobreza: práticas, políticas e teorias educacionais – imagens de escolas (2012)*, que apresentaram resultados de pesquisas bibliográfica e etnográficas, a partir das categorias: gênero, pobreza, violência, juventude, políticas públicas, saúde, entre outras. Pobreza foi uma das categorias de análise não associada somente à baixa renda das famílias, à fome e à miséria, aos locais degradados como as periferias dos centros urbanos ou ainda a locais que sofrem com fenômenos naturais como a seca no Nordeste, mas também houve fatores associados às desigualdades sociais das famílias. Em relação à educação e ao desempenho do aluno na escola, foram apontadas descontinuidades de políticas educacionais, avaliação na escola, a origem familiar dos pais e o processo migratório entre as regiões Nordeste e Sudeste do país, o vínculo com o emprego ou sua ausência, o local de moradia, entre outras (MATTOS; CASTRO, 2010).

Assim, para justificar a escolha do objeto de estudo, incluiu-se a migração como categoria de análise que derivou dos resultados na dissertação de mestrado sob o título *Pobreza e Educação: um estudo teórico-epistemológico sobre a produção do conhecimento no período de 2000 a 2010 (2012)*. Essa dissertação estudou como as categorias pobreza e educação se articulam e contribuem para explicações sobre a escolaridade do aluno de camadas populares.

No estudo bibliográfico analítico, as categorias foram analisadas em cada texto e, no conjunto deles, verificou-se como a temática de estudo vem sendo discutida pelos autores, com apoio em diversos tipos de estudos. Nos estudos etnográficos, descritivos e bibliográficos, constitui-se importante instrumento de compreensão, verificação das relações que aproximam ou distanciam os temas, das lacunas existentes, assim como serve para criação de novas categorias e para indicar tendências nas pesquisas estudadas. As interlocuções teóricas indicaram: i) os processos, políticas e vulnerabilidades de quem vive a condição de pobreza e ii) desigualdades e exclusão educacional – o aluno, a família e a escola. Foi possível entender também, no estudo, que a renda não é o suficiente para pensar a questão da pobreza.

Alguns conceitos discutidos contribuirão para com as explicações da relação entre pobreza e exclusão sob a ótica da educação. Embora ambos os conceitos se insiram na questão social, para o aluno em situação de pobreza, que vive a experiência da vulnerabilidade, contribuem para os entendimentos das desigualdades. Dentre os autores que colaboraram para a fundamentação teórica do estudo, destacaram-se: Castel (2005, 2008, 2010) Paugam (2003, 2004), Bourdieu e Champagne (2001), Dubet (2001, 2003, 2004). Observou-se que a pobreza é uma condição que faz parte da existência de muitos sujeitos sociais e que os encaminha a um contingenciamento marginal na sociedade, atuando, portanto, como uma das faces da exclusão.

Do ponto de vista da educação, as desigualdades se manifestam na aprendizagem e podem contribuir para a exclusão escolar, pois muitas vezes a cultura da escola difere da origem social do aluno. O estudo indicou, ainda, disparidades entre as regiões e entre os estados do país, em que se apresentam indicadores diferenciados, tais como: emprego, renda e educação. Os resultados apontaram que as desigualdades sociais podem interferir nas desigualdades educacionais. Considerando diferenças sociais e econômicas existentes no país, compreendeu-se que parte das famílias migrantes estão motivadas pela busca de uma melhor condição de vida, aí incluídos os sujeitos saídos do Nordeste para o Sudeste.

Diante de tais considerações, delineou-se o projeto de pesquisa para o curso de doutorado pautado na relação das desigualdades. Partiu-se, então, para a busca das explicações sobre sujeitos na escola em processos migratórios.

Em um primeiro momento, entendeu-se que a imigração no país ocorre em contexto de pobreza, pois as famílias que migram na perspectiva do trabalho têm outra interação social e cultural. No entanto, questionavam-se as demandas das políticas sociais para a população identificada como pobre no Brasil, o que culminou na condicionalidade da matrícula do aluno na escola através de programas sociais como Bolsa Família. O programa de redistribuição de renda não garantiu a permanência das famílias no local de moradia e elas continuavam os processos migratórios. Neste sentido, buscaram-se novos direcionamentos, apontados através da coleta de dados, para atender à complexidade que envolve a mobilidade das famílias. Assim, partimos para compreender de que modo a mobilidade do Nordeste para a comunidade de Rio das Pedras interferiu ou interfere nos resultados escolares.

O delineamento para a realização desse estudo e os caminhos percorridos para a escolha do objeto derivam da mobilidade dos sujeitos e das vivências escolares. Estudar sobre a migração implicou ir ao campo onde vivem estes sujeitos, conhecê-los, ouvir as suas histórias e relatos, que informam sobre a mobilidade das famílias e sobre as vivências

escolares, entender como é descrita a relação da escola com o aluno oriundo da região Nordeste e como estes descrevem a sua vivência escolar.

A partir da observação participante, de entrevistas, de registros de áudio e vídeos, caderno de campo, fotografias e outros instrumentos de pesquisa, desenvolveu-se, durante os meses de abril a dezembro do ano de 2016, a pesquisa de campo, com famílias e alunos do 4º ano do ensino fundamental em uma escola pública localizada na comunidade de Rio das Pedras, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Destaca-se a importância da relação pesquisador-sujeito-objeto no contexto a ser pesquisado, para que se desenvolva a coleta de dados e análises que marcaram o processo de busca das respostas a questões que se anteciparam à pesquisa. Das questões que orientaram o estudo, foi possível obter definições sobre mobilidades, sobre como são as vivências do aluno migrante na escola. Tais dados foram indicados nos resultados do estudo e apresentados através de vinhetas etnográficas.

O objetivo geral da tese, portanto, é estudar e investigar a mobilidade dos sujeitos do Nordeste para a comunidade de Rio das Pedras e a construção social da escola.

Como objetivos específicos, temos:

- I. Realizar um mapeamento bibliográfico em textos acadêmicos a partir das seguintes categorias: Imigração, Nordeste e Educação. Buscamos, para isso, identificar o contexto no qual os autores discutiam a temática em estudo;
- II. Pesquisar, em Rio das Pedras, sobre mobilidades das famílias de origens do Nordeste, verificando como se deu a imigração de modo a situá-las na cultura local e entendendo a relação dessas pessoas com a escola;
- III. Discutir a mobilidade partir das vozes dos sujeitos, descritas por eles próprios, alunos e alunas, seus pais, responsáveis ou familiares, professores/as e gestores/as da escola, para a construção social da escola.

Por fim, esta pesquisa pretendeu responder, primordialmente, à questão: como se dá a construção social da escola, a partir da mobilidade dos sujeitos do Nordeste para o Rio das Pedras? Apresentam-se também, as seguintes questões secundárias:

I - O que os dados da pesquisa bibliográfica informam sobre a migração no contexto do Nordeste para o Sudeste, com ênfase o Rio de Janeiro?

II - Quais as contribuições da etnografia para a vivência cultural e escolar de nordestinos que migraram para a comunidade de Rio das Pedras?

III - Como a imigração originária do Nordeste para comunidade de Rio das Pedras impacta nos processos e resultados escolares de alunos e alunas participantes deste estudo?

Diante disso, o trabalho aqui apresentado é dividido em partes constituídas por capítulos. A parte I inclui a introdução e considerações sobre o objeto. O capítulo I descreve a metodologia e explica o desenvolvimento da tese, buscando-se de forma objetiva e sucinta tecer algumas considerações sobre como se desenvolveu a pesquisa: a descrição da etapa de revisão de literatura, descrição do *loci*, análise e tematização dos dados, a escrita da tese como etapa final do relato da pesquisa. Na parte II, são apresentados os resultados do estudo. O capítulo II explora os conceitos relacionados à migração nas teses, dissertações e artigos científicos na revisão de literatura; o capítulo III apresenta a mobilidade dos sujeitos do Nordeste a Rio das Pedras; o capítulo IV descreve a construção social da escola, através das vozes dos sujeitos da pesquisa. Por fim, temos as considerações finais e as referências.

1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA: CAMINHOS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta os pressupostos teórico-metodológicos e epistemológicos que subsidiaram a pesquisa de campo. Utilizamos o referencial de abordagem etnográfica crítica, fundamentada, principalmente, nos estudos de Mattos (1992; 2012) e Erickson (1986; 2001; 2004; 2009), autores que abordam sua utilização no campo da educação.

Trata-se de um estudo no qual buscamos compreender os processos migratórios de sujeitos de diferentes locais da região do Nordeste do Brasil e que residem na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, na Comunidade de Rio das Pedras. O referencial da pesquisa etnográfica possibilitou um olhar mais próximo das histórias de vida dos sujeitos participantes deste estudo e o modo como lidam com a imigração e como constroem a noção de pertencimento. Entendemos que a escola é o local onde são compartilhadas essas histórias pela necessidade da mobilidade familiar.

1.1 Etnografia crítica e Educação

A abordagem etnográfica crítica tem contribuído para a compreensão das desigualdades sociais, para o entendimento das contradições sociais e para o enfrentamento das situações vividas pelos sujeitos, partindo da compreensão de Erickson (1988). Como método de investigação, tem adquirido lugar diferenciado dos outros métodos de pesquisa, por centrar-se na visão dialética da cultura como um sistema de significados e mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana, por inserir atores sociais com uma participação ativa no processo transformador das estruturas sociais e, por fim, tem contribuído para os estudos que buscam compreender as interações ocorridas no interior do espaço escolar (MATTOS, 2001).

A pesquisa etnográfica compreende dois níveis: o primeiro é o macro, baseado no

enquadre descritivo-analítico de descrição densa, apresentado por Geertz (1989), e formulado por Ryle (1949) que contribui para compreender de maneira mais ampla e qualitativa, o universo a ser pesquisado, sem perder de vista a complexidade das relações de poder (MATTOS, 2004, p. 66).

O segundo é o nível micro, “baseado no enquadre analítico das interações face a face, formulado por Goffman (1974), nos trabalhos microetnográficos de Erickson (1971), assim

como na etnografia da imagem de Kendon (1977) e Backer (1985).” (MATTOS, 2004, p. 66)”.

Dentro da visão microanalítica, ao mesmo tempo em que se permite a ênfase nos significados das formas de envolvimento das pessoas como atores, exige-se do pesquisador um olhar mais criterioso no detalhamento das ações verbal e não-verbal, “olhares, pausas, tom de voz, detalhes da interação, revestidos de significados, tornam-se objetos da microanálise (ERICKSON & MOHATT, 1982; ERICKSON, 1992; KENDON, 1977).” (MATTOS, 2004, p. 69).

Mattos (2001) ressalta que, durante o trabalho de campo, é necessário que o pesquisador fique imerso na cultura local por um longo período na busca de eventos típicos e atípicos dos modos de vida dos sujeitos. De acordo com a autora,

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Estas técnicas, muitas vezes, têm que ser formuladas ou criadas para atenderem à realidade do trabalho de campo. Nesta perspectiva, o processo de pesquisa será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS, 2001, p. 1).

A pesquisa é mais do que um conjunto de técnicas para coletar dados. Isto ocorre porque a abordagem etnográfica é um pressuposto metodológico. Assim, no âmbito da pesquisa etnográfica, Castro (2015) evidencia que o pesquisador desenvolve um olhar mais sensível para as questões do cotidiano escolar.

Mattos (2001) apresenta os seguintes elementos metodológicos a serem levados em consideração pelo pesquisador ao realizar um trabalho etnográfico em educação:

i) um extensivo trabalho por um longo período de tempo de campo num determinado local; ii) um cuidadoso registro sobre os acontecimentos ocorridos neste local: notas de campo, registros de arquivos e documentos, gravações de imagens e áudio, memorandos, fichas, cadastros; iii) uma análise indutiva dos dados, iniciando do particular para o geral e voltando ao particular de maneira enriquecida; iv) uma relação dialética entre objetividade e subjetividade; v) uma reflexão analítica desses documentos colhidos no campo e o registro do significado numa densa e detalhada descrição, utilizando vinhetas narrativas, citações de entrevistas, descrições de lugares e situações observadas, descrições gerais em forma de gráficos, tabelas e descrições estatísticas; vi) uma interpretação de dado em múltiplos níveis; uma preocupação com a influência da história na leitura e interpretação dos dados e vii) uma preocupação constante com uma postura ética do pesquisador (MATTOS, 2001, p. 13-14).

Ainda em relação ao trabalho de campo, Mattos (2005) afirma que envolve procedimentos e métodos nos quais o processo indutivo é fundamental na escolha das categorias, que não são escolhidas previamente, mas a partir da inserção ao campo. No

decorrer do processo de pesquisa de campo, os dados encontrados podem ser diferentes das hipóteses iniciais da pesquisa. Daí a necessidade de ressignificar as hipóteses iniciais. Esse movimento de pesquisa chamamos de *hipóteses progressivas* (HAMMMESLEY, 1983. In: MATTOS, 2005).

Ao considerar o descrito por Mattos (2005), entende-se que a pesquisa etnográfica e a análise indutiva dos dados exigem do pesquisador tempo e conhecimento dos princípios básicos etnográficos, a fim de obter um relato do estudo que retrate a realidade investigada e não apenas resultados de pesquisa.

Nesse sentido, nos estudos voltados para os que vivem em processo de exclusão, ouvir as vozes desses sujeitos implica aprofundar o conhecimento sobre eles e sua realidade, o que muitas vezes não acontece. Ao realizar etnografia na escola, a pesquisa “busca uma descrição densa não só dos espaços, mas das interações simbólicas existentes na instituição, sobretudo, na relação professor-aluno.” (BORGES, 2018, p.40). Assim, pesquisar a escola e na escola constitui-se uma maneira de retratar a realidade, permite compreendê-la em uma rede de significados e práticas mediadas por culturas e saberes dos interlocutores da pesquisa.

1.2 Estudo etnográfico e estudo de caso etnográfico

Os estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Etnografia em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NetEDU/UERJ) vêm, ao longo dos últimos anos, utilizando a produção do conhecimento em que se evidencia a descrição densa e o método indutivo no qual os dados emergem a partir do conteúdo da fala dos sujeitos no campo. A partir de Mattos (1992), tem-se a concepção *botton-up*, que ocorre pelo olhar dos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, as teses de Castro (2011), Mourão (2011), Almeida (2013), Vasconcelos (2016) e Borges (2018), produzidas no NetEDU, contribuem no desenvolvimento do olhar etnográfico em educação, especialmente na escola.

A pesquisa *Tornar-se aluno: Identidade e Pertencimento* – um estudo etnográfico, (CASTRO, 2011), apoia-se no processo de tornar-se aluno, utilizando os conceitos de resiliência e pertencimento. A autora realizou etnografia na escola a partir da colaboração e das interações cotidianas para o entendimento sobre os modos e vivências dos sujeitos. A fotografia foi um dos recursos utilizados para ampliar a discussão e verificar como os alunos se percebiam diante da escola e dos processos vividos.

O *Estudo etnográfico das percepções dos alunos da educação básica sobre a TV* (MOURÃO, 2011) parte da perspectiva de alunos e alunas de uma escola pública para compreender o papel da televisão em sua formação. A autora buscou, na residência dos jovens estudantes, a partir da abordagem etnográfica, a percepção dos jovens sobre como assistiam à televisão e como se sentiam como sujeitos do conhecimento através desse veículo.

O estudo *A Educação de mulheres e jovens privadas de liberdade: um estudo de abordagem etnográfica* (ALMEIDA, 2013), que se refere a mulheres encarceradas e o campo educacional, corrobora a ideia de que as vozes dos sujeitos participantes do estudo e suas narrativas contribuem para a problematização sobre o papel das instituições sociais.

Em *Multiplicidades da avaliação escolar: um estudo etnográfico sobre a repetência*, Vasconcelos (2016) discutiu adversidades sobre processos avaliativos. A autora parte das vozes dos alunos e alunas repetentes de uma escola pública, para o entendimento do que seria a avaliação e de como pensá-lo na lógica da inclusão.

A pesquisa *O futuro da escola: uma etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar* (BORGES, 2018) questionou como os jovens do ensino médio de uma escola pública se relaciona com o conhecimento socializado na escola, a partir dos participantes do estudo. O autor considerou as vozes de alunos e alunas, que, para ele, indicam mudanças na escola e no conhecimento, (re)imaginando a escola do futuro.

As teses apresentadas no NetEDU trazem o termo etnografia no título, pois alinham pressupostos metodológicos, conceitos e teorias. Também contribuem para o entendimento da etnografia em educação, refletindo sobre elementos como o tempo no campo, as vozes dos sujeitos participantes, a análise indutiva, a observação participante e a descrição densa.

Em pesquisa acerca de migração, destaca-se a pouca utilização de estudos descritos metodologicamente como etnográficos. No levantamento bibliográfico realizado para elaboração desta, tomaram-se como exemplo duas produções: Burgos (2002) e Nogueira (2010). Os dados referentes a Nogueira (2010) revelam a relação da migração com a área da educação na tese.

A partir de uma abordagem etnográfica, com base em descrição e análise sob perspectiva interpretativa e crítica, este estudo assume o tipo de estudo de caso etnográfico. De acordo com André,

O estudo de caso começa com um plano muito aberto, que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo avança. A pesquisa tem como ponto inicial uma problemática, que pode ser traduzida em uma série de questões, em pontos críticos ou em hipóteses provisórias. A problemática pode ter origem na literatura relacionada ao tema, ou pode ser uma indagação decorrente da prática profissional

do pesquisador, ou pode ser a continuidade de pesquisas anteriores (ANDRÉ, 2013, p. 98).

Ainda que na escolha do estudo de caso se apresentem diferentes abordagens metodológicas, teorias e práticas, o formato apresenta uma contribuição importante para o estudo em escola e outros espaços sociais. Entre os autores que discutem o uso de estudo de caso em educação, André (1984; 2013) apresenta suas principais características e discorre sobre a forma de desenvolver esse tipo de pesquisa. A autora tem mapeado as pesquisas no Brasil quanto à abordagem metodológica, revelando que se tem utilizado diferentes técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, observação, documentos, entre outros. O processo de análise está presente nas várias etapas da pesquisa, a autora sugere que os relatos de caso mostrem estilo narrativo e vinhetas, pois a “preocupação é com a transmissão direta, clara e bem articulada do caso” (ANDRÉ, 2013, p. 101).

O que especifica o estudo de caso é a natureza do objeto em questão, neste caso, a migração das famílias e a situação do aluno em sala de aula, seus papéis sociais e educacionais, além do contexto da comunidade de Rio das Pedras, que, de acordo com os sujeitos, até a finalização desta pesquisa, continua a receber imigrantes vindos dos estados do Nordeste do país.

Nesse sentido, optamos pela abordagem etnográfica a partir da estratégia interpretativa e indutiva dos dados.

A observação participante é o principal método de coleta de dados utilizado na pesquisa etnográfica. Os eventos observados, quando gravados através do uso de recursos de áudio e vídeo ou anotados em cadernos de campo, permitem revisitar os dados. Além da observação, pode-se lançar mão da entrevista, que objetiva aprofundar o conhecimento sobre os dados.

Em função da complexidade dos fenômenos observados e dos limites de processamento da informação pelo pesquisador para compreender todos os aspectos em uma única observação, Erickson (1988) afirma que:

através de repetidas observações de um tipo particular de evento, o pesquisador pode dar atenção seletivamente a diferentes aspectos do evento, desenvolvendo assim, com o tempo, uma compreensão cumulativa de todo o evento, o que não seria possível em uma única observação. (ERICKSON, 1988, p.15).

É nesse sentido que essa técnica contribuiu de forma significativa para este estudo, que ocorreu a partir da inserção no *loci* com registros no caderno de campo sobre os relatos das famílias, quanto se buscou compreender os fatos que fazem parte do cotidiano e que informam sobre o objeto deste estudo.

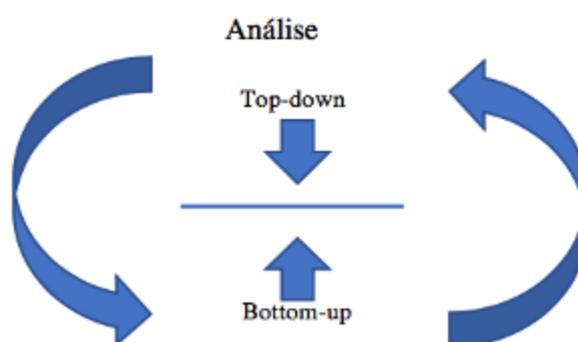
A entrevista é entendida como um instrumento que contribui na identificação de evidências na perspectiva dos participantes com relação aos eventos, o que, no primeiro momento, não foi possível detalhar através da observação participante. Um dos seus objetivos é fornecer evidências, que podem confirmar ou não as “inferências sobre os pontos de vista dos participantes que foram feitas pelo pesquisador com base na observação participante. Esta comparação de evidências através de fontes de dados diferentes é chamada triangulação.” (ERICKSON, 1988, p. 18).

De acordo com o autor:

a entrevista, a coleta de cópias de registros escritos, anúncios, memorandos e cartas no cenário fornecem maior triangulação pela qual as inferências interpretativas podem ser testadas, já que fornecem evidências sobre eventos que o observador não pode testemunhar diretamente (IBID, p. 18).

Tais instrumentos possibilitam a análise a partir da perspectiva *bottom-up*, ou seja, parte-se dos sujeitos da investigação para uma construção analítica ancorada na realidade social (MATTOS, 1992). Esse olhar “de baixo para cima” vem contribuindo com reflexões sobre a escola pública brasileira. Nesta perspectiva, as setas abaixo indicam a análise dialógica, entre *top-down* e *bottom-up*, resultando no movimento constante. Borges (2018, p. 64) define o processo de análise dialógica como “aquele em que as interações ocorrem entre o texto, as vozes da pesquisa, as reflexões teóricas advindas da literatura revisada”, sugere-se a imagem abaixo, em que a pesquisa ocorre numa relação de “cima para baixo” e de “baixo para cima”.

Figura 1 – Análise dialógica, entre top-down e bottom-up



Fonte: ROSA, 2018.

Para esta tese, essa abordagem na inserção no campo possibilitou a interação entre os sujeitos da pesquisa em processo migratório para a construção de vivências e experiências escolares. Estudar a migração só faz sentido se isso for feito na perspectiva do sujeito

pesquisado, por este motivo privilegiamos as vozes dos sujeitos em mobilidade, colaboradores deste estudo.

Para compreender a migração dos sujeitos do Nordeste para Rio das Pedras, o caminho escolhido foi a observação participante e a entrevista com membros que residem, trabalham e estudam na comunidade de Rio das Pedras. Fotografias, produção escrita do aluno e outros documentos, foram complementares ao caderno de campo.

Concordamos com Mattos (2004), para quem desenvolver pesquisas etnográficas em educação, em particular na escola, é uma ação complexa por envolver concepções de um espaço já conhecido. Daí a importância da triangulação para a validação dos dados, o que ocorre por meio do uso de variados métodos de coleta, permitindo perceber divergências e ancoragens no processo de pesquisa e da confirmação ou não da informação.

Neste estudo, foram utilizadas também a entrevista e observação participante com o uso de recursos audiovisuais. As entrevistas foram realizadas, como já informado, com famílias de origem do Nordeste do país, que falaram mobilidade e situação educacional dos seus familiares. As gravações em vídeo foram autorizadas pelos sujeitos entrevistados. No espaço da escola, a observação participante, com anotações no caderno de campo, produção escrita do aluno e fotografias ajudaram a compor o cenário e o contexto da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental I, da rede pública do município do Rio de Janeiro.

1.3 Descrevendo o estudo

1.3.1 Ética na Pesquisa

Este estudo pautou-se em pressupostos éticos, de modo a preservar os envolvidos e os dados obtidos. A Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), vinculada a Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR1), segue os preceitos éticos regulamentado pelo (CONEP), vinculada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) para o desenvolvimento de estudos com seres humanos, norteadores deste trabalho.

Ao iniciar a pesquisa, os sujeitos participantes foram informados de que eram voluntários e de que seus nomes, assim como o da instituição envolvida, não seriam revelados, a fim de manter o compromisso ético da pesquisa, preservando, assim, suas

identidades. Assinaram, então, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), firmando um compromisso com a pesquisadora quanto à permissão do uso de imagem e dados para compor o estudo. Os dados da pesquisa que foram preservados, como nome do lugar de pertencimento, destinam-se à compreensão do significado dos mesmos no contexto do estudo sobre a migração.

Os dados aqui apresentados destinam-se a fins acadêmicos e visam à contribuição para a formação de outros pesquisadores e também à informação direcionada aos profissionais que atuam em diferentes setores da Educação.

1.3.2 Locis¹ e sujeitos da pesquisa

Definir o *loci* de pesquisa foi uma importante tarefa para a delimitação do estudo a ser realizado. A escolha da comunidade de Rio das Pedras, localizada na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, justifica-se por ser um local cuja maioria da população é originária do Nordeste do país, com complexas possibilidades de análises, dentre as quais o da mobilidade familiar.

Rio das Pedras era local favorável para execução da pesquisa, pois a pesquisadora, oriunda do estado do Ceará, tinha conhecimento local.

A entrada no campo aconteceu a partir da mediação de uma integrante do NetEDU que tinha parentes moradores da comunidade de Rio das Pedras, à época da pesquisa. Utilizando-se do critério família imigrante do Nordeste e com filhos e filhas matriculados na escola pública, foi possível conhecer famílias em mobilidade dos estados do Nordeste para Rio das Pedras, através das entrevistas etnográficas, obteve-se, assim, a história das famílias relatadas e gravadas em recursos audiovisuais.

Semanalmente, a pesquisadora foi a campo durante o período da manhã, permanecendo até à tarde, em função principalmente das atividades escolares, entre os meses de abril e dezembro de 2016. Devido aos jogos olímpicos que aconteciam no Rio de Janeiro, as atividades da escola foram suspensas no mês de agosto para o recesso escolar, retornando as atividades no mês de setembro, até o dia 06 do mês de dezembro. Foram realizados 20 encontros no campo de pesquisa, com observação participante, entrevistas etnográficas com

¹ Do plural de locus – lugar.

as famílias, produção textual com o aluno, documentos, fotografias e conversas com outros sujeitos na comunidade e na escola.

A partir da escolha do *loci* de pesquisa, foram eleitos dois grupos de sujeitos. O grupo I é composto por três famílias que relataram sobre a mobilidade do Nordeste para Rio das Pedras; O grupo II é composto por alunos e alunas da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental, e outros sujeitos da escola que foram colaboradores da pesquisa.

Foram os sujeitos primários: três famílias em mobilidade e alunos e alunas da sala de aula do 4º ano; sujeitos secundários: diretora, coordenadora, professores e funcionários membros da comunidade escolar, duas famílias (Maranhão e Ceará) residentes na comunidade que foram colaboradoras da pesquisa, mas não foi possível realizar as entrevistas em função dos horários do trabalho dos sujeitos em um salão de beleza como manicure e caixa de supermercado, respectivamente.

Optamos por iniciar a pesquisa com visitas às famílias na comunidade. O diálogo com os participantes ocorreu por meio da confiança que se estabeleceu entre a doutoranda e os sujeitos da pesquisa, para a realização das entrevistas, que foram gravadas com recursos audiovisuais. Conhecer a escola, aqui chamada pelo nome fictício de Luiz Gonzaga² e fica situada próximo a moradia das famílias participantes do estudo, foi fundamental. Após uma conversa com a diretora da escola, a pesquisadora entregou os documentos necessários para a autorização da pesquisa no local. Algumas limitações relativas à natureza da pesquisa de abordagem etnográfica impossibilitaram o uso de recursos audiovisuais no interior da escola.

A continuidade da pesquisa ocorreu na escola, a sala de aula observada foi do 4º ano, Ensino Fundamental I, onde havia 41 alunos matriculados. Foi feita observação participante com anotações no caderno de campo, fotografias, reunião do conselho de classe e documentos.

Na sala de aula, durante a observação participante na turma envolvida no estudo, havia intenção da pesquisadora de identificar a origem do aluno. Para isso, foi feita uma atividade com uso de folha impressa com o título *O lugar onde nasci*, baseado em Mattos e Castro (2005), sobre a realidade. Na observação de sala de aula, no dia 09 de novembro, a professora colaboradora da pesquisa iniciou a aula perguntando: “Alguém viu televisão hoje ou internet? O que tem de importante?” Um aluno respondeu: “ah, a eleição dos Estados Unidos. O Trump

² A escola Luiz Gonzaga é um nome fictício, onde assume-se a ideia de postura ética em relação aos sujeitos e à instituição pesquisada. O nome é inspirado no artista que descrevia os modos de vida dos nordestinos. No Projeto Político Pedagógico no ano de 2015, o texto refere-se ao compromisso político de atender a comunidade do bairro, constituída de pessoas oriundas do Nordeste do país e cuja demanda concentra-se do 1º ao 5º do ensino fundamental.

ganhou”. Iniciaram-se algumas falas e a discussão sobre imigração internacional, pautaram-se as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que tentam viver nos Estados Unidos e a entrada ilegal de algumas pessoas no país. A professora pergunta e, em seguida, responde: “Imigrante: o que é ser imigrante? São pessoas que saíram do seu lugar e foram morar lá. O Donald Trump não gosta de imigrantes”, logo se percebeu que as falas dos alunos se relacionavam ao tema da aula.

Com a autorização da professora colaboradora desta pesquisa e após sua introdução do tema na aula, a pesquisadora pôde apresentar-se à turma. Ao explicar sobre a pesquisa, alunos e alunas foram citando exemplos de onde vieram. Assim, solicitou-se que a turma redigisse um texto, atividade iniciada após a fala da professora em torno do tema. Foram produzidos 36 desenhos ou textos sobre o contexto familiar de migração.

Após a análise do material, foi identificado, no texto individual, o lugar de origem, as relações de afetividade e a mobilidade familiar. O resultado apontou que a sala de aula investigada é composta em sua maioria por alunos e alunas de origem nordestina, sendo eles próprios imigrantes e/ou filhos e filhas de imigrantes.

Por isso, este tipo de pesquisa pode contribuir para melhoria da educação das populações residentes, em especial em comunidades, através de um ensino de qualidade a eles oferecido. Também é possível pensar sobre o campo a partir das vozes dos participantes do estudo, em âmbito social e cultural.

O tempo gasto no percurso da doutoranda até o *loci* era de aproximadamente duas horas, utilizando-se de ônibus, principal meio de circulação e acesso à comunidade. No percurso, era possível observar como as construções foram erguidas no local, expondo uma distribuição populacional que ocupa o espaço geográfico com desigualdades. Isso permitiu pensar esse espaço, que evidencia precariedade em rede de energia elétrica, esgoto, coleta de lixo, entre outras questões que dialogam com aquelas no cotidiano e com o significado dado pelos sujeitos desta pesquisa ao cotidiano da escola e da sala de aula.

A Comunidade de Rio das Pedras será detalhada no item a seguir.

1.3.3 A Comunidade de Rio das Pedras

Rio das Pedras, o que você tem de bom foi o projeto da escola para pensar como inserir a cultura nordestina e a sua influência em Rio das Pedras, através do Projeto Político

Pedagógico, em comemoração aos 10 anos da existência da *Escola Luiz Gonzaga* na comunidade. Optou-se pelo uso de *comunidade*, a partir das vozes dos sujeitos participantes desta pesquisa, pois é como se referem a Rio das Pedras.

Pertencer a Rio das Pedras é vivenciar a cultura nordestina e constatar nos letreiros e faixadas dos variados comércios existentes a sua identidade. Também é espaço de poder, como pode ser visto pela participação na associação de moradores; é, ainda, é vivenciar tensões sobre questões sociais e educacionais. Partindo destas questões, Burgos (2002) e Bauman (2003) contribuem para observarmos o cenário de Rio das Pedras e as tensões geradas pela vida em comunidade.

De acordo com Burgos (2002), há três fatores que diferenciam Rio das Pedras das demais favelas cariocas: o primeiro é o número de moradores, que à época da pesquisa já somava mais 39.862 habitantes, indicativo de que o espaço era ocupado por um número maior de habitantes do que mais da metade das cidades brasileiras; o segundo é o fato de que Rio das Pedras era imune à violência do tráfico de drogas, verdadeiro atrativo para os moradores, que viam nisso a possibilidade de segurança física e social não encontrada em outras favelas; terceiro - e mais peculiar dos três itens - era o fato de que “60% dos moradores eram nordestinos” (BURGOS, 2002, p. 34). Essa característica estimulava a manifestação cultural identitária do nordestino em franca oposição às características culturais do carioca, representando para muitos como uma tensão entre os dois grupos, com espaço para expressão mútua de preconceitos. Nas vozes dos sujeitos desta pesquisa, nos dias de hoje, Rio das Pedras mantém, como característica, o fluxo migratório da Região Nordeste para o Rio de Janeiro, com forte presença da cultura nordestina no local, mantendo diferenças entre nordestinos e cariocas.

Buscamos, nos dados do Instituto Pereira Passos (IPP), no Rio de Janeiro, a estimativa populacional de uma década posterior ao estudo de Burgos (2002). Entre o ano de 2000 e 2010, a população do Rio de Janeiro apresentou um crescimento de 8%, maior crescimento na área da favela sobre a população moradora de favela, o que faz da Comunidade Rio das Pedras a terceira maior favela no município do Rio de Janeiro, com 63.484 habitantes. Essa estimativa corresponde ao ano de 2010.

O Rio de Janeiro é a cidade com a maior população vivendo em aglomerados subnormais do país, são 1.393.314 pessoas num total de 763 favelas, ou seja, 22,03% dos 6.323.037 moradores do Rio, tendo como base os resultados do o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano de 2010.

De acordo com dados do IBGE (2010), o conceito de aglomerados subnormais agrupa tipos diferentes de ocupação e suas características, destaca ainda a população residente e números de domicílios ocupados em: favela, invasão, comunidade, baixada, ressaca, palafita, grotas, entre outros. Estas concentrações populacionais estão relacionadas às áreas metropolitanas, que, no processo de urbanização no Brasil, assumiram um crescimento econômico e dinâmico, em que o tipo de habitação reflete a divisão social do espaço geográfico.

Os dados “mostram que de um total populacional de 11.425.644 pessoas residentes em aglomerados subnormais, 59,3% (6.780.071) estão concentradas nas áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belém, Salvador e Recife.” (IBGE, 2010, p. 54).

No caso do Rio de Janeiro, essas localidades, ainda segundo os dados do IBGE (2010) indicaram um crescimento, como a área da Comunidade Rio das Pedras, situada em Jacarepaguá,

Na porção oeste da cidade, um dos principais eixos de expansão urbana do Município do Rio de Janeiro, as ocupações eram mais recentes, de menor porte, e dispersas no tecido urbano formal. Exceção a certas áreas consolidadas de aglomerados subnormais de grande porte, como Rio das Pedras em Jacarepaguá (IBID, p. 67)

Cavallieri e Vial (2012) ressaltam que é importante considerar outras formas de ocupação na cidade do Rio de Janeiro para fins de conhecimento e ação governamental, tais como: bairro tradicional, favelas, loteamentos, conjuntos habitacionais, cortiços, condomínios verticais e horizontais, vilas e outros.

Para os autores, isso se dá pela forma de perceber, cadastrar e atuar nas áreas consideradas como *favelas* e *comunidades urbanizadas*, sendo as principais diferenças entre elas o número de domicílios e o processo de urbanização a que estão submetidos, assim, adotou-se a categoria comunidade urbanizada que é “um tipo de assentamento habitacional que, tendo se originado como uma favela, galgou um novo e melhor patamar, dentro do contínuo processo de urbanização e reurbanização a que estão submetidos” (CAVALLIERI; VIAL, 2012, p. 4), para diferenciar das favelas que receberam pouca ou nenhuma melhoria, em relação aos que passaram por intervenções.

Por favelas, entendem-se:

aquelas que, por se constituírem em áreas de risco ou em locais inadequados para o uso residencial, podem ser consideradas, a princípio, em favelas não urbanizáveis, necessitando de maiores análises para verificação da impossibilidade de urbanização e; urbanizáveis, agrupadas em quatro subcategorias, conforme o tamanho e o grau de urbanização (CAVALLIERI; VIAL, 2012, p. 3).

O Sistema de Assentamento de Baixa Renda (SABREN) disponibiliza dados socioeconômicos a partir de fontes variadas, tais como: Censos Demográficos (IBGE), Secretaria Municipal de Habitação e Cidadania (SMHC), Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU), Defesa Civil e Sistema Municipal de Informações Urbanas (SIURB), instituiu o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro, através da Lei complementar N ° 111 de 1/2/2011, para fins de definição de favela, o capítulo que versa sobre a política de habitação, o artigo 234, parágrafo 3º, diz o seguinte,

Entende-se por favela a área predominantemente habitacional, caracterizada por ocupação clandestina e de baixa renda, precariedade da infraestrutura urbana e de serviços públicos, vias estreitas e alinhamento irregular, ausência de parcelamento formal e vínculos de propriedade e construções não licenciadas, em desacordo com os padrões legais vigentes (RIO DE JANEIRO, 2011).

A geografia da região é composta, no seu entorno, por uma área de vegetação que é parte do Parque Nacional da Tijuca. Para ter acesso à Comunidade, foi utilizado o transporte público — ônibus e van (tipo de transporte alternativo comum na região à época da pesquisa) —, o percurso foi realizado pelas principais vias de acesso: Avenida Engenheiro Souza e Estrada de Jacarepaguá, que liga a Comunidade a outros bairros do entorno, como Freguesia, Itanhangá e Barra da Tijuca.

Outro aspecto que pode ser destacado é a diferença social marcada pelas construções de casas, prédios e outros imóveis do local. A imagem a seguir, foi extraída do site SkyscraperCity³ e delas se pode dimensionar a comunidade e as características de seu entorno.

³ Disponível em: <https://www.skyscrapercity.com/>. Acesso em: 07/10/2018.

Figura 2 – Bairro de Rio das Pedras



Fonte: Skyscrapercity.com; ROSA, 2019. Acervo da Pesquisa.

A região de Rio das Pedras tem avançado na construção civil, na instalação de escolas públicas, na criação de serviços públicos de saúde para atendimentos às famílias, assim como na pavimentação de ruas. Apesar dessas melhorias, ainda há um caminho longo de demandas sociais para atender toda população residente no local. Podemos observar diferentes tipos de estabelecimentos comerciais, tais como: bares, restaurantes, farmácias, casas lotéricas, associação de moradores, escolas públicas, particulares e creches e, ainda, o vai e vem de adultos e crianças que circulavam nas ruas e comércios locais. Logo, partimos do pressuposto de que ali havia uma área importante na comunidade. Foram traçados como pontos de referência, para a realização da pesquisa, a Associação de Moradores e o Rio das Pedras, que dá nome à comunidade.

De acordo com Burgos (2002), a associação de moradores está situada na fronteira de duas subáreas, Pinheiro e Rio das Pedras, parte central da comunidade, conforme a imagem 1. A área de Pinheiro fica na parte superior esquerda da imagem; Rio da Pedras está na parte central e corresponde às primeiras ocupações, a partir das margens do rio que dá nome à comunidade, localizado à direita da imagem.

Fundada no início dos anos de 1950, Rio da Pedras, hoje chamada de “comunidade”, de acordo com Burgos (2002), devido à voz da associação de moradores, para que sua imagem se distanciasse da das demais favelas cariocas, percebidas como desorganizadas e violentas. O autor explica que “tudo indica que a segurança de Rio das Pedras esteja a cargo

de policiais que moram ou frequentam a favela, e que, por sua condição profissional, têm facilidade para mobilizar colegas a fim de coibir práticas indesejáveis” (BURGOS, 2002, p. 63).

Para entender a forma de segurança em Rio das Pedras, trazemos o conceito de milícia. De acordo com Zaluar e Conceição, “o termo encobre uma multiplicidade de situações que vão desde moradores não pagos encarregados por vizinhos de fazer a segurança da área, ou mesmo moradores pagos para o mesmo fim que seriam vigilantes, até os ex-policiais” (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007, p. 90).

As autoras esclarecem que a milícia recebe por um valor pago pelas atividades de segurança local, denominados de “moradores vigilantes” (ZALUAR; CONCEIÇÃO, 2007, 90) que correspondem a um grupo que pode ter tido um serviço militar obrigatório, estes se enquadrariam no entendimento de milícia também em outras partes do mundo. Na Venezuela, por exemplo, milícia corresponde a um grupo simpatizante e defensor do governo contra as forças invasoras, composta por associações civis com atuação semelhante à militar, porém tem reconhecimento do governo e dele recebe remuneração, devido à importância assumida pelo grupo.

No caso específico de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, a milícia assume a “segurança local” em função da ausência de segurança pública do Estado, conforme assinalou Burgos (2002), e ganha força em locais vulneráveis e áreas consideradas de risco.

A associação de moradores tem exercido papel mediador entre as políticas do estado e as necessidades da comunidade, através de políticas assistenciais e da expansão de áreas para a construção de residências, além de outros serviços prestados à comunidade como os descritos constantemente pela mídia. Desse modo, ligada à segurança e à insegurança, recentemente a Associação de Moradores e Amigos de Rio das Pedras (AMARP), tem sido questionada sobre sua atuação, principalmente após o desabamento, no mês de abril do ano de 2019, de dois prédios residenciais na área da Muzema, causando a morte de moradores.

Reportagem do jornal *O Dia*, publicada no dia 15 de abril do ano de 2019, noticiou que está ocorrendo uma investigação sobre a relação “entre os presidentes da associação de moradores de Muzema e de Rio das Pedras com a milícia que comanda a região”. Ao inserir na busca do Google os termos *milícia na comunidade de rio das pedras*, o primeiro resultado apresentou nove *links* em diferentes veículos (*O Globo*, *BBC*, *Revista Forum*, *O Dia*) que noticiavam a atuação da milícia na comunidade de Rio das Pedras, nos primeiros meses do ano de 2019. Uma das notícias que chamou atenção foi sobre o transporte de balsas que circulavam na Lagoa da Tijuca para a travessia de moradores da Areinha para o acesso a

estação de metrô do Jardim Oceânico. O tipo de serviço foi apontado pelo Ministério Público como irregular, sendo uma das formas de angariar recursos pelo grupo que domina na região.

O seu crescimento criou subdivisões que correspondem às áreas ocupadas na Comunidade de Rio das Pedras, conhecidas como: Areal 1, Areal 2, Areinha, Casinhas, Pinheiro e Pantanal. Tais áreas correspondem e definem a posição social na comunidade e também o lugar de pertencimento, uma forma de hierarquia dentro da comunidade, da periferia ao centro, significando uma mudança na condição social da família.

Pudemos notar que “é preciso pertencer, fazer parte, ser incluído, e para isto depende de tempo e sensibilidade social (BURGOS, 2002, p. 51). Assim, mesmo ocupando as áreas da comunidade que estão expostas a enchentes e havendo ausência de saneamento básico, dada à condição do solo junto à Lagoa da Tijuca, as famílias sentem-se protegidas “pelo mecanismo de controle social existente na favela que assegura sua integridade física e a propriedade de suas posses” (BURGOS, 2002, p. 49). Porém, essa divisão não interferiu na mobilidade dos sujeitos, pois Areinha é uma das áreas que, de acordo com o autor (IBID, p. 49), apresenta uma proporção significativa de moradores que vieram do Nordeste, também outros, nascidos no Rio de Janeiro.

Na reportagem, vê-se a imagem de um folheto que foi entregue aos moradores, o qual indicava que o serviço de transporte é uma iniciativa da Associação de Moradores. Isso foi uma das fragilidades encontradas para a realização desta pesquisa de campo, sensível à realidade até então desconhecida, a aproximação com os sujeitos se deu na perspectiva da origem regional. Algumas questões foram surgindo no contato com as pessoas na comunidade, mesmo não sendo o foco do estudo, como o caso da milícia, mas fazem parte do cotidiano das famílias.

Diante disso, buscamos ter acesso à comunidade por meio de transporte público que adentrasse a comunidade, percebendo, assim, como a comunidade está organizada em áreas demarcadas a partir da condição social em que as famílias se encontravam no período desta pesquisa.

Essas interações conflituosas entre moradores de Rio das Pedras e do seu entorno estão ligadas não apenas à presença da AMARP, mas também às relações da organização milicianiana do Rio e em outras instituições. A atuação da milícia tem se expandido, em relação ao espaço geográfico, também em atividades consideradas formas abusivas de angariar recursos financeiros e de manutenção da ordem e do poder em locais onde há ausência do Estado.

Rio das Pedras é diferenciada de outros aglomerados habitacionais, o que se explica, em parte, por ser um microcosmo do Nordeste no meio do Rio de Janeiro. Em função da complexidade urbana que envolve a cidade, a comunidade é vista pelos seus moradores como um lugar tranquilo, quando é comparada outros locais, considerando-se as diversas formas de violência que têm ocorrido em outros espaços aglomerados da cidade.

Nas últimas décadas, devido às movimentações político-territoriais, às dificuldades financeiras e, por fim, à crise econômica com enorme esvaziamento financeiro pelas ações de corrupção que envolveram os seus últimos governantes, o Estado do Rio de Janeiro vem enfrentando dificuldades financeiras. Isso é especialmente perceptível no contexto de algumas famílias da comunidade, pois problemas como o desemprego têm contribuído para a migração de retorno, como apontado pelos moradores.

Como base nos relatos obtidos durante o trabalho de campo, em 2016, concluímos que o crescimento populacional na Comunidade de Rio das Pedras tem como um dos fatores a imigração de nordestinos, que ocorre ainda nos dias de hoje. Ainda de acordo com os participantes desta pesquisa, a intensa mobilidade dos sujeitos entre as Regiões Nordeste e Sudeste impossibilita o número preciso no quantitativo populacional, uma vez que os dados partem de estimativas. Porém, outros indícios mostram que vem ocorrendo a expansão da área ocupada na comunidade, justificando o seu crescimento. O tipo de construção erguida e a procura por vagas escolares são exemplos disso.

A população de imigrantes que chega ao Rio de Janeiro vinda de várias cidades do Nordeste do Brasil, geralmente, tem como motivo a busca por melhores perspectivas de emprego e melhoria na qualidade de vida, de acordo com os participantes deste estudo. No aspecto econômico, observou-se um movimento de pessoas que transitam pelos vários segmentos de estabelecimentos comerciais do local da pesquisa e que atendem à população da comunidade. Destacou-se que os moradores de Rio das Pedras atuam nos seguintes empregos, entre os mais citados: construção civil, serviços de bares e restaurantes, atividades domésticas, empregos em lavanderias e rede hoteleira. A identidade nordestina é evidenciada no local pelos enormes letreiros das fachadas dos imóveis comerciais locais, que fazem referência à região e cidades do Nordeste, o que ilustra essa forma identitária de pertencimento quanto ao local e sua origem nordestina.

O que o estudo de Burgos (2002) revela sobre Rio das Pedras é que a comunidade desenvolveu um mecanismo de proteção das famílias. Esse posicionamento assemelha-se à noção de comunidade de acordo com Bauman (2003), que é aquela que acolhe e inclui. Segundo Burgos (2002), acolhe todos aqueles que lutam “para não cair na rua, e que buscam

o sistema de proteção da favela” (p. 48). Assim vivem os moradores da comunidade, uns pagam o aluguel, enquanto outros compram a casa ou quitinete para morar. O lugar de moradia foi representado pelos sujeitos da pesquisa como um lugar de aconchego e afeto.

1.3.4 Famílias em mobilidade

Para definir os sujeitos que compõem o grupo I foram entrevistadas famílias que descreveram de maneiras distintas a mobilidade do Nordeste para Rio das Pedras. A família nuclear, composta por pai, mãe, filhos e filhas, foi predominante no grupo analisado. A imigração, segundo relatos dos sujeitos participantes, ocorreu nos últimos anos e, em sua maioria, expressaram a vontade do retorno para o local de origem. Reconhecem que existem dificuldades como a falta de emprego e o desemprego, justificando que a imigração para o Rio de Janeiro se deu para a busca por melhores condições de trabalho e de vida para suas famílias.

Para o acesso às famílias, utilizou-se do *snowball* ou “bola de neve” (BALDIN; MUNHOZ, 2011), uma técnica de amostragem na qual os participantes da pesquisa indicam novos participantes da sua rede de convivência, amigos e conhecidos. O objetivo foi identificar, mapear e ampliar o número de participantes da pesquisa e coletar informações do sujeito sobre o objeto do estudo. A partir da técnica, identificamos o primeiro participante, que deveria ter conhecimento de outras pessoas que vivem na comunidade, assim ocorreria a indicação de novos participantes para integrarem a amostra. A intenção era a aproximação dos sujeitos imigrantes nordestinos que residiam na comunidade. Consideramos importante que a indicação das famílias fosse sugerida por eles, para que pudéssemos chegar a perfis diferentes de famílias, com aspectos sociais, culturais e econômicos diversos.

Após a visita à residência da primeira família, perguntamos se os membros conheciam outras famílias de origem do Nordeste e se poderiam indicá-las para dar continuidade ao estudo. Foi possível mapear várias famílias, tendo a técnica bola de neve como mobilizadora. O acesso às famílias se deu através de visitas locais, na residência de cada participante ou em seu local de trabalho.

No período da pesquisa, as pessoas adultas tinham empregos, o que dificultou o contato com todos os sujeitos que compõem o grupo familiar e a ampliação do número de entrevistas. Cada família entrevistada informou sobre outra família. Deste processo, resultaram entrevistas

com três famílias, que relataram sobre a sua experiência na migração, escolaridade e trabalho. Os filhos em idade escolar encontravam-se matriculados na rede pública de ensino.

Após aceitarem participar do estudo, foram esclarecidas as questões éticas da utilização dos dados. No grupo familiar, foram onze sujeitos participantes, aqui identificadas pelas famílias Sousa, Silva e Rodrigues. A identificação familiar foi preservada e o nome de cada sujeito é fictício. Para o registro das atividades, utilizamos gravação em áudio e vídeo, caderno de campo e fotografias.

Os participantes estão descritos no quadro abaixo.

Família Sousa	A mãe, Andréa, tem 32 anos de idade, é diarista; o pai, João, de 32 anos, trabalha na construção civil. Andréa tem a 7ª série incompleta, o seu esposo frequentou a Educação de Jovens e Adultos na Associação de Moradores em Rio das Pedras. O filho, Renato, com 9 anos, está matriculado na Escola Luiz Gonzaga. A família imigrou de Itapororoca, Estado da Paraíba, para o Rio de Janeiro, há 12 anos. Eles relataram que vêm juntando dinheiro e têm a vontade de retornar para o Nordeste e ter o seu próprio negócio. No dia da entrevista, apenas a mãe e o filho estavam em casa. Iniciamos a entrevista solicitando que ela relatasse seu percurso migratório, seguiram-se explicações sobre a escola e sobre como acompanha a vida escolar de Renato. (Relatório de campo, 13 de abril, 2016)
Família Silva	A família é composta por mãe, pai e duas filhas. A entrevista foi realizada com Roberta, a filha de 19 anos, no seu local de trabalho, uma ótica em Rio das Pedras, onde ela é vendedora. Eles migraram de Guarabira, estado da Paraíba, no ano 2000, tendo retornado para a Paraíba em 2009 e, em 2011, pela segunda vez, a família mudaram-se para Rio das Pedras, onde permanecem. Roberta contou como foi a sua experiência na escola nos lugares onde morou. Com o ensino médio completo, tem a perspectiva de cursar o ensino superior, ter acesso uma melhor condição de emprego e salário para ajudar nas despesas familiares. Sua irmã, Mariane, de 12 anos, estuda na escola pública municipal no bairro da Barra da Tijuca. Ela justificou que não teve vaga escolar na comunidade. Seu pai trabalha em restaurante, a sua mãe é vendedora de produtos de catálogos. Os pais têm Ensino Fundamental I incompleto. A família tem vontade de retornar para a Paraíba após aposentadoria do pai, porém Roberta quer permanecer no Rio de Janeiro. (Relatório de campo, 20 de abril, 2016)
Família Rodrigues	A família de Carla se caracteriza como imigrante, porém quem imigrou do Nordeste foram seus pais e seu esposo. Carla tem 29 anos, é filha de imigrantes que vieram dos estados do Piauí e da Paraíba, ainda jovens, nos anos de 1970. Casaram-se e tiveram duas filhas nascidas no Rio de Janeiro. Carla é casada com um imigrante de Pernambuco, com um filho de 3 anos e um de 13. O filho mais jovem está matriculado em uma escola na comunidade, o outro, reside em Araruama, na Paraíba, com o pai. Ele é filho da primeira união de Carla. Os pais não pensam em voltar para o Nordeste, pois, lá, há poucos parentes, a maioria emigrou. Ela tem o ensino fundamental incompleto, trabalha no comércio com vendas; seu

esposo é de Quixaba, estado de Pernambuco, trabalha na construção civil; cursou o 3º ano do Ensino Médio incompleto, no período da pesquisa estava de licença por acidente no trabalho, deseja retornar para o Nordeste. (Relatório de campo, 27 de abril, 2016).

Os relatos do campo indicaram a importância da rede de apoio familiar, mas, em função da necessidade do trabalho, muitas vezes ocorre a separação dos pais e de seus filhos e filhas que vivem em outro estado aos cuidados de parentes ou amigos. Na mobilidade dos sujeitos participantes, alguns casos com essas características foram relatados.

A mãe, que é do Maranhão, reside no Rio de Janeiro para trabalhar. O dinheiro que recebe envia para o sustento dos seus filhos mais novos, que estão aos cuidados de parentes. Outras situações envolvem duas alunas da sala de aula observada. Um delas relatou que, ao final do período letivo, irá retornar para a cidade de Bacabal, no Maranhão, e ficará aos cuidados da avó materna; outra disse que, quando seus pais vieram para o Rio de Janeiro em busca de emprego, ela era muito pequena e ficou aos cuidados de um casal que hoje também considera como pais.

Na fase seguinte da pesquisa de campo no espaço escolar, utilizou-se: observação participante, fotografias e anotações no caderno de campo para compor e ilustrar o cenário pesquisado.

1.3.5 Escola Luiz Gonzaga

Inté mesmo a asa branca / Bateu asas do sertão / "Intonce" eu disse adeus Rosinha /
Guarda contigo meu coração / Hoje longe muitas léguas / Numa triste solidão /
Espero a chuva cair de novo / Para eu voltar pro meu sertão
(Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Os versos da música *Asa Branca*, da epígrafe que abre este item, permitem uma reflexão sobre o contexto social e cultural do sertão nordestino, a migração e a volta dos sujeitos como uma possibilidade.

Levando em consideração aspectos utilizados pelos autores, também retrata o conhecimento transmitido de pai para filho, utilizando-se de uma aprendizagem adquirida para além do que é construído na escola. A família, neste contexto pode ser compreendida pela divisão de papéis no cuidado dos filhos, representado pela figura da mãe; enquanto o pai, através da imigração, muitas vezes, busca um trabalho em um outro lugar. Os temas regionalistas tratados na obra *Vidas Secas* (RAMOS, 2013) e na música *Asa Branca* retratam situações do cotidiano que podem contribuir para refletirmos sobre a mobilidade familiar.

Famílias continuam migrando de um local para outro. Esse fato foi observado na revisão de literatura e também no relatório de campo, a partir das vozes dos sujeitos deste estudo. Migrar apresenta-se como perspectiva para adquirir melhores condições sociais, algumas situações assemelham-se às descritas pelos autores estudados até aqui.

A questão da política social no Brasil (MARTINS, 1997) não foi o suficiente para melhoria da condição de vida da população. Muitas famílias vivenciam a exclusão social e educacional. Por outro lado, a escolarização no contexto da família foi vista como *oportunidade*, uma condição para o acesso ao emprego e a salários mais bem remunerados. Assim, buscamos compreender a migração no contexto da escola com foco no aluno.

Vejam, então, o contexto da Escola Luiz Gonzaga. É uma unidade da rede pública municipal de ensino, subordinada à 7ª Coordenadoria Regional de Educação, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (CRE-SME/RJ), localizada na 24ª Região Administrativa, subprefeitura Barra da Tijuca e Jacarepaguá, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sua escolha deve-se ao número significativo de alunos e alunas de origem dos estados do Nordeste.

Criada no ano de 2007, no Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola assume o compromisso político de atender à comunidade do local, constituída, como vimos até aqui, em sua maioria, por alunos originários da região Nordeste do país.

Na Escola Luiz Gonzaga, o sistema de ensino está organizado em série, atendendo ao aluno do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na faixa etária da 1ª infância à pré-adolescência. No ano da pesquisa de campo, 2016, o projeto da escola teve como tema: *Afinal, que planeta é este?*, elaborado com a participação dos sujeitos da escola e da comunidade. O processo ocorreu de forma coletiva e foi realizado em várias etapas. Sua escolha, segundo o grupo gestor, explica-se pelo fato de ser representativo para as famílias que migraram para Rio das Pedras, no Estado do Rio de Janeiro, em busca de melhorias na qualidade de vida.

Durante os vários encontros para elaboração do projeto, buscou-se a aproximação dos sujeitos da escola e da comunidade, com o objetivo de levar o aluno a construir sentido e significado para o seu percurso escolar. Para atingir essa meta, a escola dependia diretamente do apoio dos responsáveis. Porém, sua situação educacional foi vista como um desafio para a escola.

No PPP, o referencial teórico tem como foco o processo de desenvolvimento humano e da aprendizagem, destacando a mediação das relações humanas, portanto a relação entre professor e aluno apresenta-se como fundamental na aprendizagem. A diretora considerou que

existe uma relação boa entre a escola e a família, tendo destacado a presença dos pais na escola sempre que necessário, na busca da melhoria da aprendizagem do aluno. Durante a observação participante na unidade escolar, foi possível perceber a presença da família no horário de entrada e saída do aluno.

As atividades pedagógicas da Escola Luiz Gonzaga foram distribuídas em três turnos (das 7h às 11h; das 11h às 15h e das 15h às 19h). Tal medida visa a atender a demanda da comunidade escolar, que é de 1.200 alunos. Em 2016, os alunos foram distribuídos em 42 turmas do 1º ao 5º ano, incluindo uma turma do Projeto Realphabetização e uma turma do Projeto Aceleração. Para o ano letivo de 2017, algumas turmas serão redefinidas, conforme indicou o Conselho de Classe.

O horário previsto para a permanência dos alunos nas escolas públicas de ensino é de quatro horas diárias. No entanto, na Escola “Luiz Gonzaga”, houve uma redução de trinta minutos, para atender às necessidades de divisão em três turnos de atividades e, assim, acomodar o número de matrículas e atender à demanda da comunidade. Para compensar o tempo reduzido no horário, a escola não oferece recreio para o aluno.

Quanto à estrutura física, há 42 salas de aula, sala de leitura, quadra de esportes, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais, refeitório e outros espaços. Existem também recursos tecnológicos como data show, televisão e salas de aulas climatizadas. No espaço educacional, há adaptações de acessibilidade, visto que a escola atende ao estudante com deficiência. Seu PPP considera que promover a “inclusão” é “oportunizar a todos os alunos um mundo alfabetizado” (PPP, s/p).

O quadro de profissionais que compõem a escola é formado por: uma Diretora Geral, uma Diretora Adjunta, uma Coordenadora Pedagógica, um Profissional de Apoio à Direção, uma Secretária Escolar, 37 (trinta e sete) professores – em dupla ou tripla jornada de trabalho, 04 Agentes Educadores, 02 funcionários em Apoio Administrativo, 07 Agentes de Preparo de Alimentos e 04 funcionárias terceirizadas para Serviços Gerais.

No primeiro contato com a escola, foi apresentado o projeto Diretora Geral da escola e explicado os procedimentos de pesquisa etnográfica. A justificativa para a escolha da escola, foi a partir do relato das famílias, que a maioria do aluno na comunidade possuía o perfil de sujeito que se pretendia estudar. Ao demonstrar disponibilidade para a realização da pesquisa, a Diretora corroborou que na escola havia um número significativo de alunos e alunas de origens dos estados do Nordeste do país, onde a entrada e saída dos alunos é uma constante, durante o ano período letivo.

Um dos motivos apresentados pela escola, para o deslocamento do aluno de forma mais frequente no ano de 2016 foram: as viagens para visitas a parentes no Nordeste e o desemprego dos seus pais. Este deslocamento das famílias com filhos para o lugar de origem já vinha sendo observado pela escola, uma vez que em alguns períodos do ano, o aluno ficava ausente da sala de aula, em outros casos. Pode-se verificar durante a pesquisa através de relatos, que a transferência do aluno da escola é para morar com parentes em outro lugar. Diante deste fato, a escola buscou desenvolver a conscientização junto às famílias, sobre a importância do término do período letivo, que, aos poucos, vem avançando quanto à frequência e a permanência do aluno durante todo o período escolar.

Diante deste primeiro contato com a Diretora da escola e com base nos objetivos do estudo, o grupo gestor da Escola (Diretora Geral, Diretora Adjunta, Coordenadora Pedagógica) autorizou a realização da pesquisa, por entender a importância do contexto escolar para esta tese. Foi observada a sala do 4º ano, turno da tarde, em colaboração, ou seja, a professora autorizou que a pesquisa fosse realizada em uma das suas turmas. No entanto, não foi possível o uso dos recursos audiovisuais utilizados para a coleta de dados no espaço interno da escola.

Optou-se por ir à escola, semanalmente, observar os eventos com anotações no caderno de campo, criando desta forma as notas etnográficas. Foram descritos densamente nos espaços da escola e da sala de aula. Além disso, utilizou-se o registro em áudio de conversas como notas complementares, fotografias, produção de texto do aluno que foi feita como intencionalidade da pesquisa, murais e outros documentos.

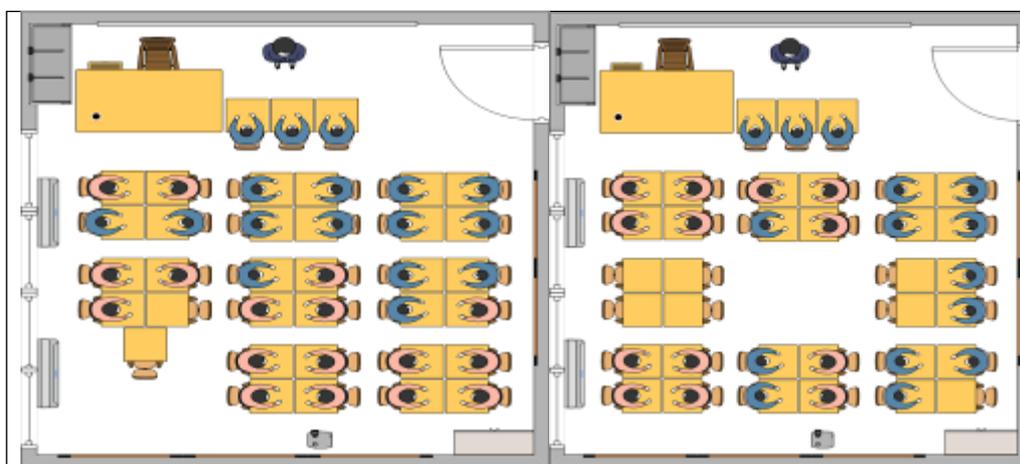
Além, disso, as anotações no caderno de campo ocorreram durante o processo de observação participante, com a presença da família na escola e em momentos de atividades artísticas e culturais.

1.3.6 Sala de aula: o aluno em mobilidade e aprendizagem

Na Escola Luiz Gonzaga, existem quatro turmas do 4º ano do ensino fundamental II. A sala de aula observada foi a da turma 4, do turno da tarde, que tem 41 estudantes matriculados. A média de frequência diária dos alunos nos dias de visita foi de aproximadamente 35. As aulas são ministradas pela professora colaboradora da pesquisa, das áreas específicas de educação física e música.

A sala de aula é ampla, tem dois aparelhos de ar-condicionado. Na parede lateral esquerda, existe um aparelho de *data show*, há acesso à internet, um computador e uma estante, utilizada para guardar o material didático. Às vezes, a internet não funciona, segundo a fala dos estudantes e da professora que colaborou. Na parede lateral direita há um mural no qual as atividades dos alunos e alunas são colocadas, porém, por toda a sala de aula, podem-se ver cartazes que mostram conteúdos das atividades realizadas. Ao entrar ali, os estudantes se sentam em seus lugares de forma aleatória. As carteiras e cadeiras estão organizadas em grupos de quatro lugares. Pode-se observar que essa organização é modificada conforme a imagem abaixo.

Figura 3 – Sala de aula do 4º ano, dias 29 de julho e 26 de outubro, respectivamente



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

Percebe-se que o agrupamento entre os meninos e as meninas na sala de aula se dá por afinidade, no entanto, quando as conversam entre colegas interferem no processo de ensino e aprendizagem, a professora muda de lugar, criando outras configurações diferentes na sala no decorrer do dia.

O tempo de aula é dividido em dois momentos: no primeiro, a professora faz as correções da tarefa da última aula, geralmente escrevendo respostas na lousa. Em seguida, os alunos se deslocam para o refeitório, pois é o horário do almoço. Eles seguem a professora, que, na maioria das vezes, anda de costas. Seu olhar atento acompanha os alunos sem perdê-los de vista durante o trajeto entre a sala de aula e o refeitório. Ao retornarem para a sala de aula, a professora retoma a atividade, explicando conteúdos novos e com atividades propostas. Essa rotina foi observada na maioria dos dias na sala de aula do 4º ano, no turno tarde.

1.4 Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram a entrevista, a observação participante acompanhada de registros no caderno de campo, registro de áudio e fotografias. Durante a realização das entrevistas com os alunos, utilizou-se o recurso do desenho para acompanhar sua fala sobre a realidade escolar e a trajetória das famílias.

As etapas e instrumentos que compuseram a pesquisa etnográfica realizada estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Atividades realizadas para o desenvolvimento do estudo

Ano 2 - 2016														Ano 3	Ano 4
Etapas		Jan	Fe v	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	2017	2018
Rio de Janeiro	Contato com o <i>loci</i> pesquisa													Análise de dados, elaboração e defesa da qualificação	Análise de dados e elaboração do texto final
	Levantamento das Famílias														
	Entrevistas														
	Entrevistas														
	Entrevistas														
	Contato com a escola														
	Observação participante														
	Recesso escolar (olimpíadas)														
	Observação participante														
	Finalização da pesquisa de campo														
	UERJ	Seminários de Pesquisa													

Fonte: Rosa, 2019. Acervo da pesquisa.

1.4.1 Entrevistas Etnográficas

A entrevista foi um dos instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados dos sujeitos participantes. Antes do início de cada entrevista, explicou-se cuidadosamente ao entrevistado sobre o tema e objetivo da pesquisa, foi lida e entregue uma cópia do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para consentimento dos sujeitos e por fim, solicitou-se a assinatura de cada participante.

A comunicação entre a doutoranda e os participantes durante a entrevista ocorreu de forma recíproca. Uma das explicações talvez seja a proximidade cultural e linguística, pois, há

dez anos, a pesquisadora residia no Rio de Janeiro, tendo vindo do Ceará. Recentemente retornou para o seu estado de origem.

Além da entrevista etnográfica, foram feitas anotações no caderno de campo e gravações em áudio e vídeo. Realizar as entrevistas com as famílias na comunidade foi um desafio para a pesquisadora e para eles, devido ao acesso difícil às casas e à rotina familiar, incluindo o tipo de emprego das pessoas, que ocorriam em turnos diferenciados entre os membros das famílias. Assim, os encontros só foram possíveis no período da tarde e alguns deles no intervalo para o almoço, o que explica o tempo curto de duração das entrevistas.

O conteúdo das histórias relatadas, embora fundamentais para a pesquisa, possuem informações sensíveis à situação de segurança dos que residem na comunidade de Rio das Pedras, visto que contém denúncias e fatos que podem não ser bem entendidos no contexto local. Esta questão não foi aprofundada, conforme já explicado anteriormente, pois nos pautamos nos temas migração e educação, assunto que, como demonstrado durante as entrevistas, despertou pouco interesse, visto que a motivação era a possibilidade de emprego e não a escola, de acordo com o relatório de campo. Os relatos destacavam emprego como razão que motivava a mobilidade, o *ir e vir* do Nordeste a Rio das Pedras, caracterizando-se a migração de retorno como uma categoria importante indicada nos dados do campo.

1.4.2 Observação Participante

A observação participante foi o principal método de coleta de dados deste estudo, realizada entre os meses de abril e dezembro do ano de 2016. As observações iniciais foram feitas na comunidade, junto às primeiras famílias contatadas e aos primeiros contatos da Escola Luiz Gonzaga. Elas não foram contabilizadas para esta fase de descrição da pesquisa, o que será feito mais adiante.

Em 13 de julho de 2016, iniciaram-se as observações da sala de aula do 4º ano, na turma 4. Totalizaram-se nove observações de sala de aula; uma observação no centro de estudos; duas no conselho de classe, totalizando aproximadamente cinquenta horas de observação participante na escola, conforme a tabela 2.

Tabela 2. – Registro das atividades de observação em sala de aula

Data	Identificação da atividade	Duração 0h 0min 0s
13/07	1ª observação da sala de aula	04:15:00
20/07	2ª observação de sala de aula	04:00:00
27/07	3ª observação de sala de aula	04:00:00
14/09	4ª observação de sala de aula	04:00:00
27/07	4ª observação na Sala de Reunião – Centros de Estudos (CE)	02:30:00
05/10	5ª observação no Conselho de Classe (3º COC)	03:00:00
05/10	6ª observação: a escola	04:00:00
26/10	7ª observação de sala de aula	04:00:00
09/11	8ª observação de sala de aula	04:00:00
16/11	9ª observação: a escola	04:00:00
23/10	10ª observação de sala de aula	04:00:00
30/11	11ª observação de sala de aula	04:00:00
06/12	12ª observação no Conselho de Classe (4º COC)	04:00:00

Fonte: Rosa, 2017. Acervo da Pesquisa.

As visitas à escola ocorreram semanalmente, às quartas-feiras, a partir das 10h, quando a pesquisadora chegava. A partir daquele momento, foi possível acompanhar a rotina de entrada dos alunos e alunas, como o descrito a seguir: às 11h., o sinal tocava, indicando o início do turno, o portão era aberto e os alunos entravam no pátio interno da escola. Através do sistema de som da escola, a coordenadora ou a diretora anunciava informes do dia. Ao entrar na escola, os alunos formavam filas atrás das professoras e do professor, que ficavam estrategicamente posicionadas em um ponto do pátio interno. Todos a seguiam, enfileirados, até a sala de aula, refeitório e outros espaços da escola.

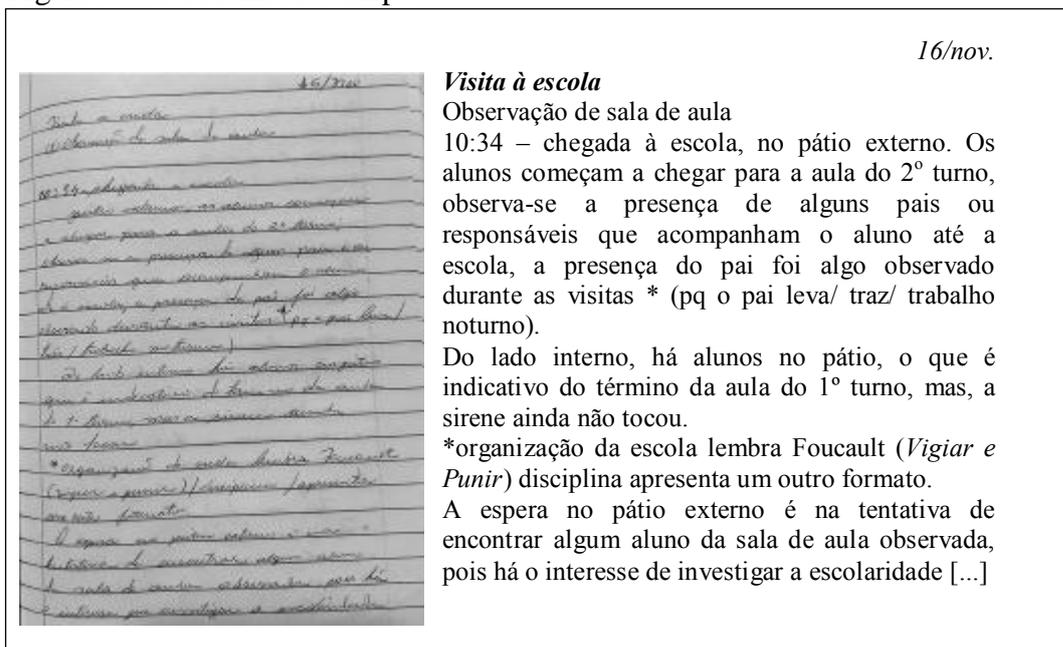
A observação participante é o principal método da coleta de dados, em que, na perspectiva etnográfica, quando gravadas através de recursos de áudio e vídeo, é possível ao pesquisador revisitar os dados, além da entrevista, que aprofunda os dados da observação e as notas de campo. Em função da complexidade dos fenômenos observados e dos limites de processamento da informação pelo pesquisador em compreender todos os aspectos em uma única observação, Erickson afirma que:

através de repetidas observações de um tipo particular de evento, o pesquisador pode dar atenção seletiva a diferentes aspectos desse evento, desenvolvendo com o tempo,

uma compreensão cumulativa desse evento como um todo, o que não seria possível em uma única observação (ERICKSON, 1988, p. 15)

É neste sentido que a observação participante contribuiu de forma significativa para este estudo. Destaque-se o caderno de campo, cujo uso é um aliado da pesquisa etnográfica em educação. Nesta pesquisa, as anotações no caderno de campo foram feitas durante todo o processo de coleta de dados, incluído as visitas à família e à escola.

Figura 4 – O caderno de campo



Fonte: ROSA, 2018. Acervo da Pesquisa.

O caderno de campo traz as notas e permite o acesso do pesquisador às situações descritas. Foi necessário transcrever esse material em um computador, além das entrevistas e produções dos alunos e fotografias criando um relatório de campo digital de dados etnográficos. Dos dados, emergem as vinhetas etnográficas. Vinhetas etnográficas são uma forma de organização e sentido produzido a partir das vozes do campo, do pesquisador e da literatura analisada.

Depois da sua sistematização, os sentidos das ações observadas foram revistos em um processo de análise indutiva de dados, ou seja, a frequência dos eventos, as falas e fatos que ocorriam no campo de pesquisa iam sendo contabilizados, gerando as temáticas, que, validadas após a leitura, tornaram-se categorias.

A comparação de evidências entre diferentes fontes é chamado de triangulação, processo que permite a validação dos dados observados, motivo pelo qual utilizaram-se procedimentos variados de coleta de dados. Para Erickson (1988, p.18):

[...] a entrevista, a coleta de cópias de registros escritos, anúncios, memorandos e cartas no cenário fornecem maior triangulação para qual as inferências interpretativas podem ser testadas, já que fornecem evidências sobre eventos que o observador não pode testemunhar diretamente.

Através da triangulação dos dados, ocorre a verificação de validade, razões por que a pesquisa etnográfica usa métodos variados na coleta de dados. Esses instrumentos etnográficos de coleta de dados e análises possibilitam uma visão detalhada da interação, que é apropriada quando se quer compreender uma prática educacional existente, para, assim, aproximar-se dos sujeitos em interação e do significado de um para o outro (ERICKSON, 1988).

Nos últimos anos, pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU), têm utilizado a abordagem etnográfica como metodologia de pesquisa, aliada ao uso de instrumentos de tecnologia como o *software* Atlas.ti, *EndNote* e elaboração do mapa conceitual. Para este estudo, tomamos esses recursos como instrumentos para o levantamento de categorias e análise de dados.

1.4.3 Registros audiovisuais como fonte de dados

Na pesquisa de abordagem etnográfica, o uso de áudio e vídeo fornece ao pesquisador evidências mais detalhadas do comportamento verbal e não verbal dos participantes da pesquisa. Neste sentido, os eventos devem ser transcritos literalmente, a análise e interpretação de dados devem ser acompanhados pelas notas do caderno campo.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e por uma assistente de pesquisa, utilizando-se de um *Ipad* e um *Iphone* como equipamentos de filmagens, e registradas através de recursos audiovisuais acompanhadas das notas do caderno de campo e fotografias. Como pode ser observado na imagem abaixo, a entrevista ocorreu no espaço de trabalho, uma ótica onde trabalha uma das colaboradoras da pesquisa. O lugar fica em um prédio comercial localizado na comunidade Rio das Pedras. Neste espaço, há outros pontos comerciais, onde pode-se perceber um número significativo de pessoas circulando, em função dos variados comércios do entorno, tais com: casa lotérica, farmácia, mercadinhos, também é próxima da Escola Luiz Gonzaga.

Figura 5 – Foto panorâmica da entrevista



Fonte: Rosa, 2018. Acervo da Pesquisa.

Todos os cuidados foram tomados, pois se tratava de gravações no local de trabalho, além disso, o ambiente apresentava um barulho externo, motivo pelo qual foi necessário aproximar o equipamento de gravação, para preservar o áudio.

As notas de campo resultaram no registro da assistente de pesquisa, que buscou a fidedignidade das ações e eventos dos sujeitos colaboradores da pesquisa. A gravação em vídeo permitiu a análise de cena diversas vezes, favorecendo a descrição dos detalhes, tanto no aspecto verbal como não verbal.

A seguir, destacamos um trecho da entrevista sobre a mobilidade da família entre os Estado da Paraíba e Rio de Janeiro.

Quadro 1 – Entrevista com minutagem

00:04:17 – Pesquisadora – Ficaram um tempo e retornaram, com o é que foi esse processo para você?

00:04:21 – Entrevistada – Esse processo para mim, no início eu achei estranho porque, aqui, a movimentação na cidade no Rio de Janeiro ela é bastante, é muito movimentada, e lá eu fui morar no sítio, então eu achei muito estranho. Aqui, a gente tem o costume de dormir meia noite, uma hora da manhã, lá, às nove horas já é muito tarde, você olha já não tem mais ninguém no sítio e nem nada. Então, eu achei meio estranho, mas, porém, a vida lá é mais saudável, muito mais saudável. Você acorda cedo, você caminha, você estuda, você tem a sua família por perto. Aqui não. Aqui é cada um no seu quadrado, você vai do seu trabalho para casa, de casa para o trabalho, se tiver escola no meu caso como era até o ano passado, e daí ia para a escola, chegava em casa almoçava, vinha para o trabalho, voltava do trabalho ia para casa, fazia os trabalhos da escola e ia dormir. Lá não, lá eu achava um pouco mais divertido, porque tinha a minha família e tem coisas boas lá e coisas ruins, lá para mim o que era mais ruim era pra trabalho, como via com 12 anos eu já tinha uma mente mais aberta, eu via que a concepção que não tinha muito trabalho, se eu continuasse vivendo naquele lugar, eu tinha que ir para a cidade, no caso Guarabira, João Pessoa, mas, em questão de descanso pra você viver uma vida saudável lá é bom. Aqui no Rio de Janeiro, é bom para quem quer ganhar dinheiro e estudo, lá é bom para quem quer descansar, lá é bom para quem tem um dinheiro fixo, uma renda fixa sem precisar trabalhar ou aposentado, que

você descansa. Meu pai fala, ele falou que quando se aposentar ou arranjar uma coisa que vai direto para lá, ele fala que aqui no Rio de Janeiro só para ganhar dinheiro, para descansar é lá.

Fonte: ROSA, 2018. Acervo da Pesquisa.

Na cena acima, o trecho da entrevista foi identificado pela minutagem, em que é possível analisar como foi descrita a mudança de lugar e a relação com a escola a partir da fala da entrevistada. A importância da minutagem consiste na identificação da cena no tempo de gravação. Neste caso, a cena é identificada em minuto e segundo a partir do início do vídeo, este processo foi feito durante a transcrição de áudio e vídeo e ajuda na identificação da cena que se quer destacar durante o processo de análise de dados. Isso facilita ainda a compreensão temática e as relações de sentido que os sujeitos da pesquisa dão, a partir do olhar da pesquisadora que julga como relevante ao estudo. Destacou-se, por exemplo, “vai direto para lá”, que é significativo para este estudo sobre a migração, pois demonstra o desejo do retorno ao Nordeste, bem como o significado atribuído pela família ao Rio de Janeiro, que é o local para ganhar dinheiro.

No espaço escolar e de sala de aula, não foi possível o uso do recurso de áudio e vídeo, na observação participante, as anotações foram feitas no caderno de campo, fotografias e gravações em áudio, como recurso complementar às notas do campo realizadas fora do espaço da sala de aula. Os áudios foram gravados principalmente na área externa da escola com estudantes. São trechos curtos, porém esclarecem, principalmente, a migração familiar. No contexto desta tese é um dado significativo, pois se quer compreender a sua relação com a escola pesquisada.

A utilização desses recursos durante o campo possibilitou a revisitação dos dados coletados sempre que necessário e, ainda, a análise de situações em diferentes recursos favoreceu a descrição de detalhes da cena observada. Todas as atividades de campo foram organizadas e transcritas pela pesquisadora e estão arquivadas no banco de dados da pesquisa na forma digital.

Os dados da pesquisa retratam a realidade social e educacional dos que vivenciam os processos migratórios no Brasil, com impacto na escolarização do sujeito em idade escolar. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa de abordagem etnográfica, foram eleitas entrevistas, observação participante com relatório de campo, fotografias e documentos.

1.5 Análise dos dados: análise, organização e tematizações

A análise de dados, neste estudo, constituiu-se de procedimentos e métodos norteados pelos instrumentos de abordagem etnográfica como: descrição, comparação e interpretação dos eventos de acordo com a interpretação da pesquisadora e, principalmente com a percepção dos participantes. Pois, na abordagem etnográfica há uma interação entre pesquisador e participantes de forma colaborativa, ou seja, o pesquisador participa da rotina dos pesquisados, observando, ouvindo e perguntando questões relativas ao objeto de estudo (MATTOS, 2005).

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: entrevistas produzidas em áudio e vídeo, anotações no caderno de campo durante as observações participantes, áudio complementar as notas de campo e demais fontes como fotografias, documentos escritos e/ou produzidos pelos sujeitos participantes. Nesta pesquisa, a análise de conteúdo se deu pelo método indutivo, a partir dos dados do campo e sustentado pelo referencial teórico desta tese.

Para este processo, utilizamos recursos manual e digital, para a organização e levantamento de categorias. Na forma digital, foi útil o *software* Atlas.ti, que é um recurso tecnológico que tem como finalidade facilitar o processo de análise e o manuseio dos dados da pesquisa, permitindo diferentes tipos de análises. Uma das possibilidades é a análise hermenêutica, com o objetivo de buscar sentido e significados e criar unidades de análises dos dados.

No *software* Atlas.ti, as seguintes ferramentas serviram de recurso: o armazenamento dos dados da pesquisa (hermenêutica), a codificação em palavras (códigos), grupos de códigos e citações codificadas que foram destacadas no documento analisado, sendo essa maneira fundamental para a interpretação de como as categorias se agrupam no contexto deste estudo. O processo de categorização ocorreu pela derivação dos sentidos do conteúdo de fala, as principais categorias de análises aqui apresentadas *mobilidade, família, condição socioeconômica e escola*, uma frequência de 6.428 palavras, destacadas com o auxílio do Atlas.ti, geram os textos a serem escritos, como resultado da imersão ao campo, conforme indica a seguinte tabela.

Tabela 3 – Categorias de análise

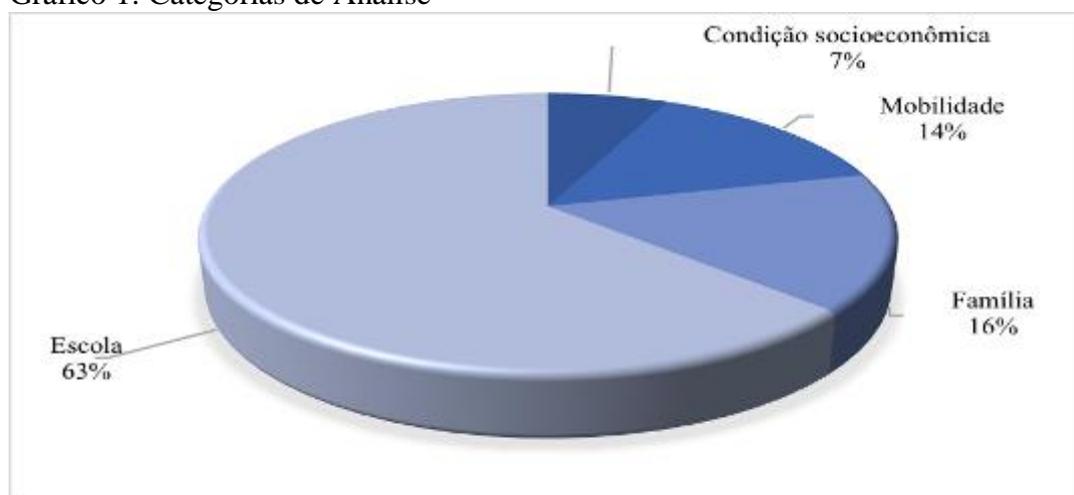
Categorias	Frequência	Percentual
Família	1.021	16%
Mobilidade	923	14%
Condição socioeconômica	432	7%

Escola	4.052	63%
TOTAL	6.428	100%

Fonte: Rosa, 2019. Acervo da Pesquisa.

O conteúdo das falas foi analisado pelo Atlas.ti, a partir do material de dois grupos de dados coletados no *loci*: o grupo I, através de entrevistas com as famílias na comunidade Rio das Pedras; o grupo II, com a observação participante no espaço escolar, destacando a sala de aula investigada e reuniões escolares. O gráfico abaixo apresenta a porcentagem das categorias e mostra como estão distribuídas em relação aos dois grupos de documentos analisados.

Gráfico 1: Categorias de Análise



Fonte: Rosa, 2019. Acervo da Pesquisa.

No gráfico 1, a maior proporcionalidade é atribuída à escola, incluindo, além das interações de sala de aula, as reuniões escolares; a outra parte, em menor proporção, representa a mobilidade social dos sujeitos em contexto migratório. Porém, a mobilidade criou sentido quando nas vozes dos sujeitos deste estudo. O processo migratório da família é motivado pela busca por melhores condições socioeconômicas. Essa é uma postura que se adotou na interpretação dos dados, mediada pelo sentido das descrições e análises do campo.

Abaixo, apresenta-se o quadro de tematização e frequência da análise dos dados que compõem os resultados da análise da pesquisa. A tematização dos dados reflete as explicações sobre a imigração dos sujeitos, oriundos da Região Nordeste do Brasil para a Comunidade Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, com ênfase nas relações escolares, entrelaçada com o objeto e os objetivos do estudo.

Quadro 2 – Tematização e frequência da análise dos dados

Aporte teórico			Tematização	Frequência Geral/Atlas.ti
Referencial Etnográfico de Pesquisa	Mobilidade: do Nordeste para Rio das Pedras	Construção social da escola	Mobilidade: do Nordeste para Rio das Pedras	2.376
			Mobilidade	Mobilidade, Nordeste, Comunidade Rio das Pedras
			Condição socioeconômica	Oportunidade, Empregabilidade, Renda
			Família	Rede de Apoio, Mãe/Pai, Avós
			Construção social da escola	4.052
			Escola	Sala de aula, Turma, Rotina
			Professor	Reunião, Vaga, Prova
			Aluno	Tarefa, Agenda, Comportamento

Fonte: Rosa, 2019. Acervo da Pesquisa.

Da análise apresentada conforme o quadro acima, depreendeu-se, a partir do grupo I, a ideia de mobilidade: do Nordeste para Rio das Pedras, destacando as condições socioeconômicas das famílias participantes do estudo no processo migratório; do grupo II, a construção social da escola, em que se discute como os professores descrevem a relação dos alunos oriundos da região Nordeste com a escola e como os alunos se veem na escola. Desta forma, se apresentaram as categorias e subcategorias que resultaram da imersão no campo de pesquisa, que foi fundamental no processo de escrita dos capítulos de resultados.

Apresenta-se ainda, um exemplo de como foi realizada a análise do evento de sala de aula observada com o Grupo II deste estudo. Das observações realizadas na escola, destacou-se um evento e uma cena para ilustrar a sala de aula e o aluno, em que se apresenta a descrição do contexto e o evento, destacando, dessa forma, um fragmento significativo contextualizado pela tematização dos dados. Para essa análise, Castro (2015) nos dá a base, ao destacar a cena e o evento ilustrando as análises.

Ainda em relação ao processo de análise, a forma manual foi retratada no quadro a seguir, que se refere a um evento extraído da observação participante na sala de aula da turma investigada.

Quadro 3 – Quadro de análise de dados para a tematização

Contexto: escola e sala de aula				
Eventos: observação de sala de aula, aula de língua portuguesa, correção de tarefa.				
Organização da sala de aula (chegadas dos alunos, mesas e cadeiras agrupadas em várias partes da sala, os alunos estão sentados)	Início da aula (professora em pé em frente aos alunos, depois faz a chamada pelo nome)	Solicita que se coloque a tarefa em cima da mesa	Correção da tarefa	Anotação da tarefa de casa
Análise de dados com foco na interação professor–aluno durante a tarefa				
Fala do aluno	Fala da professora	Caderno de campo	Livro do aluno	Tarefa de casa
Felipe: vou fazer o trabalho de casa que não fiz.	Professora: <i>no seu grupo não tem nenhum dever de casa em cima da mesa, eu vou anotar quem não fez.</i>	A professora faz a correção da atividade, escreve a resposta no quadro. Uma das questões é sobre área ocupada e explica que muitas casas não têm escritura da prefeitura e por isso não pagam IPTU. Muitos têm o documento que é feito pela associação de moradores.	 <p>A tarefa refere-se ao tema construções, pode-se perceber que, pelas falas (aluno, aluna, professora) a origem da comunidade ocorreu a partir da ocupação da área.</p>	Professora: <i>anota logo a tarefa de casa, fazer a tarefa das páginas 19 e 20. Anota aí.</i>
Tematização: estudar, aluno, professora, comunidade				

Fonte: Rosa, 2018. Acervo da Pesquisa.

A cena destacada foi extraída das anotações do caderno de campo durante a observação participante de sala de aula. Envolve a professora da turma e o aluno Felipe, que participava da tarefa proposta na aula de língua portuguesa. Essa análise foi realizada manualmente, em seguida fez-se agrupamento de acordo com a identificação temática, associadas a outros instrumentos da pesquisa etnográfica, tais como: documentos, fotografias

e entrevistas. Com a triangulação de dados, identificamos como ocorreu a ocupação na comunidade do ponto de vista da mobilidade; na escola, a relação do aluno e professora com a tarefa, em que se destaca o tema de estudo.

Da análise apresentada no quadro acima, entende-se por mobilidade o ir e vir dos sujeitos da pesquisa, entre algumas cidades do nordeste e a comunidade Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. A mobilidade envolve conceituações que, neste estudo, corresponde ao deslocamento familiar com a chegada ao novo lugar de moradia de uma parte significativa de famílias originárias do Nordeste, que tem buscado alcançar melhores condições sociais na região sudeste do país.

A escolha da Comunidade Rio das Pedras como o local atual de morada acontece pela possibilidade de se obter trabalho, pela rede de apoio formada por familiares, amigos e outras pessoas. Há manutenção do vínculo com o Nordeste e desejo de retornar para o lugar de origem ou locais próximos, como apontado pelos sujeitos participantes.

Do ponto de vista da educação, a relação com a escola ocorre da interação dos sujeitos participantes do estudo, tensionada por valores diferenciados entre a cultura de cariocas e a de nordestinos. As análises derivam da observação participante na escola, apresentados na forma de vinheta etnográfica. Na perspectiva dos sujeitos desta pesquisa, a escola é vista como parte para a ascensão social do aluno, porém as condições sociais de algumas famílias e a mobilidade destes sujeitos, muitas vezes, ocasiona a saída e a entrada do aluno da escola durante todo o período letivo, fato apontado pelo gestores da escola como algo que pode interferir nos resultados escolares.

O capítulo a seguir, trata da revisão de literatura desta tese. Nele, buscamos explicar a migração, utilizando categorias e subcategorias que emergiram das teses, dissertações e artigos científicos através do uso do *software* Atlas.ti e dos mapas conceituais.

2 MIGRAÇÃO EM CONTEXTO DE DESIGUALDADE

Apresenta-se, neste capítulo, uma discussão teórica sobre a migração, que se pautou na revisão de literatura desta tese. Tem como objetivo apresentar discussões conceituais e de autores que serviram de arcabouço teórico e epistemológico a partir das categorias imigração, educação e nordeste. Define-se migração como um processo de ir e vir, entre a região nordeste e a região sudeste do país, especificamente para o Rio de Janeiro, na comunidade de Rio das Pedras. Portanto, o ir foi entendido como o outro lugar, podendo ser uma cidade, estado, região; enquanto o vir significa o retorno para o seu lugar de origem e manter vínculos familiares.

Esta definição foi fundamentada a partir das vozes dos sujeitos participantes desta pesquisa, o lugar do relato desses sujeitos é a comunidade de Rio das Pedras, localizada no Rio de Janeiro. São sujeitos que imigraram de cidades da região nordeste em busca de melhores condições de vida, oportunidades para trabalho e estudo no Rio de Janeiro, que, ao mesmo tempo, é visto como um lugar de transição, pois, em sua maioria, os imigrantes nordestinos que compõem este estudo relatam que pensam em viver um tempo e retornar para o local de origem ou áreas próximas. Ainda que muitas dessas situações migratórias envolvendo famílias tenham sido exploradas na atualidade, faltam estudos que apontem a vivência do aluno em processo migratório na escola, buscando compreendê-lo com vistas a encontrar formas de superação das desigualdades de acesso, permanência e evasão em função do contexto social familiar.

Neste estudo, as desigualdades permearam as pesquisas estudadas, indicando a complexidade e heterogeneidade dos movimentos das pessoas ou grupos de diferentes contextos sociais e culturais no Brasil e no espaço internacional. Esse fato também tem sido noticiado pela mídia, nas discussões de organizações nacionais e internacionais que se dedicam às políticas para as populações deslocadas, refugiadas e migrantes.

Conceitos e definições são partes do referencial conceitual que permeia o processo de construção de conhecimento desta tese. Para isso, estão presentes definições e delimitações dos sentidos de tais definições. Assim, dois documentos serviram de base para a escrita deste capítulo, O primeiro é o Censo Demográfico de 2010, de cunho quantitativo, que lança mão de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses dados são amplos e tratam da movimentação da população brasileira. O período de referência é do último censo, no qual podemos encontrar detalhada a configuração demográfica dos locais e dos

aglomerados urbano em seu interior. O segundo é um livro de uma pesquisa etnográfica realizada pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC/RIO sobre a Favela de Rio das Pedras. Trata-se de *Utopias da comunidade Rio da Pedras uma favela carioca* (BURGOS, 2002), uma referência importante, por descrever a criação da favela de maneira sólida e detalhista, com diferentes categorias analíticas.

Este capítulo elenca ainda 40 estudos publicados entre os anos de 2005 e 2018: 05 teses, 03 dissertações e 32 artigos em periódicos, além de publicações que não se encontram disponíveis *online*, que somam 05 livros e 02 Relatórios. Foram escolhidas páginas eletrônicas do Scielo, o Banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Programas de Pós-Graduação em Educação, os sites mais visitados foram do ProPed, da CAPES, do IBICT e do Scielo.

Em linhas gerais, notamos que os artigos científicos discutem várias temáticas. Buscamos apresentar as produções analisadas, que estão relacionadas ao objeto de estudo, a partir de quatro agrupamentos: i) artigos científicos envolvendo a educação e migração; ii) artigos que discutem conceituações e a migração de retorno para o nordeste; iii) migração nos dados demográficos; e iv) migrações nas teses e dissertações da CAPES.

O número reduzido de estudos analisados deve-se à dificuldade em se combinarem as palavras chaves utilizadas para a busca dos textos. Foram elas: Educação, Migração, Nordeste e Rio de Janeiro. Os documentos foram acessados, selecionados e organizados com o apoio do software *EndNote*. Após a leitura e análise dos textos, construíram-se mapas conceituais, de modo a identificar como os autores abordavam o tema migração no contexto do Nordeste para o Rio de Janeiro.

Neste processo foram destacadas as citações mais significativas que compunham as referências utilizadas por eles. Em sequência, foram realizadas as análises com o *software* Atlas.ti, para auxiliar na classificação e confirmação das categorias (MATTOS; CASTRO, 2010). Durante as análises da dissertação de mestrado de Rosa (2012), recorremos ao recurso de *software*, que se tornou um facilitador para as análises de dados bibliográficos. Adotou-se o mesmo recurso para as análises dos textos e de conteúdos de falas e outros tipos de dados envolvendo o processo indutivo desta pesquisa.

Durante o processo de análise pelo *software* Atlas.ti, foram criadas tabelas, que emergiram eletronicamente através das construções hermenêuticas. Para sua redução, foram eliminados termos não específicos ou pertinentes ao objeto de estudo da tese, assim como aqueles com frequência menor que cem vezes. O objetivo foi traçar um panorama internacional, nacional e regional sobre a migração, a frequência com que as temáticas

apareciam nos textos e o percentual de seu aparecimento. Destacaram-se: países, regiões e cidades, características migratórias, trabalho e escola. A partir desse ponto, foi criada uma unidade hermenêutica que contribuiu para que se mergulhasse sobre as categorias emergentes principais e as subcategorias que compuseram a revisão da literatura, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 4 – Categorias e subcategorias dos textos analisados

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Local	Países, Regiões, Cidades
Características	Aglomerados populacionais, Mobilidade, Retorno, Residência, Imigração, Emigração, Migração
Trabalho	Rede de apoio, Sociedade, Fazenda, Diferente, Desigual, Pobreza, Produção, Renda, Governo, Saúde, Construção
Escola	Processos de ensino, Estudantes, Acesso, Turma, Cultura, Política, Níveis de ensino, Práticas, Particulares, Professora, Pública.

Fonte: Rosa, 2019. Acervo de pesquisa.

O quadro acima inclui os resultados da revisão de literatura e apontou para a interseção dos grupos temáticos: o local de migração tem relação com as características e os processos migratórios; através da escola, o sujeito terá a oportunidade de ascensão social e de construir uma renda por meio da educação, interferindo nas condições sociais.

A seguir, serão descritas as categorias nos textos analisados, o pertencimento e *habitus* de migrante e a comunidade de Rio das Pedras no contexto da pesquisa.

2.1 Migração na Pesquisa Bibliográfica

Ao realizar a revisão de literatura, no *corpus* analisado, destacou-se o uso dos conceitos *migrante*, *imigrante* e *refugiado*, por entender a mobilidade como uma categoria central que envolve relações de presença e ausência como parte de um mesmo processo, gerando as análises do texto em tela.

2.1.1 Local de migração

Os textos examinados apontam local de migração como *locus* de mobilização das pessoas. O local é escolhido por proximidade de fronteiras, por características econômicas, for facilitação no trato com os documentos e maior aceitação de imigrantes, por motivações políticas, por crises sociais e financeiras, por tratados internacionais, por desastres naturais, e até mesmo por guerras e conflitos armados entre povos, nações e grupos. Portanto, o local sinaliza muitos aspectos do processo migratório, mas tem sua maior marca como o espaço que recebe e, para tal, precisa acomodar de diferentes modos o contingente de pessoas que chegam sem que para isso exista, necessariamente esse espaço. Deste modo, não há nenhum espaço migratório livre de mudança; muda o local de saída alocando maior espaço por habitante, e muda o de chegada, contraindo-se para alocar mais habitantes no mesmo espaço.

Mas o local não é só físico ou territorial, é um local de cultura, de vida, de clima, de vegetação, de alimentação diversa, de compartilhamento e de assimilação do pertencimento de outrem que sequer se sabia pertencer. Isto é, que sente esse pertencimento como um status provisório.

Lugar e tempo foram dois termos recorrentes nos dados sobre imigração. Tempo refere-se ao período de morada sem interrupção e é apontado pelo IBGE como um indicativo do retorno do imigrante ao lugar de nascimento. Enquanto o tempo delimita a permanência do migrante em um lugar, muitas vezes associada à atividade econômica: o tempo da colheita, o tempo sazonal e o tempo das chuvas.

Se, por um lado, algumas pessoas se movem para estudar e trabalhar como parte da decisão de migrar; outras são forçadas ao deslocamento por perseguições e ameaças. O Relatório Anual *Tendências Globais*, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em 19 de junho de 2018, informou que, no ano de 2017, deslocaram-se em todo o mundo, 68,5 milhões de pessoas, movimento resultante de perseguições, conflitos e/ou violência. O documento indica que os deslocamentos forçados atingiram níveis altos globalmente e revelaram que a população em deslocamento aumentou em 2,9 milhões em relação ao ano de 2016, correspondendo a aproximadamente 25,4 milhões de refugiados. De acordo com este relatório, a maioria deles vive em áreas urbanas 58%, sendo 53% crianças.

O ACNUR (2018) utilizou as seguintes noções para identificar os sujeitos que se deslocaram em âmbito internacional:

- a) Refugiado: pessoa que precisa de “proteção internacional” por causa de risco de violência ou perseguição.
- b) Deslocados internos: pessoas forçadas a fugir de suas casas para outro lugar em seu próprio país.
- c) Apátrida: indivíduo que não tem nacionalidade de nenhum país e, conseqüentemente, necessita recorrer aos órgãos de direitos humanos e do acesso a serviços daqueles que têm cidadania.
- d) Retornados: sujeitos que tiveram o status de refugiados e solicitantes de refúgio, e que retornaram voluntariamente a seus países de origem.

As diferentes formas de lidar e conceituar o outro têm influenciado nas decisões de alguns países quanto ao acolhimento das pessoas que migram quanto a áreas de ocupação, proteção e direito.

Com o crescimento da população migratória nos últimos anos, pactos internacionais e ações humanitárias são efetuados na tentativa de garantia dos direitos básicos, econômicos e sociais dessa população. No entanto, alguns países adotam políticas restritivas à entrada de pessoas estrangeiras. O documento informou ainda que não é possível uma análise detalhada das condições em que vivem os refugiados e reconhece que alguns dados podem ser discrepantes quanto à realidade das condições em que vivem, por existirem 85% dos refugiados em países em desenvolvimento, muitos dos quais são pobres.

O *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2019* (UNESCO, 2018) é outro documento importante para pesquisadores do tema migração. O texto discute a educação para refugiados e migrantes, a partir do financiamento de um grupo de governos, agências multilaterais e fundações privadas com o apoio da organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O documento reconhece que os movimentos populacionais podem causar impactos nos sistemas educacionais, uma vez que as leis e políticas de alguns países deixam de atender refugiados e migrantes, negando seus direitos. Há destaque para a importância de pactos internacionais, como os que estão voltados para a educação.

De acordo com a UNESCO, “migrantes, refugiados e deslocados internos estão entre as pessoas mais vulneráveis do mundo e incluem moradores de favelas, migrantes sazonais que lutam pela subsistência e crianças em centros de detenção” (UNESCO, 2018, p. 5), exemplificando alguns países em que a educação contribui para a superação de estereótipos, preconceitos e discriminação daqueles que necessitam de oportunidade, reconhecendo os desafios a serem enfrentados nos espaços escolares, comunidade e mercado de trabalho.

De acordo com esses dados, jovens e crianças em processos migratórios podem não apresentar os mesmos resultados educacionais de seus colegas e, no caso do Brasil, “entre adolescentes nascidos em 2000 e 2001 na Região Nordeste, os que migraram durante a escola secundária, obtiveram taxas de progressão piores do que os que ficaram” (UNESCO, 2018, p. 12). As explicações para o dado apresentado sobre a imigração interna no país podem ser motivadas “pelo *status* legal precário à pobreza, passando pela atenção governamental inadequada ou por preconceito e estereótipo” (UNESCO, 2018, p. 12).

A partir dos documentos citados (ACNUR, 2018; UNESCO, 2018), há indicadores de movimentos permanentes ou temporários, em que esses fluxos populacionais ao redor do mundo tendem a criar demandas por políticas públicas. Alguns países têm buscado pactos globais no atendimento às suas populações, por reconhecerem que as soluções para a crise migratória são escassas, indicando especificamente, para os sujeitos em idade escolar, a necessidade de oportunidades educacionais voltados às populações de refugiados e migrantes em âmbito nacional e internacional.

A seguir, as tabelas 4, 5, 6 ilustram a categoria *Local*, como já explicado. A tabela 4 indica a imigração internacional. A partir deste resultado, foram analisados em que contextos os países mais citados apareciam nos textos estudados.

Tabela 4 – Países mais citados nos textos estudados

Países	Frequência	Percentual
Venezuela	1789	64%
Portugal	308	11%
França	260	9%
Haiti	121	4%
Alemanha	117	4%
México	112	4%
Itália	103	4%
Total	2810	100%

Fonte: Rosa, 2019. Acervo da pesquisa.

Iniciou-se uma busca por um estudo originário da área do Direito, de onde surge a dissertação de mestrado de Waldman (2012), que mostra alguns dados:

Faz-se presente de modo expressivo nos debates atuais sobre a migração internacional e o direito dos migrantes no país de destino, a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros de suas Famílias, adotada pela Assembleia Geral em 18 de dezembro de 1990 (Resolução nº 45/158). A Convenção só entraria em vigor após a ratificação ou adesão de vinte Estados, o que ocorreu mais de uma década depois, em 1º de julho de 2003. Com seu advento sob um contexto de grande circulação de pessoas e da imposição de políticas migratórias cada vez mais restritivas e seletivas ao ingresso de imigrantes internacionais nos Estados, observa-se, até o mês de agosto

de 2012, a sua ratificação por apenas quarenta e seis países. Não constam neste rol os Estados de grande recepção de fluxos migratórios. Na América do Sul ratificaram a Convenção os Estados da Argentina (2007); Chile (2005); Guiana (2010); Paraguai (2008) e Peru (2005); aderiram Bolívia (2000); Colômbia (1995); Equador (2002) e Uruguai (2001) e assinou a Convenção a Venezuela (2011) [...] Ela se fundamenta em diversas normas internacionais vigentes, dentre elas o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial e a Convenção sobre os Direitos da Criança. E inova ao fazer uma leitura destes direitos já reconhecidos por instrumentos internacionais a partir das necessidades específicas dos trabalhadores migrantes e membros de suas famílias (WALDMAN, 2012, p. 163-164).

A autora discutiu sobre a garantia dos direitos aos imigrantes que residem no Estado de São Paulo, com ênfase na questão escolar. A partir dos documentos analisados, foi apontada a necessidade de uma legislação que inclua o direito à educação escolar para todos os imigrantes no Brasil.

Os países mais citados nos textos estudados foram: Haiti, Alemanha, México e Itália. No contexto da ajuda humanitária, o Haiti aparece como vítima de catástrofe natural. Foi o país com o maior número de mortos em desastres naturais nos últimos vinte anos. Portanto, catástrofes naturais contam entre os motivos pelos quais os povos migram.

A Alemanha e a Itália, no contexto do fluxo migratório de fronteira, contribuem para aliviar a situação de pobreza e miséria de imigrantes nos países da Europa e na África. O México aparece como um problema para os Estados Unidos da América (EUA), como um dos países com maior fluxo migratório de fronteira já existente na América do Norte. Nos EUA, este fato serviu e serve como plataforma política para vários postos do governo e, mais recentemente, para a eleição do presidente Donald Trump, que promete construir um muro na fronteira do México com o Estado da Califórnia, aos moldes dos Muros da Irlanda do Norte, construídos por razões religiosas; do conhecido “Muro da Vergonha” erguido em Berlim; o Muro da Cisjordânia, que separa o Estado de Israel, dentre outros existentes no mundo.

Embora o contexto deste estudo seja a situação nacional, consideramos importante apontar a situação das migrações internacionais, pois o Brasil é um dos países com maior registro de fluxo migratório: aproximadamente 10.141 refugiados, em 2017, com origens de 80 países, indicando a sua participação no cenário internacional.

Entendeu-se que a migração envolve o amparo interno de cada país, no caso do Brasil, é regulamentado através da Lei Nº 13. 445⁴, de 24 de maio de 2017. De acordo com o Art. 1, §1º, o termo imigrante refere-se à pessoa nacional de outro país ou apátrida, que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil. A principal diferença entre o

⁴ A Lei 13.445 de 24 de maio de 2017, institui a Lei de Migração. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm. Acesso em 16/10/2019.

imigrante e o refugiado é o princípio da proteção, que constitui como um patrimônio do direito internacional, baseado na Convenção de Refugiados de 1951, no Protocolo de 1967 e na Convenção de 1969 da Organização da União Africana (OUA).

O documento dispõe também sobre os direitos e deveres do migrante e regula a sua entrada no país. A seção II, Dos princípios e das Garantias, Art., 3º trata da política migratória e aponta as seguintes diretrizes: repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e quaisquer formas de discriminação. Valoriza, ainda, a igualdade de tratamento e de oportunidade, a inclusão social por meio de políticas públicas e o acesso igualitário a benefícios e programas sociais, educação, entre outros.

Trata-se de grupos de pessoas com diferenças socioculturais, considerando o direito à educação e a importância da legislação no contexto das migrações, pois crianças e jovens correspondem a um número significativo nos processos migratórios. No contexto internacional, as migrações venezuelanas apresentam desafios para a América do Sul: no caso do Brasil, o espaço migratório na fronteira Norte, em particular no Estado de Roraima, existem esforços de diferentes atores sociais referentes à acolhida destes sujeitos, tais como: documentação, abrigo, políticas de interiorização, entre outras ações (BAENINGER; SILVA, 2018).

O cenário atual de crise da Venezuela amplia exponencialmente a participação do Brasil no quadro das migrações internacionais. O governo Maduro contribuiu para que grande parte da população buscasse no Brasil e em outros países vizinhos um espaço onde tivessem respeito aos seus direitos imigratórios, o que pode ser confirmado na tabela 1, em que a Venezuela figura como o primeiro local a ser mencionado com 64% de frequência nos dados.

As crises políticas, econômicas e sociais fizeram do Brasil a porta de entrada dos venezuelanos pelo estado de Roraima. Eles fogem da dramática crise humanitária que lhes atinge no momento, entrando pela cidade de Pacaraima, que, por sua vez, vive situação de cidade pobre de fronteira, com poucos recursos para sua própria população. O caos causado pela crise migratória contribuiu para o aumento da violência e para a escassez de serviços e insumos na cidade. O número dos que chegam é assustador. De acordo com as notícias midiáticas, em 2018, mais de 30 mil venezuelanos solicitaram ao governo brasileiro a regularização de sua situação como imigrantes.

De acordo com o estudo em questão, em algum momento, a Venezuela esteve relutante em assinar tratados legais de que hoje é beneficiária como o Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial e a Convenção sobre os Direitos da

Criança. Nele, de acordo com Waldman (2012), a família, a criança e o trabalhador que migram da Venezuela, contam com garantias especiais no Brasil que facilitam suas inserções socioeconômicas.

O segundo estudo é uma dissertação de mestrado da área de Relações Internacionais que estudou as políticas migratórias no Brasil. Nele, Siciliano (2013, p. 20) assinala que as “Políticas Migratórias não costumam ser tomadas como políticas voltadas a regular a convivência entre cidadãos nacionais e imigrantes, mas igualmente se ocupam do controle, ou das formas de controle, do fluxo de migrantes”. Em relação aos acordos comerciais do Mercosul, a Venezuela se associou a outros países sul americanos, mas contou com a resistência do Paraguai, quando da sua entrada, em 2012, pouco antes de ter deflagrada a crise social.

Ao tratar da política migratória, é importante notar as medidas adotadas pelo governo no que diz respeito à entrada, à permanência e à saída, pois a mesma pessoa é, simultaneamente, emigrante e imigrante. Sobre acordos comerciais do Mercosul, o autor explica que

Inspirado pela experiência de unificação progressiva da Europa, o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) objetivou integrar seus Estados Partes de modo a conferir-lhes um âmbito inicialmente comercial e crescentemente político, visando a um melhor posicionamento econômico na arena internacional. O surgimento desse Mercado Comum pressupunha a existência de quatro liberdades: i) livre circulação de pessoas; ii) livre circulação de capital; iii) livre circulação de bens; e iv) livre circulação de serviços. Entretanto, o próprio Tratado de Assunção, em seu artigo primeiro, limita-se a buscar “a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países”, deixando de fora propositalmente a livre circulação de pessoas. Em 1996, por meio de Acordos de Cooperação Econômica, associaram-se ao bloco a Bolívia e o Chile, que adquiriram o status de Estados observadores e passaram a acompanhar algumas reuniões em nível ministerial do bloco. Posteriormente, Colômbia, Equador e Peru também se associaram ao MERCOSUL e, em 13 de agosto de 2012, apesar da resistência Paraguaia, a Venezuela ingressou oficialmente no bloco. Embora as questões comerciais dominem a agenda do bloco, importantes passos têm sido dados visando melhorar o fluxo de pessoas através das fronteiras internas do bloco (SICILIANO, 2013 p. 37).

A pesquisa sinaliza que existe no Brasil uma prática seletiva quanto ao ingresso de imigrantes estrangeiros e que essa seletividade “diz respeito especialmente à origem do imigrante, pois os imigrantes de países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), em razão de acordos internacionais contam com privilégios” (IBID, p. 50). O autor salienta que as condições que privilegiam a imigração de pessoas desses países “decorre do favorecimento à imigração de pessoas que estejam previamente empregadas, desde o exterior, por empresas atuantes no país” (SICILIANO, 2013, p. 50).

Neste contexto, introduz-se o segundo país mais citado como local de migração: Portugal. O país colonizador pratica hoje uma das políticas mais agressivas de chamada migratória de brasileiros, em especial para moradia e trabalho.

Dos textos analisados, 19 inserem Portugal como local de migração. São eles: Stübe Netto (2008), Truzzi (2008), Barbosa (2010), Brito (2010), Damergian (2009), Costa (2010), Nogueira (2010), Reis (2011) Waldman (2012), Silva (2012), Siciliano (2013), Meyer, *et al.* (2014), Becker e Borges (2015), Bartlett, Rodríguez e Oliveira (2015), Cássia (2015), Corrêa, *et al.* (2015), Vilela, Collares e Noronha (2015), Oliveira e Kulaitis (2017) e Radhay (2018). As motivações mais recorrentes que justificam o fluxo migratório Portugal-Brasil e vice e versa são, em primeiro lugar, a língua comum e, em segundo, as redes de parentescos. O estudo de Truzzi (2008, p. 200) indica que existe uma “cadeia que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino”.

Entretanto, o caso de Portugal não se limita apenas à imigração brasileira. De acordo com Barbosa,

De 1999 a 2001, um total de cerca de quatro milhões e meio de indivíduos entrou nos quinze estados da “União Europeia”. Acompanhando as tendências mais globais da União Europeia, Portugal transformou-se de país de emigração em país de imigração, jogando agora nos dois registros da movimentação de pessoas por entre as fronteiras dos Estados territoriais. As migrações induzidas pelas transformações da economia global, especialmente dos países pobres para os países ricos, estão acabando rapidamente com Estados-nações etnicamente homogêneos ou com pretensões de ser, se não na intimidade da esfera privada, pelo menos na esfera pública. Os imigrantes recém-chegados apresentam maior variedade cultural e recusam, mais frequentemente, abandonar as suas sensibilidades e singularidades culturais em proveito de uma identificação completa com a cultura hóspede. As populações migrantes, graças às facilidades criadas pela telemática e pelas viagens de baixo custo, a que se acrescentam as emissões televisivas em língua vernácula, já não se encontram desligadas da sua pátria. Agora, os emigrantes circulam entre lares, ou mesmo entre empregos e negócios, no país antigo e no novo. O lugar de origem, nessas condições, nunca fica definitivamente para trás: a ele se pode voltar, sem sair do lugar, e nele se pode encontrar um refúgio simbólico para as desventuras da emigração (BARBOSA, 2010, p. 100).

É interessante notar como as redes migratórias ocorrem, algumas vezes, em bloco; desse modo, modificam culturalmente seus migrantes, firmando-se em suas origens e de certo modo transformando os locais de chegada como um pequeno pedaço territorial cultural de expressão próprias. A distância territorial entre as áreas não representa um afastamento da sua cultura local, a autora fala no “refúgio simbólico”, assim a multiculturalidade aparece como um traço da migração que interfere nos laços interativos com pouca ou nenhuma presença da cultura local como um anteparo para a mobilidade das pessoas.

Essa questão também é explorada por Brito (2010), ela própria uma brasileira autoexilada na França durante o regime militar, que utiliza o conceito de *habitus*, de Bourdieu, para explicar o que chama de gênese da noção de *habitus* de migrante, conceito elaborado por Jean-Claude Kaufmann (2001):

o *habitus* de migrante é uma segunda natureza, que se constrói através da sucessão de experiências vividas durante os processos de mobilidade espacial, durante os quais as pessoas que se deslocam adquirem novos esquemas mentais e novas disposições morais e corporais. Ou ainda, uma inteligência implícita, situada entre reflexividade, memória e inconsciente, sepultada no mais íntimo dos seres, que se sedimenta nos indivíduos e serve, por sua vez, de instrumento de transmissão das aquisições culturais. Mas o *habitus* de migrante comporta, igualmente, aspectos descritos pelo conceito bourdieusiano de *habitus*, na medida em que, à força de se repetir, essas disposições adquirem uma certa estabilidade, se tornam mais ou menos socialmente estruturadas — e, por isso mesmo, estruturantes (BRITO, 2010, p. 433)

Na migração, o sujeito adquire conhecimentos durante os deslocamentos, isto é, leva consigo experiências já consolidadas e adquire novas. Brito (2010), ao descrever a migração de estudantes brasileiros para a França, em busca de formação em nível de pós-graduação, demonstrou a disponibilidade do país para receber estudantes e trabalhadores de diferentes locais no mundo. A autora sinaliza que a disposição para ser recebido favorece o fluxo migratório para o país e, de certa forma, contribui para gerar condições favoráveis de vivência e permanência no local.

A história familiar e pessoal é um dos componentes mais fortes do *habitus*: um certo tipo de experiência não se constrói no vácuo. Esses estudantes tinham, ao longo de suas trajetórias, sofrido influências iniciais que criaram neles um terreno fértil para a experiência no exterior. Pode-se mesmo dizer que pelo menos um dos sistemas de disposições que estruturam seu *habitus* era composto de tal maneira que ultrapassar as fronteiras nacionais integrava seu universo imaginário de possíveis (Bourdieu, 1980), mantinha uma certa familiaridade com o exterior, comportava uma dimensão internacional. A análise de suas histórias de vida permite distinguir a gestação de condições favoráveis que fazem com que a possibilidade concreta de partir para o exterior se enxerte em terreno propício (BRITO, 2010, p. 435).

A história de vida dos sujeitos do estudo de Brito (2010) permitiu compreender que, embora existam diferentes aspectos culturais entre o Brasil e a França, atividades do cotidiano apresentam semelhanças, tais como levar o filho à escola, fazer as compras, ações que contribuem para com o processo de socialização e internalização de novos conhecimentos.

A imigração internacional não é objeto deste estudo, porém, por entender que os tratados internacionais e as diferentes características dos fluxos migratórios contribuem para que entendamos os conhecimentos que interferem e compõem a discussão no contexto do Brasil, em especial, a imigração de nordestinos para o Rio das Pedras, no estado do Rio de Janeiro, optamos por apresentar alguns dados e reflexões.

A tabela 5 indica as regiões do Brasil. Nela, as regiões mais citadas nos textos estudados foram o Sul e o Nordeste.

Tabela 5 – Regiões do Brasil mais citadas nos textos estudados

Regiões	Frequência	Percentual
Sul	688	33%
Nordeste	572	28%
Norte	390	19%
Sudeste	249	12%
Oeste	175	8%
Total	2074	100%

Fonte: Rosa, 2019.

A região Sul justifica-se no contexto da imigração pela proximidade de fronteiras entre o Brasil e países vizinhos, como Uruguai. Sabe-se que, com exceção do Chile e do Equador, todos os países da América do Sul fazem fronteira com o Brasil. Ao norte: Suriname, Guiana, Venezuela e um território pertencente à França, a Guiana Francesa; a noroeste: Colômbia; a oeste: Peru e Bolívia; a sudoeste: Paraguai e Argentina; ao sul: Uruguai. Portanto, um grande número de estudos que envolvem a migração explora o tema fronteira Norte e Sul como referência para o fluxo migratório.

No que se refere ao deslocamento populacional entre regiões do país, o principal fator apontado é o desenvolvimento econômico. A industrialização em São Paulo e no Rio de Janeiro criou um desequilíbrio com o fluxo de pessoas que migraram do campo para a cidade, o que contribuiu para a formação das aglomerações metropolitanas nestes centros urbanos. Brito (2006) indicou que, de acordo com os dados do Censo Demográfico de 2000, vem ocorrendo uma diminuição do processo migratório para a região Sudeste e isso indica o retorno da população para o local de origem ou áreas próximas.

A região Nordeste do país foi de onde partiu um número significativo de imigrantes para o Sudeste, incluindo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Brito (2006) e Baeninger (2012) concordam que as pessoas que retornam costumam voltar para os locais de onde partiram. As análises apontam uma reconfiguração da migração interna no país, o que se dá de forma mais reversível e de acordo com a reestruturação econômica.

Duas dimensões foram apontadas: a própria reversibilidade, que empresta sentido à mobilidade, de acordo com Brito (2010), e o tempo de permanência, que é o conceito de circularidade, segundo Baeninger (2012). Essas são condições que exercem efeitos sobre os

sujeitos migrantes em relação a decisão de imigrar, também de permanecer, ou não, no lugar para o qual migrou, com reflexos na distribuição da população nos diferentes contextos regionais.

A tabela 6 indica as cidades do Brasil que foram recorrentemente citadas nos textos analisados.

Tabela 6 – Cidades do Brasil mais citadas nos textos estudados sobre a migração interna

Cidades	Frequência	Percentual
São Paulo	2808	34%
Rio de Janeiro	2769	33%
Aracatu	798	11%
Brasília	898	10%
Roraima	502	6%
Salvador	142	2%
Recife	113	1%
Natal	106	1%
Fortaleza	79	1%
Total	2769	100%

Fonte: Rosa, 2019.

O movimento em direção às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro ocorre pelo desenvolvimento econômico e porque podem representar obtenção de emprego, atraindo uma parcela significativa de imigrantes, como já explicado. Outras cidades citadas aparecem nos resultados dos textos analisados, é o caso do município de Aracatu, situado na área rural da Bahia, onde famílias saem de seu lugar para o trabalho no campo em diferentes locais do país (NOGUEIRA, 2013). Entretanto, interessa nesta tese o fluxo migratório interno envolvendo as Região Nordeste para o Sudeste.

Artigo de Fausto Brito (2006) discorre sobre o acelerado processo de urbanização das cidades brasileiras em decorrência da migração interna. O autor destaca que,

somente na década de 1960 a população urbana tornou-se superior à rural [...] o rápido processo de urbanização é um fenômeno estrutural relativamente recente [...] entre os anos 1950 e 1970 [...] A rápida urbanização do território brasileiro não é um processo estritamente demográfico. Tem dimensões muito mais amplas, é a própria sociedade brasileira que se torna cada vez mais urbana. As cidades, além de concentrarem uma parcela crescente da população do país, convertem-se no locus privilegiado das atividades econômicas mais relevantes e transformam-se em difusoras dos novos padrões de relações sociais – incluindo as de produção – e de estilos de vida (BRITO, 2006, p. 223).

O movimento da população brasileira, da área rural para a urbana ocorreu em diferentes fases do desenvolvimento econômico e social, como indicado pelo autor. Algumas

idades tornaram-se atrativas em função das melhores condições sociais. Porém, esse movimento ainda é uma das condições encontradas por muitas famílias que residem em áreas com menor desenvolvimento econômico quando comparadas aos grandes centros urbanos, pessoas que buscam locais com oportunidades de trabalho, por exemplo, contribuindo para uma distribuição populacional desigual.

Segundo o autor, esse é um dos principais vetores que impulsionam as migrações internas. Brito afirma que

a maior parte do crescimento demográfico urbano, entre 1960 e 1980, deveu-se ao intenso fluxo migratório rural-urbano. Somente entre 1960 e o final dos anos 1980, estima-se que saíram do campo em direção às cidades quase 43 milhões de pessoas, incluído o efeito indireto da migração, ou seja, os filhos tidos pelos migrantes rurais nas cidades (p. 223). [...] a grande concentração espacial do desenvolvimento da economia brasileira, comandada pelo processo de industrialização no Rio de Janeiro e, principalmente, em São Paulo, ampliou os desequilíbrios regionais e sociais [...] transferiram a população do campo para as cidades, assim como a redistribuíram entre os estados e entre as diferentes regiões do Brasil (BRITO, 2006, p. 224).

O autor destaca que a população do Rio de Janeiro aumentou de 6.879.183 habitantes, em 1970, para 10.869.255, em 2000, quase dobrando o número de pessoas que vivem na cidade. Tal fluxo deu origem à maioria das favelas e, hoje, após a implantação de programas sociais como o favela-bairro⁵, com o objetivo de integrar a favela à cidade, algumas são denominadas comunidades, dada à forma de apropriação dos espaços pelos seus moradores. Para o IBGE (2010), a exploração desses lugares é decorrente do seu crescimento.

Esse marco populacional é um importante balizador de como se caracteriza a mobilidade dos habitantes do Rio de Janeiro, em sua maioria originários do Nordeste e Norte do Brasil.

Como afirmou Bourdieu, o projeto migratório nos lança [...] no cerne da contradição constitutiva de uma vida impossível e inevitável por via da evocação das mentiras inocentes com que se reproduzem as ilusões sobre a terra de exílio, [e assim,] ele [Sayad,1998] traça com pequenas pinceladas um retrato impressionante dessas “pessoas deslocadas”, privadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais. Como Sócrates, o imigrante é atópico, sem lugar, deslocado, inclassificável. [...] Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita embaraço (BOURDIER; WACQUANT apud FAZITO, 2010, p. 91) .

⁵ O programa favela-bairro, idealizado pelo arquiteto Luiz Paulo Conde, que foi também prefeito do Rio de Janeiro, teve início em 1995. Contou com investimentos tanto do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da prefeitura. O projeto foi transformado no programa Morar Carioca, em 2010, pelo então prefeito Eduardo Paes, e retomado em 2017, embora tenha dado origem a inúmeros processos de má administração do dinheiro público, estando entre as circunstâncias que culminaram na prisão de vários governantes e políticos do Estado e da Cidade.

De acordo com Bourdieu e Wacquant, citados por Fazito (2010), este fenômeno migratório representa uma duplicidade como faces de um mesmo processo, fluxos de origem e destino, da presença e da ausência, também de rupturas. Compreende-se que, na imigração, por envolver uma relação de presença e ausência, opostas num mesmo processo, o sujeito migrante se insere em uma realidade política, econômica e social distinta. Kingsley Davis (apud FAZITO, 2010) entende por imigração: “um fenômeno social e demográfico complexo, pois ao mesmo tempo em que um fluxo migratório possui características universais e estruturalmente semelhantes a outros fluxos, ele desenvolve histórica e socialmente sua singularidade” (DAVIS apud FAZITO, 2010, p. 90).

Há aí a ideia de que o migrante tem o deslocamento como eventos vinculados a uma rede social e histórica. Este processo ocorre em áreas que funcionam como receptoras e muitas vezes é integrado às redes sociais e de apoio. Compreende-se que, no processo migratório, a pessoa ou família que se ausenta do seu lugar de origem para outra região, representa mais que deslocamento e ausência na estrutura familiar, são alterações sociais na vida dos sujeitos envolvidos. Tal ciclo se fecha com a possibilidade do retorno ao lugar de origem.

2.2 Características Migratórias

Entende-se por características migratórias situações variadas que envolvem a forma pela qual se dá a mobilidade, uma delas é a perspectiva do retorno ao local de origem, que passa a ser não somente um sonho ou desejo de mudar, mas implica também manter os vínculos familiares e as suas origens.

A comunidade de Rio das Pedras, que se caracteriza como um local com predomínio de famílias de origens do Nordeste do país, contribuiu para o entendimento do que representam os vínculos familiares e culturais nos processos de imigração. A tabela 7, a seguir, representa as principais características. São elas: migração, aglomerados populacionais, imigração, mobilidade, retorno e residência.

Tabela 7 – Categorias II – Características migratórias

Categorias	Frequência	Percentual
Migração	7529	31%

Agglomerados Populacionais	6542	27%
Imigração	5048	20%
Mobilidade	2035	8%
Retorno	1819	7%
Residência	1665	7%
Total	24731	100%

Fonte: Rosa, 2019.

A categoria II apontou que, na migração, a mobilidade, a distribuição das pessoas no espaço geográfico no país de forma irregular, é influenciada por diferentes fases econômicas. A partir dos anos de 1980, foram evidenciadas no estudo de Baeninger (2012) alterações nas tendências migratórias, para que se alcançasse a característica atual,

A redefinição da relação migração-industrialização, migração-fronteira agrícola, migração-desconcentração industrial, migração-emprego, migração mobilidade social no contexto atual da economia e da reestruturação produtiva, em anos recentes, induziu um novo dinamismo às migrações no Brasil, onde os fluxos mais volumosos são compostos de idas-e-vindas, refluxos, re-emigração, outras etapas – que pode ser mesmo o próprio local de origem antes do próximo refluxo para o último destino -, onde as migrações assumem um caráter mais reversível do que nas explicações que nos pautávamos até o final do século XX (BAENINGER, 2012, p. 83).

A autora teve como fonte a base de dados censitários (IBGE 2000; 2010) e Pesquisas Nacionais por Amostra Domiciliar (PNAD) para explicar essas alterações. O resultado mostrou que o contexto socioeconômico e urbano no país é marcado por diferentes condições migratórias, destacando-se áreas de perdas migratórias e áreas de rotatividade migratória (BAENINGER, 2012, p. 78), porém, nos anos mais recentes, tem apresentado um caráter mais reversível do que no século anterior.

Concordamos com a autora, pois o caráter reversível corresponde ao retorno do imigrante. Assim, o ir e vir é uma característica da imigração no atual contexto. Identificou-se que o destino a ser seguido têm sido locais que oferecem oportunidade de trabalho, podendo ser um lugar próximo à morada do sujeito, da área rural para a urbana, ou entre as regiões. Desse modo, o cenário migratório deste início de século é explicado por Baeninger da seguinte maneira:

primeiro, pela “dispersão migratória metropolitana”, que em nível nacional é marcado pelos significativos volumes de migrantes de retorno interestaduais que partem do Sudeste em direção ao Nordeste. No âmbito interestadual, esta tendência se evidencia com a conformação de importantes fluxos migratórios metrópole e interior [...] o segundo, refere-se a “interiorização migratória”, com trajetórias migratórias de mais curtas distâncias, envolvendo aglomerações urbanas e espaços não-metropolitanos, expressos na maior retenção de população migrante nos estados e nas regiões (BAENINGER, 2012, p. 92).

As características mais evidentes do estudo envolvem a imigração dos sujeitos oriundos do Nordeste que migraram para a Região Sudeste, utilizando-se de dados dos censitários de 2010 (IBGE, 2012), associados a dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2004). Em outras análises, os dados demonstram que o movimento de entrada e de saída de migrantes entre as regiões brasileiras entre os anos de 2004 e 2009 foi marcado por deslocamentos que apresentam alterações no fluxo populacional, conforme a tabela 8.

Tabela 8 – Migração: Entrada e Saída entre Regiões Brasileiras 2004-2009

Grandes Regiões	2004			2009		
	Imigrantes	Emigrantes	Saldo líquido migratório	Imigrantes	Emigrantes	Saldo líquido migratório
Norte	330 660	266 919	63 741	184 634	219 793	(-) 35 159
Nordeste	848 002	934 589	(-) 86 587	541 733	729 602	(-) 187 869
Sudeste	844 605	1 059 913	(-) 215 308	656 386	668 801	(-) 12 415
Sul	305 083	270 477	34 586	252 947	154 094	98 853
Centro-Oeste	534 879	331 311	203 568	418 143	281 553	136 590

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004/2009.
Nota: Exclusivo os imigrantes vindos de países estrangeiros.

Fonte: IBGE (2011).

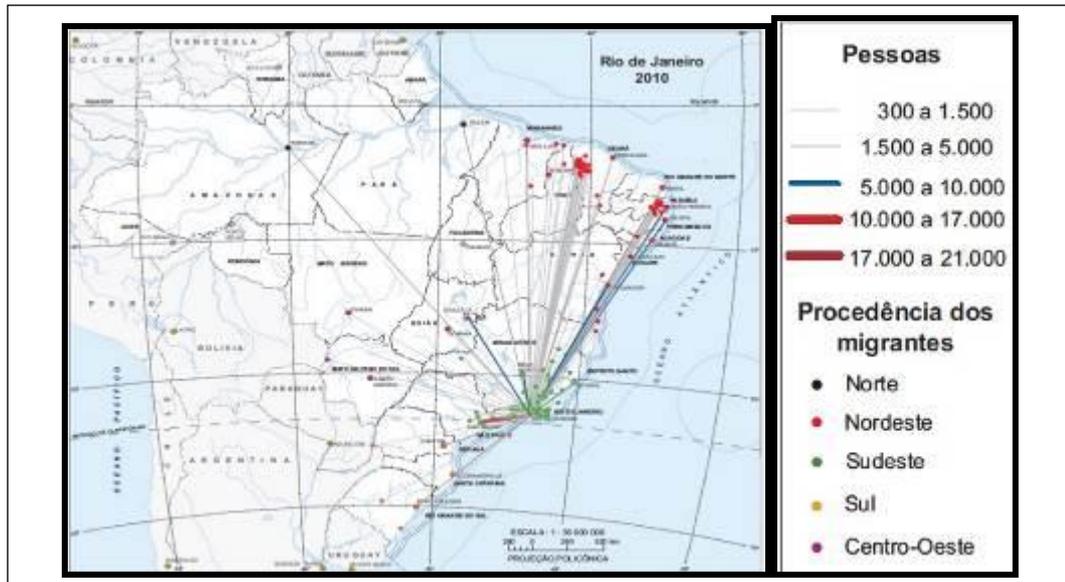
Na imagem acima (IBGE, 2011, p. 35), pode-se observar que a Região Nordeste tem apresentado uma diminuição no número de pessoas que emigraram e o retorno das pessoas no período citado. Essa diminuição também foi explicada por Brito:

A grande concentração espacial do desenvolvimento da economia brasileira, comandada pelo processo de industrialização no Rio de Janeiro e, principalmente, em São Paulo, ampliou os desequilíbrios regionais e sociais, impulsionando as migrações internas, que transferiram a população do campo para as cidades, assim como a redistribuíram entre os estados e entre as diferentes regiões do Brasil (BRITO, 2006, p. 224).

Nas décadas passadas, os deslocamentos migratórios eram resultantes de processos diferentes dos atuais, pois o crescimento urbano era impulsionado pela industrialização com um fluxo migratório originário das áreas rurais para as áreas urbanas. Recentemente, com as mudanças nas relações de trabalho, às quais estão associadas, dentre outros fatores, a reestruturação produtiva e a precarização do mercado de trabalho, esse cenário foi modificado.

Derivados dos dados do censo de demográfico de 2010 (IBGE, 2010), os fluxos migratórios internos da população no país deram origem a mapas de migração, no caso do Rio de Janeiro, ilustrado pela figura 2.

Figura 6 – Mapa Geográfico da procedência do migrante das Regiões Brasileiras para o Rio de Janeiro



Fonte: Atlas do Censo Demográfico 2010, Fluxos da população no território (IBGE, 2012).

Esses fluxos migratórios apresentam maior frequência entre as Regiões Nordeste e Sudeste. A imigração tem sido motivada pela busca de melhores condições sociais, como já sabemos. A escassez de emprego e a pobreza contribuíram para que muitas famílias mudassem do seu lugar de origem para cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, na busca de oportunidade de trabalho e renda, o que contribui para parte do contingente habitacional dessas grandes cidades.

O impacto na força de trabalho, a partir das transformações ocorridas nas áreas metropolitanas do Nordeste, como, por exemplo, tem modificado o comportamento do deslocamento dos nordestinos e atraído para o processo reverso. Os dados do último censo (IBGE, 2010) permitem, ainda, visualizar esse processo de migração de retorno, pois neles estão enfatizados o lugar de nascimento das pessoas e o lugar onde elas foram recenseadas, tornando as informações sobre os movimentos populacionais nacionais e internacionais mais precisos e evidentes.

Diversos aspectos estão implicados na migração caracterizada pela imigração e emigração. O fato de haver movimento de retorno para a região Nordeste estaria relacionado ao desenvolvimento econômico das áreas metropolitanas, diferenciando daquele indicativo que apontava, no passado, como a área de maior fluxo emigratório. Porém, a migração entre

as regiões, continua existindo, ainda nos dias de hoje. Essa afirmação foi baseada nos relatos obtidos no relatório de campo desta pesquisa.

2.3 Empregabilidade

A categoria III refere-se ao trabalho. A oportunidade para adquirir melhores condições de vida sustenta o pressuposto de que a migração no Brasil se dá vinculada às relações econômicas e sociais, também com base nos dados coletados para esta tese, argumenta-se que, a migração de pessoas do Nordeste para o Rio de Janeiro é resultante de um processo social desigual.

Tabela 9 – Categorias ligadas à empregabilidade e sua frequência nos textos estudados

Categorias	Frequência	Percentual
Trabalho	6055	25%
Rede de Apoio	4931	20%
Sociedade	4360	18%
Fazenda	2424	10%
Diferente/desigual	1983	8%
Pobreza	1209	5%
Produção	1179	5%
Renda	929	4%
Governo	547	2%
Saúde	454	2%
Construção	412	1%
Total	24483	100%

Fonte: Rosa, 2019.

A desigualdade no Brasil, nas últimas décadas, foi analisada por Arretche (2015) a partir das mudanças ocorridas em contextos econômicos, políticos e sociais. Para a autora, “no mundo social existem múltiplas desigualdades: entre pobres e ricos, entre mulheres e homens, entre categorias de raças, as quais, por sua vez se manifestam na renda, nos serviços, na participação política” (ARRETCHE, 2015, p. 6).

Essas múltiplas desigualdades também foram identificadas em parte dos textos analisados, tais como: desigualdades educacionais (WALDMAN, 2012; STÜBE NETTO, 2008; DAMERGIAN, 2009; BARBOSA, 2010); desigualdade étnica (VILELA, 2015); desigualdade de renda (GAMA; MACHADO, 2014; GALIANO, 2012); desigualdade entre as regiões (NOGUEIRA, 2010; 2013; ROCHA, 2012), entre outras.

A temática em estudo, na perspectiva das relações de produção e mercado de trabalho, mostrou que a distribuição populacional pelo espaço geográfico brasileiro acontece em função dessas relações. Outras explicações foram apresentadas, destacando como a imigração impacta na vida dos sujeitos, buscando compreender as relações sociais e culturais.

Galiano (2012) realizou uma pesquisa com trabalhadores migrantes do Estado do Maranhão, com idades compreendidas entre 18 e 24 anos. O motivo da emigração, segundo os informantes, foi pretender trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar, no Estado de São Paulo. A pesquisa apontou que os jovens apresentavam melhores condições para a contratação, em função do vigor físico para esse tipo de trabalho. A permanência fora do seu lugar de moradia ocorre devido à necessidade do trabalho. Os sujeitos, mesmo inseridos, expressam vontade de retornar, em função da ausência da família.

Porém, as diferenças econômicas entre as regiões do país fazem com que umas sejam mais receptivas que outras. A renda é um dos fatores que permite essa variação, podendo interferir na escolha do destino quando da decisão de migrar, caso o motivo da imigração seja ligado à condição econômica. Gama e Machado (2014) informaram que as “externalidades regionais podem levar indivíduos com níveis educacionais semelhantes, empregados em trabalhos semelhantes, a receberem remunerações distintas, quando em áreas diferentes” (GAMA; MACHADO, 2014, p. 156). Isto é, as diferentes habilidades dos sujeitos podem refletir as condições de trabalho de forma diferenciada, dependendo da região do país, sendo resultante da oferta de mão-de-obra e de vagas de trabalho.

A escolha do lugar de moradia pelo imigrante pode ser motivada por aspectos ligados ao mercado de trabalho, porém observou-se que a importância da rede de apoio que é formada contribui para melhorar a experiência das famílias em processo migratório.

Tomada a decisão, o sujeito emigrante inicia um processo que implica a negociação entre aqueles que ficaram, principalmente com aqueles do lugar de destino. Evidenciando a importância das redes estabelecidas entre aqueles que partem e os que ficam, embora ocorra fragmentação familiar, vizinhos, amigos e outros sujeitos, com a saída do seu lugar e a reconstrução no lugar de chegada, também têm a sua importância na criação de vínculos sociais.

Neste sentido, as aglomerações que se formam nos centros urbanos, onde predominam o agrupamento de pessoas vindas da mesma área de emigração e que possuem características como a cultura em comum, são explicadas a partir da rede apoio. Em outra situação, observou-se que, no processo migratório, as famílias, às vezes, necessitam de apoio para cuidar dos filhos e filhas pequenos, quando a emigração se faz pela necessidade do trabalho.

Este caso foi observado nesta pesquisa em Rio das Pedras. A imigração destes sujeitos aconteceu, na maioria das vezes, por motivações econômicas. Na perspectiva dos filhos e filhas, essa situação se deu de duas formas: a imigração dos pais do Nordeste para o Sudeste, especificamente para a comunidade de Rio das Pedras, com a permanência das crianças pequenas com outros familiares, parentes e amigos, o que dá sustentação à rede de apoio. Em situação de imigrantes, observou-se que as dificuldades no emprego têm levado a família à tomada da decisão sobre o retorno dos filhos, ou seja, de Rio das Pedras retornando para o Nordeste, lugar de origem familiar, onde as crianças permaneceriam com familiares.

Para Rocha (2012), as famílias mais pobres passaram a depender do trabalho em outros locais, como exemplo, no Sudeste do país. Ainda que o trabalho possibilite ganhar dinheiro para o sustento familiar, o imigrante não abandona a sua origem para integrar-se ao destino completamente. Observou-se que estes sujeitos permanecem ligados aos locais de saída e de chegada, através dos vínculos familiares e do retorno como uma possibilidade.

Entre as dificuldades enfrentadas pelas famílias com filhos, além da necessidade do trabalho, destacou-se a situação educacional. O relatório de campo desta pesquisa indicou como a família se estrutura para adequar o trabalho e o cuidado com a sua casa e rotina diária, incluindo a relação dos filhos na escola.

Educação e trabalho se entrelaçaram nos estudos analisados, na questão do dinheiro recebido através do tipo de emprego, podendo ter valores diferenciados para o mesmo tipo de atividade. Essa diferença pode depender do desenvolvimento regional, já que há disparidades econômicas e sociais entre as regiões brasileiras.

Para este trabalho, o que nos interessa é a mobilidade do imigrante nordestino, a esse respeito ressalta-se como esta entrelaça a categoria escola.

2.4 Escola

A categoria IV dedica-se à escolarização nos textos selecionados para esta tese e alerta para a necessidade de ampliação de estudos nesta área. Verificou-se que, em sua maioria, os documentos se dedicam a informações sociais, econômicas e demográficas do Brasil, e, portanto, faltam indicativos sobre a escolarização do aluno imigrante.

Tabela 10 – Categorias ligadas à escolarização e sua frequência nos textos estudados

Categorias	Frequência	Percentual
Escola	6356	21%
Processos de Ensino	4799	16%
Estudantes	4359	14%
Educação	3563	12%
Acesso	1569	5%
Turma	1491	5%
Cultural	1400	5%
Política	1390	4%
Níveis de Ensino	1299	4%
Práticas	1222	4%
Particulares	1141	4%
Professora	1029	3%
Pública	968	3%
Total	30586	100%

Fonte: Rosa, 2019.

A desigualdade de renda no Brasil é responsável pela falta de condições básicas de vida e disso decorre a necessidade de inclusão de famílias em programas sociais, muitas delas são incluídas em medidas redistributivas de renda. Mas nem sempre houve garantia da permanência das famílias inseridas, por exemplo, no Programa Bolsa Família, no lugar de origem. Os motivos da imigração para outras áreas têm sido apresentados em sua maioria na perspectiva de emprego, como já assinalado, principalmente para os grandes centros urbanos.

No entanto, há indícios de que a educação tem um impacto na melhoria de vida do imigrante, como observado por Nascimento (2015). O autor explica que os sujeitos que fizeram a migração de retorno têm apresentado um perfil diferenciado, considerando a faixa etária e os aspectos educacionais. No que diz respeito ao imigrante retornado ao Nordeste,

essa explicação é fundamentada na relação nível de escolaridade e renda que é superior no caso do não migrante.

A análise de dados da imigração na perspectiva econômica enfatiza as relações de trabalho, ocultando a perspectiva dos outros membros da família, como as crianças, ainda de acordo com Nascimento:

No caso da migração de crianças, elas abandonam o seu ciclo de vida original para entrar em outro, isto significa mudar o seu sistema educacional, que nas idades mais jovens, a mudança no processo de adaptação ocorre de forma mais facilitada (SHON, 2011). Nos casos de jovens e adultos, a mudança no sistema educacional pode encontrar maiores dificuldades em sua adaptação (NASCIMENTO, 2015, p. 37).

Com as transformações ocorridas no mercado de trabalho, entre estas o trabalho no campo, tem sido necessário pensar a educação dos sujeitos imigrantes que buscam nos centros urbanos novas oportunidades de trabalho. Os sujeitos entrevistados por Zago (2016) ressaltaram que:

migraram para a cidade com o objetivo de ampliar seu grau de formação escolar mostram que fixar o jovem no campo é uma tarefa mais complexa e que depende de políticas não apenas educacionais. A transferência do estudante de um estabelecimento de ensino localizado no meio rural para outro no meio urbano certamente produz novas experiências sociais e culturais, podendo ampliar o campo de interesse para outros horizontes de possibilidades (ZAGO, 2016, p.76).

Para eles, a migração do campo para a cidade criou possibilidades, principalmente em relação ao estudo e ao trabalho. Apesar de existirem políticas para a inserção do aluno na escola, há uma discrepância nos indicadores de acesso entre o meio rural e o urbano. Além disso, políticas educacionais não garantem a permanência dos jovens no lugar de origem, a imigração de pessoas mais jovens e em idade escolar estaria relacionada a perspectivas profissionais. Os dados de pesquisa revelaram ainda, de acordo com Zago (2016, p. 69), que “desde criança os filhos estudaram e trabalharam na agricultura, situação que estendeu até concluírem o ensino médio, quando mudaram para a cidade em grande parte pela falta de perspectiva profissionais.”

Pode-se perceber um número reduzido no conjunto de documentos envolvendo o imigrante em idade escolar analisados. Nogueira (2010, 2013) trabalhou com abordagem etnográfica para pesquisar, nos anos 2007, 2008 e 2009, a trajetória familiar de imigrantes do sul da Bahia, local de Aracatu, para trabalhar na lavoura de café nos municípios no estado de São Paulo. Foram analisados os seguintes trabalhos: a tese de Doutorado *Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa*, defendida na Universidade Estadual de Campinas (NOGUEIRA, 2010) e o artigo *Trabalho assalariado e campesinato: uma etnografia com famílias camponesas* (NOGUEIRA, 2013).

O trabalho realizado pelos pais em outro local era temporário, delimitado pelo tempo da colheita de café no estado de São Paulo. Neste sentido, a escola precisou adequar o calendário das atividades às necessidades da família, uma vez que os filhos acompanhavam seus pais e, conseqüentemente, afastavam-se da escola. Para a autora, existem duas formas de mobilidade que envolvem os sujeitos deste local, que são: “os deslocamentos para alguns municípios do estado de São Paulo, o que na linguagem local é expresso como sair pelo mundo ou sair para São Paulo (NOGUEIRA, 2013, p. 246).

O tempo na dinâmica das populações delimita a permanência em um lugar, muitas vezes associada à atividade econômica, como o “tempo do café” e o lugar “sair para o mundo ou sair para São Paulo” são variáveis que ocorrem em função da análise do tipo de imigração que ocorre. Ressalta-se o modo temporário criado nas relações de trabalho, gerando a instabilidade no emprego e nos direitos que o asseguram. Outro conceito importante refere-se ao deslocamento, pois indicam os movimentos pendulares, que são aqueles representados pelo deslocamento diário das pessoas de suas residenciais para locais de estudo e/ou trabalho. O conhecimento deste movimento diário favorece o planejamento de políticas locais, objetivando a melhoria da qualidade de vida de quem se desloca. A autora diz que:

Sair para o café, especificamente, nomeia a modalidade migratória em que as famílias fecham suas casas na roça ou na rua durante três a quatro meses, embarcam em ônibus fretados até fazendas e sítios da região Sudeste do Brasil, ali permanecem por esse período a trabalhar na colheita do café, e ao final regressam para suas casas no sertão. Uma vida camponesa dividida em dois tempos e em dois lugares (NOGUEIRA, 2013, p. 247).

Nogueira (2013) relatou sobre a rotina de famílias que vivem os processos migratórios em períodos mais curtos, de aproximadamente três ou quatro meses, enquanto dura o tempo de colheita. A família, ao migrar em função, por exemplo, da colheita de café, criou, nesse tipo de deslocamento, uma outra situação, relacionada à escola. Na comunidade de origem, assim, a escola justificou:

nos últimos cinco anos verificou-se uma diminuição significativa do número de crianças que acompanham os pais nos deslocamentos para o café, fato atribuído em grande medida à implantação pelo governo federal do programa Bolsa Família, que prevê o pagamento de um benefício financeiro mensal para famílias carentes, exigindo em contrapartida que as famílias garantam uma frequência mínima das crianças à escola, o que resta inviabilizado quando as mesmas acompanham os pais no café (NOGUEIRA, 2013, p. 250-251)

Os programas de garantia de renda mínima são os que melhor exemplificam o atendimento social, como uma reorientação da política social no Brasil nas últimas décadas. Como mostra Castel (2008), essa é uma forma de garantir certo padrão de vida àqueles que, apesar das oportunidades econômicas e do sistema de proteção social, mantinham-se em uma

faixa rendimento e em condições de vida precária. Mas o modo de inserção desses países na nova ordem mundial recriaria numerosas desvantagens. As mudanças sociais mínimas no sentido da diminuição da pobreza estariam atreladas ao capital internacional como uma exigência mínima em relação aos organismos de financiamento e acerca da atuação do Estado.

Programas sociais de atendimento às populações menos favorecidas têm sido pauta de políticas de inclusão social para a redução da pobreza e desigualdades sociais. Tais programas começaram a ser propostos nos países de capitalismo avançado, onde as condições de vida são superiores aos países mais periféricos. Nesse sentido, a noção de pobreza não deve ficar restrita à renda, uma vez que, em países onde os identificados como pobres representam uma grande parcela da população, é necessário maior volume de recurso e ações.

No Brasil, o Programa Bolsa Família propõe a superação da fome e pobreza. O acesso às políticas públicas pode acontecer com a ampliação das oportunidades para a superação de vulnerabilidades sociais. O Programa destina um valor em dinheiro à família carente, mas esse valor não é o suficiente para manter os gastos familiares, em função das necessidades de cada membro, por isso muitas famílias migram em busca de empregos.

Como forma de garantir a permanência do aluno na escola, o Bolsa Família vincula a concessão do benefício à condição de matriculados dos filhos menores de idade, que são avaliados através de instrumentos que quantificam o rendimento escolar. Ao buscar compreender a situação do aluno imigrante no contexto da escola, os estudos indicaram práticas escolares que podem contribuir para processos de exclusão educacional.

A esse respeito, ressaltou-se que, na sala de aula, à escolaridade do aluno muitas vezes é atribuído um desempenho não somente pelas atividades pedagógicas, mas pelas características que revelam quem é o aluno.

De modo complementar, atitudes etnocêntricas são apontados por Damergian (2009), baseado nos estudos de Jones (1973), ao explicar que o etnocentrismo é uma forma de julgamento e atribui ao seu grupo qualidades boas e ao grupo diferente qualidades más, portanto, um juízo de valor. Para a autora, “nem todos os alunos paulistas são mais fortes e nem todos os nortistas e nordestinos são mais fracos, necessariamente, o que pode ser comprovado pela prática pedagógica” (DAMERGIAN, 2009, p. 253).

A autora afirma que, nas práticas escolares, a ênfase está na questão da pobreza do meio em vivem as crianças nordestinas, na sua origem e na ignorância dos seus pais. Em função disso, a escola muitas vezes desconhece a trajetória dos envolvidos ou não se dedica de modo

adequado, adotando práticas escolares que podem não facilitar o sentimento de pertença do aluno.

Além disso, a autora entendeu que o etnocentrismo, que tem a função de fazer o julgamento, também é um preconceito a favor de seu grupo, pois “à medida que ele está ligado à necessidade de afirmar o nosso modo de vida, tende a deformar a percepção da cultura do outro grupo, o que leva a pessoa, a acentuar as diferenças e a condenar os desvios em relação à norma do grupo ao qual pertence” (DAMERGIAN, 2009, p. 254).

Ao retomar os locais de imigração com base nos dados já citados, parte-se da expressiva população nordestina na situação de imigrante e cuja cultura é entendida como “diferente” da cultura do outro. Destacam-se diferenças entre as regiões Nordeste e Sudeste que são acentuadas no espaço escolar, quando se compara aluno migrante e não migrante, sobretudo nas questões familiares. Por outro lado, a origem do aluno de contextos sociais mais degradados não justificaria a diferença na aprendizagem das crianças na sala de aula.

Damergian (2009) pensou a cultura do aluno nordestino e a do paulista; Barbosa (2010), tratou como multicultural; Fleury (2003) chamou de intercultural. As diferentes concepções de cultura mostram uma discussão que reconhece a diversidade de fenômenos que envolvem a inclusão de imigrantes em processos educativos e sociais.

Barbosa (2010) ressalta a perspectiva multicultural nas migrações, que têm sido apontadas com fator estrutural da sociedade atual, seja em contexto nacional ou internacional, um “valor indispensável a uma vida humana com significado nos cenários sociais multiculturais, a liberdade cultural não poderia ser esquecida pela ação educativa da sociedade civil e, conseqüentemente, pela pedagogia que lhe serve de enquadramento.” (BARBOSA, 2010, p. 27).

Sobre o entendimento do que seja multiculturalismo, o autor ressalta as tecnologias como aliadas neste processo, pois estas favorecem a circulação de pessoas e de conhecimentos em contextos diferentes, possibilitando o contato das pessoas com suas origens, mesmo vivendo em outro estado ou país, ainda que as sociedades mais globalizadas pareçam ter receios de novas culturas.

De acordo com Fleuri (2003, p. 20), “a educação intercultural assumiu a finalidade de promover a integração entre culturas, a superação de velhos e novos racismos, o acolhimento dos estrangeiros e, particularmente, dos filhos dos imigrantes na escola”. Para o autor, é importante aceitar a diferença, não valorizar o etnocentrismo, destacando a importância da cultura do outro.

Reconhecendo a existência de diferenças culturais, como exemplo, étnicos e raciais, quando negadas, contribuem para as desigualdades sociais e educacionais. As políticas voltadas para as minorias com propostas para a inclusão na escola foram ampliadas. Neste contexto, normas e valores norteiam as interações sociais através dos processos de aprendizagens com os outros e no mundo em que vivem. Na perspectiva intercultural, Fleuri afirma que

A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de movimentos de identificação subjetivos e socioculturais. (FLEURI, 2003, p.31-32)

Deste modo, quando se pensa na educação na perspectiva intercultural, inclui-se a relação do aluno com a escola, as práticas escolares e múltiplas diversidades culturais. Somadas às contribuições dos autores. Muitas vezes, as práticas escolares não valorizam cultura e a situação de vida do aluno e da aluna pertencentes a diferentes áreas, sejam locais mais vulneráveis dos grandes centros urbanos ou oriundas de emigrações nordestinas. Além disso, há de se considerar a imposição cultural, que muitas vezes leva à anulação de certas culturas, como as das etnias indígenas e africanas, que têm uma contribuição importante na formação cultural da sociedade brasileira.

Entende-se que o aluno constrói o conhecimento através da interação e da socialização, quando na escola está o aluno com diversidade cultural diferenciada, muitas vezes esta cultura não corresponde às exigências educacionais, contribuindo para os processos de exclusão.

A literatura acessada evidencia acerca das migrações no Brasil olhares para conceituações e movimentos que caracterizam a dinâmica das populações no tempo presente. As explicações teóricas envolvendo as relações temáticas Imigração, Educação e Nordeste mantiveram-se, caracterizando a migração entre o local de origem e o de destino. Nesse sentido, temos o local como importante categoria de análise, para uma reflexão do que se constitui como condição que atrai e leva o imigrante a sair do seu local de moradia. Assim, os autores dialogam com os pressupostos desta tese, na qual buscamos analisar a imigração interna no Brasil e como esta pode interferir nos processos escolares.

Os dados empíricos resultantes de levantamento feito pelo IBGE (2000, 2010) confirmam que o comportamento das pessoas tem oscilado diante dos indicadores da emigração, imigração e retorno, ocasionado, principalmente pelas transformações produtivas, os fatores apontados como aqueles que mais interferem na dinâmica das populações, são as mudanças sociais, estruturais e espaciais. Os estados da região Sudeste foram os destinos mais

procurados pelos imigrantes desde o início do processo migratório no Brasil, atraídos pela oportunidade de trabalho, conforme já indicado na literatura.

Por fim, retomaremos o conceito elaborado por Jean-Claude Kaufmann (2001), o *habitus migrante* que foi explorado por Brito (2010). Os autores nos ajudaram a compreender que, na migração, a construção do *habitus* ocorre nas experiências vivenciadas na mobilidade, indicando a família como um componente importante.

Nesse sentido, a questão familiar, que é um dos elementos desta pesquisa, inserida em contexto social e cultural diferente, pode permitir uma análise do que significa pertencimento nas trajetórias imigratórias das famílias e seus filhos e filhas e que residem na Comunidade de Rio das Pedras. Daí a importância dos conceitos descritos.

2.5 Pertencimento e *habitus* de migrante

O conceito de pertencimento, como descrevem Berger e Luckmann (2004) e *habitus* de Bourdieu (1998 apud FAZITO, 2010), em relação ao processo migratório, tornaram-se elementos importantes de análise de como o imigrante pode legitimar a sua identidade, em diferentes contextos sociais, incluindo a escola. Pertencer significa, para os autores, partilhar de experiências e vivências com outros sujeitos do local de pertencimento, desenvolvendo o sentimento de pertença.

A noção de pertencimento marca mais que a identidade do sujeito com o lugar de nascimento, implica também as relações interpessoais que estes mantêm em diferentes contextos de interação. Assim, encontrar em outro lugar uma maneira de pertencer e ser membro da comunidade na qual se inseriu, sendo reconhecido por ela, é um anseio da maioria das pessoas em mobilidade social. Diversos tipos de redes assumem, de forma coletiva ou individual, a pertença àquela cultura.

No processo de imigração, o sujeito passa por uma transição, que é a saída do local de moradia, portanto ocorre ruptura com os vínculos sociais aos quais pertencia. Neste mesmo processo, a inserção no novo local de moradia permite experiências novas. Essa é a ideia do *habitus* como descreve Bourdieu (2010). Para o autor, o *habitus* remete à noção de interiorização de saberes que, pode ser modificado a partir do preexistente, isto é:

o grau em que ele consegue inculcar aos destinatários legítimos, o arbitrário cultural que foi chamado a reproduzir, mede-se pelo grau que o *habitus* que ele produz é exaustivo, isto é, reproduz mais nas práticas que ele engendra os princípios do arbitrário cultural de um grupo ou de uma classe (BOURDIEU, 2010, p. 56) .

O sentido atribuído ao conceito de *habitus* permite compreender que, na relação do imigrante (sujeito) com o novo local de moradia, independente do tipo de migração que foi feito, ele é capaz de adquirir novas experiências a partir do contexto em que se inseriu, entre estas, o “*habitus* de migrante” (BRITO, 2010, p.433).

O *habitus* discutido por Kaufmann (2001, apud BRITO, 2010) é o de migrante, que se constrói pela experiência vivida, nos processos de mobilidade nos quais “o núcleo da noção de *habitus* de migrante, provém, justamente dos modos de interiorização das experiências vividas pela maioria dos indivíduos submetidos, por diversos motivos, a situações de mobilidade espacial durante sua trajetória” (BRITO, 2010, p. 433).

Essas experiências podem ser adquiridas através da socialização em diferentes espaços, tais como: a família, a escola, o trabalho, grupos de amigos e cultura de massa, em que são incorporadas aprendizagens, podendo ser aceitas, transformadas ou não. Desse modo, o *habitus* é resultante das vivências em instâncias sociais, também vista como uma construção a partir de mediadores como os avanços tecnológicos, por exemplo.

Na sociedade de classes, por exemplo, a pertença dos grupos em relação aos estratos sociais tem como base a renda, a situação econômica é definida e o valor é o salário mínimo. Assim, a renda pode caracterizar a maioria da população brasileira e a situação social em que vivem. Ribeiro (2008) explica como a formação histórica e cultural da sociedade brasileira tem contribuído para a formação de estratos, segundo os quais os dominantes, através de organizações econômicas, impõem às classes intermediárias e subalternas variados empregos. Nas posições ocupadas em relação ao emprego e sua instabilidade, estão os excluídos que residem em áreas periféricas das grandes cidades e identifica-os como sendo: os empregados de limpeza, as empregadas domésticas, os boias frias e com baixa escolaridade. Segundo o autor:

As classes subalternas são formadas pelos que estão integrados regularmente na vida social, no sistema produtivo e no corpo de consumidores, geralmente sindicalizados. Seu pendor é mais para defender o que já tem e obter mais, do que transformar a sociedade. O quarto estrato, formado pelas classes oprimidas, é o dos excluídos da vida social que lutam por ingressar no sistema de produção e pelo acesso ao mercado (RIBEIRO, 2008, p. 210).

Então, essas diferenças entre as classes criam um movimento das pessoas para fora do mercado de trabalho, que é semelhante à desqualificação social, de acordo com Paugam (2004). Os que vivem em condição de pobreza revestem-se de um *status* social desvalorizado e estigmatizado, “a humilhação os impede de aprofundar qualquer ideia de pertencimento a uma classe social: a categoria à qual pertencem é heterogênea” (PAUGAM, 2004, p. 69).

A desqualificação social, tal como define o autor, “é uma relação de interdependência entre os pobres e o resto da sociedade, que gera uma angústia coletiva, já que um número crescente de indivíduos é considerado como pertencente à categoria de pobres ou de excluídos” (PAUGAM, 2004, p. 71). Na perspectiva do autor, existem possíveis formas de relação entre a população identificada como pobre e a sociedade, alguns elementos permitem definir esta relação, entre eles: exclusão, estigma e condições históricas e sociais.

Assim, o pertencimento em relação aos estratos sociais (RIBEIRO, 2008) é resultante de um processo de formação social que tem contribuído para o distanciamento entre as classes, formando aglomerados de populações de baixa renda onde se encontram os mais excluídos.

No Brasil, uma situação de trabalho que se costuma chamar “de trabalho por conta própria” parece ser resultante da modernidade, que sinaliza, embora de modo equivocado, uma saída da instabilidade empregatícia e do desemprego para uma condição de autonomia. No entanto, esse possuía carteira de trabalho assinada e isso parece ser um progresso em relação aos vínculos sociais de relação empregador-empregado, por liberá-lo desse vínculo. Esse novo modelo de relação de trabalho é um dos exemplos mais citados atualmente para caracterizar as mudanças ocorridas no mercado de trabalho no Brasil. Ao mesmo tempo, para os indivíduos que não conseguem entrar nessa nova modalidade de trabalho e também não permanecem na condição antiga de carteira assinada, recriaram-se ou importaram-se modelos de seguridade e assistência social baseados em programas de curta duração, como o auxílio desemprego e a diversas modalidades de auxílios e bolsas que caracterizam as redes de proteção ao trabalhador desempregado e/ou socialmente necessitado. Portanto, temos uma nova forma de vínculo/emprego, podendo interferir nas relações de pobreza e de risco social que são, assim, de exclusão e de desigualdade.

Serge Paugam, em entrevista a Mattos e Castro (2016), sobre a integração social, explicita:

Em todas as sociedades modernas, estamos conectados ao meio social através de quatro tipos de ligação. A integração faz o entrecruzamento entre essas conexões. Quanto mais elas forem entrecruzadas e particularmente fortes, mais o indivíduo vai estar integrado à sociedade. O primeiro tipo de ligação, a ligação de filiação, é a relação que se mantém ao longo da vida entre pais e filhos. O segundo tipo é ligação de participação eletiva. É a ligação que se escolhe ao longo da vida, seus amigos, seu companheiro. São todas as escolhas que são feitas na vida para entrar em contato com pessoas ou grupos que podem vir a oferecer proteção e reconhecimento. O terceiro tipo de ligação é a ligação de participação orgânica, que está ligada justamente à escola e ao mundo do trabalho. Quer dizer, à essa relação entre o sistema escolar e o mundo do trabalho. O indivíduo aprende e se socializa no mundo do trabalho por intermédio da escola. No sistema de trabalho, ele aprende a ocupar uma função que é complementar às outras funções. Assim, o indivíduo é integrado por esse tipo de ligação de participação orgânica por se sentir complementar aos

outros. Ele tem então um estatuto social que o une à sociedade. O quarto tipo de ligação é o que chamo de ligação de cidadania (MATTOS; CASTRO, 2016, p. 17).

Dada esta diferenciação social entre aqueles que estão inseridos ou integrados na sociedade por meio das relações familiares, de trabalho e de participação política ativa e outros que dependem das redes de proteção e de inserção social, as políticas assistenciais tomam força e fabricam populações marginalizadas, as semelhanças e diferenças no interior de uma categoria representam percepções sobre qual o grupo de pertença.

As experiências de vida adquiridas pelos sujeitos que migram são modificadas através dos processos de deslocamento. O conceito de *habitus* de Bourdieu (1998 apud FAZITO, 2010) nos auxilia nas explicações sobre a capacidade do sujeito de se desenvolver em uma pluralidade de *habitus*, de acordo com as experiências vividas em novos espaços, de como o conhecimento e a experiência são adquiridos pelo imigrante no local de pertencimento, segundo Berger e Luckmann (2004), considerando as diferenças culturais existentes entre as regiões de migração.

Esse espaço de pertencimento, muitas vezes, é a comunidade de que fala Bauman (2003, p. 07), “um lugar confortável e aconchegante”, capaz de acomodar e incluir os sujeitos, também, de pertencer e não pertencer, estar desprotegido e integrado a um grupo, por fim, a “tensão entre a segurança e liberdade e, portanto, entre a comunidade e individualidade” (BAUMAN, 2003, p. 10).

A noção de comunidade em Bauman parte da dinâmica das relações humanas é semelhante ao posicionamento apontado na literatura brasileira, pois, ao imigrar, o sujeito busca por espaços que funcionam como rede de proteção e apoio nas suas trajetórias. Observou-se que, em sua maioria, o imigrante ocupa lugares com vínculos familiares, grupos pertencentes à mesma regionalidade ou à rede de apoio. A cultura, por exemplo, é um elemento que pode ser indicativo para se pertencer à comunidade, aqui entendida como um espaço social, também físico, pois mantém vínculo entre seus membros. No entanto, esse espaço social de acolhimento é tensionado pela insegurança, como o desemprego individual ou coletivo, que é parte do que se percebe na atualidade.

Em suas reflexões, Bauman (2003) tensiona elementos para a compreensão sobre a comunidade, um espaço que é materializado dadas as condições concretas das formas de vida dos sujeitos, os imigrantes, a classe e a raça, que podem incorporar elementos que contribuem para o estigma, formando o “estigma territorial” (BAUMAN, 2003, p. 108). O exemplo é o gueto, que “torna a política de exclusão incorporada na segregação espacial e na imobilização de uma escolha duplamente segura e a prova de riscos numa sociedade que não pode manter

todos os seus membros participando do jogo” (BAUMAN, 2003, p. 111), criando espaços de exclusão para acomodar os sujeitos que foram empurrados para fora do mercado de trabalho. Exemplo semelhante pode ser identificado no Brasil, em áreas segregadas nos grandes centros urbanos, onde vivem famílias em condições de vida precária. Estas reflexões tecidas pelo estudioso polonês fornecem pistas para o entendimento da comunidade “realmente existente” (BAUMAN, 2003, p. 19).

A importância de pertencer, neste estudo, contribui para com o entendimento do que seja pertencer na comunidade, incluindo o espaço da escola,

Neste capítulo de revisão de literatura, buscamos explicar a migração, utilizando categorias e subcategorias que emergiram dos textos analisados. Os autores eleitos contribuíram com discussões e ampliaram o conhecimento sobre as desigualdades sociais e educacionais em contexto migratório, a pesquisa de campo foi realizada na comunidade de Rio das Pedras, área metropolitana do Rio de Janeiro. As relações da mobilidade e da escola serão aprofundadas nos capítulos de resultados, tendo como base a voz dos sujeitos participantes deste estudo.

Nos próximos capítulos, serão apresentados os dados que correspondem aos achados da pesquisa, evidenciando as categorias temáticas encontradas, analisadas, sistematizadas e articuladas teoricamente, em dois capítulos: a) Mobilidade Social: do Nordeste para Rio das Pedras; b) Construção social da escola.

3 MOBILIDADE: DO NORDESTE A RIO DAS PEDRAS

Este capítulo aborda a mobilidade como categoria central, entendendo-a como o processo de ir e vir, isto é, a mudança de um local para outro. Nesta pesquisa, a mudança ocorreu entre alguns municípios do Nordeste para a Comunidade de Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro, sendo este tipo de mobilidade que gerou as presentes análises.

Neste estudo, *ir*⁶ significa o *outro*, aqui entendido como alteridade geográfica porque o outro é lugar, cidade, estado, isto é, uma relação de ausência e presença pautada na distância. O ir é entendido, nas vozes dos sujeitos que saíram do Nordeste para o Rio de Janeiro, ao sair do seu local de origem em busca de melhores condições sociais, tendo como sinônimos as palavras migração, imigrante/emigrante imigra/emigra. Já *vir* significa retornar para o lugar de origem, voltar para o local de nascimento para manter vínculos familiares, ou áreas próximas, o que, nesse contexto, tem como sinônimo, migração de retorno, isto é, o retorno para o lugar de pertencimento.

São essas muitas mobilidades que ganham sentido tornando-se categoria analítica, os dados serão apresentados através de vinhetas etnográficas.

De acordo com Mattos (2001), vinhetas etnográficas são ilustrações produzidas a partir das descrições e interpretações dos dados de campo, possibilitando a percepção da realidade através das falas dos participantes da pesquisa, como as coletadas nas entrevistas, observação participante com anotações no caderno de campo e fotografias. As vinhetas correspondem à forma de organização dos sentidos do que foi produzido no campo a partir das vozes dos participantes do estudo, do pesquisador e da literatura explorada e contribuem para ilustrar a forma como os sujeitos participantes deste estudo descrevem: i) suas condições familiares; ii) seus deslocamentos; iii) suas condições socioeconômicas.

⁶ O lugar de fala dos sujeitos participantes deste estudo corresponde à comunidade de Rio das Pedras, portanto, o ir e vir refere-se à alteridade geográfica, pautado na distância entre o estado do Rio de Janeiro e os estados do Nordeste do Brasil.

3.1 Condições familiares: sujeitos em mobilidade

Na Comunidade de Rio das Pedras, os perfis das famílias originárias do Nordeste destacaram-se pela condição socioeconômica; as crianças e jovens com matrículas na escola pública e a rede de apoio familiar com interseção entre as cidades de origem e a Região Sudeste, sendo predominante a família nuclear, com pai, mãe e filhos.

Exploram-se as vozes de três famílias que participaram deste estudo através de entrevistas realizadas durante o ano de 2016, utilizando-se a entrevista aberta de natureza etnográfica. Foram gravadas em áudio e vídeo, transcritas e interpretadas à luz do *bottom-up*, como já explicado.

No que se refere à categoria Família, a partir do *software* Atlas.ti, a frequência para membros da família foi um quantitativo de 1.021, distribuídas em subcategorias, são elas: 33% para a Família de 1ª geração (mãe, pai, filha, filho, marido, mulher, esposo, esposa), 20% corresponde à Família de 2ª geração (avós, tio, irmão, irmã) e 47% representa a Rede de apoio (pessoas, amigo e parentes) compreende-se que a sua constituição é formada por diferentes arranjos. Conforme a tabela abaixo:

Tabela 11 – Família

Família	Frequência	Percentual
Família de 1ª geração	339	33%
Família de 2ª geração	205	20%
Rede de apoio	477	47%
Total	1.021	100%

Fonte: Rosa, 2019.

Infere-se ainda que a família é um dos principais eixos de socialização, o que se dá partir do seu contexto social e/ou cultural, mas sua organização pode ser alterada pelas políticas econômicas e sociais na busca de estratégias para melhores condições de vida de seus membros.

De acordo com as análises do campo, confirmados através da subcategoria família de 2ª geração, identificou-se o convívio dos membros da família de diferentes gerações que residem em Rio das Pedras. Esse fato contribuiu para a compreensão sobre a expansão da Comunidade pela necessidade de moradia para os imigrantes em diferentes ciclos de trabalhos.

A *família Sousa*, de origem paraibana, é composta de três pessoas: pai, mãe e um filho de nove anos de idade, Andréia é a mãe, com 29 anos. Os pais nasceram na cidade de Itaporoca⁷, localizada aproximadamente 70 quilômetros da capital João Pessoa; o filho já nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Deslocaram-se para a cidade do Rio de Janeiro para ter um emprego proporcionado pelas condições do local.

A *família Silva*, de origem paraibana, é composta por quatro pessoas: pai, mãe e duas filhas: Roberta, de 19 anos de idade, e sua irmã, com 12. São imigrantes da localidade de Água de Dentro, zona rural da cidade de Guarabira⁸, localizada a aproximadamente 105 quilômetros da capital, João Pessoa. Saíram do Nordeste para o Rio de Janeiro porque desejavam oportunidades de emprego e estudo.

Figura 7 – Estado da Paraíba



Fonte: Google Maps, 2019.

A *família Rodrigues*, terceira do estudo, é composta por sete pessoas, tendo como figura central a Carla, de 29 anos de idade, nascida no Rio de Janeiro. A família se caracteriza como imigrante, pois os pais de Carla saíram nos anos de 1970 do Nordeste, dos Estados do Piauí e Maranhão para a Comunidade Rio das Pedras, eles ainda permanecem morando nesta comunidade. O filho mais velho, com 13 anos de idade, reside no Estado da Paraíba com o seu pai, primeiro esposo de Carla. Ela casou-se com um pernambucano, com quem teve um filho, que, no momento da pesquisa, tinha três anos de idade. Portanto, a família Rodrigues permanece na Comunidade de Rio das Pedras, formada por cinco pessoas. Diferente das famílias Sousa e Silva, a terceira família tem como sujeito central uma pessoa que nasce na cidade do Rio de Janeiro. São os pais de Carla que marcam a identidade nordestina familiar.

⁷ De acordo com o IBGE (2018), Itaporoca tem 18.501 habitantes e sua principal atividade econômica é a agropecuária. O desemprego é uma realidade cruel na cidade onde somente 5,8% da população está empregada e com renda mensal média de 1,5 salários mínimos.

⁸ De acordo com o IBGE (2018), Guarabira tem cerca de 58.492 habitantes, a maioria da população é desempregada, apenas 17,8% e a renda média é de 1,4 salários, sendo a principal atividade econômica a agropecuária.

Figura 8 – Estados da Piauí e Maranhão



Fonte: Google Maps, 2019.

O lugar de moradia das famílias se encaixa dentro da lógica do dinheiro recebido com o trabalho e da temporalidade que assume enquanto imigrante, além dos imóveis locais. A imagem, a seguir, representa um tipo de construção erguida na Comunidade que, também, caracteriza as habitações pertencentes à comunidade investigada.

Figura 9 – Tipo de Construção de Rio das Pedras



Fonte: Rosa, 2016. Acervo da Pesquisa.

A fotografia acima, feita pela autora na Comunidade de Rio das Pedras, no ano de 2016, faz parte do acervo de imagens desta tese. Pode-se observar que os prédios foram erguidos com vários andares, entremeados com fios de rede elétrica e canos de abastecimento de água

improvisados e aparentes. A estrutura dos andares se apoia em uma parede central constituindo parte do edifício de quatro andares. Também há diversas escadas. Modelo semelhante de edificação foi visitado em outras áreas da comunidade quando em visita às famílias.

Os serviços básicos dos quais as famílias usufruem são: rede de esgoto, coleta de lixo, postos comunitários de saúde e serviço social, água, elétrica, TV a cabo e outros serviços, ainda escassos na região. No caso do saneamento básico, as dificuldades no escoamento das águas em períodos de chuvas provocam sérios problemas à comunidade, apesar da sistemática adotada pela Prefeitura do Rio de Janeiro e esforços feitos junto a organizações sociais para urbanização de favelas (CAVALLIERI; VIAL, 2012).

Para Burgos, a organização do espaço na comunidade Rio das Pedras se dá em hierarquia “definida a partir do lugar que cada subárea ocupa na distribuição de poder político, econômico e social” (BURGOS, 2002, p. 45). O autor apresenta as áreas ocupadas na Comunidade Rio das Pedras divididas em três grupos: áreas periféricas, áreas intermediárias e áreas centrais, em que o pertencimento define a posição social na comunidade, mas essa divisão não interferiu na mobilidade dos sujeitos.

A Comunidade de Rio das Pedras abrange várias subáreas a partir do núcleo originário que ocorreu no ano de 1969, principalmente em função da expansão no contexto da desapropriação e ocupação entre proprietários de terra local, moradores e o poder público. Os modos de vida das famílias que circulam nas áreas ocupadas variam a partir de grupos de pertencimento de acordo com os locais de origem no Nordeste, por exemplo, baianos, cearenses e pernambucanos se organizam de forma nuclear.

3.2 Deslocamentos possíveis

A partir do *software* Atlas ti, a frequência foi de 923 palavras (Deslocamento, Nordeste e Comunidade Rio das Pedras) que, tematizadas, foram envolvendo os diferentes tipos de movimentos na imigração interna no Brasil, o *ir* e o *vir* entre as Regiões Nordeste e Sudeste. Conforme indica a tabela 12 abaixo.

Tabela 12 – Deslocamento

Deslocamento	Frequência	Percentual
Deslocamento	295	32%
Nordeste	240	26%
Comunidade Rio das Pedras	388	42%
Total	923	100%

Fonte: Rosa, 2019.

O Nordeste é uma região caracterizada pela imigração, com destaque para os estados da Paraíba, Maranhão e Ceará como aqueles em que parte da população se desloca de um local para o outro, sendo a Comunidade Rio das Pedras o local de moradia atual de uma parte significativa destas famílias.

Este dado refere-se aos sujeitos participantes desta pesquisa com origens no Nordeste do país, observou-se, como já assinalado, o predomínio do modelo nuclear de família, que é constituída de pai, mãe, filho e filha. Foram incluídas nessa categoria outras pessoas que fazem parte do contexto da família, com ou sem relações biológicas, como aqueles ligados à rede de apoio social na vida destes sujeitos imigrantes.

Além disso, na categoria Mobilidade, notamos que 32% referem-se às análises sobre os Deslocamentos, o que explica as trajetórias dos sujeitos da Região Nordeste (26%) para o Sudeste, residentes na Comunidade de Rio das Pedras (42%). Os dados explicam a mobilidade desses sujeitos, inferindo-se sobre a ocupação. Inclui-se, ainda, a perspectiva de retornar as origens em função dos vínculos familiares e das condições econômicas já alcançadas.

A imigração como um processo de ir e vir, entre o Estado da Paraíba e o Rio de Janeiro, foi descrita por Roberta, que de 19 anos de idade, Ensino Médio completo e trabalha com vendas, na ótica. Ela relata como ocorreu a imigração de sua família:

[...] eu vim da Paraíba, do lugar de Águas Dentro que fica próximo de Guarabira. Minha família mora toda lá ainda, tenho poucos familiares aqui, por parte de pai e mãe, a maioria é lá. Aqui, o que eu tenho são parentes mais, um pouco mais distantes, que são: tios e primos. Parentes mais distantes para mim, por que próximo para mim é vô, vô, minha mãe, meu pai [...] eu penso em ficar, porque, como eu falei para o meu pai, pai, eu saí de lá com 2 anos, voltei para lá com 12 e passei só 1 ano e 7 meses, [...] aqui no Rio de Janeiro eu já conheço praticamente tudo, se você me mandar lá eu não conheço nada. Eu conheço o quê? O sítio, eu nasci em João Pessoa, mas eu não conheço João Pessoa. [...] aqui eu já conheço tudo, já sei onde é que fica tudo, se você me largar em João Pessoa, eu posso até me adaptar, mas depois de velha se adaptar num lugar novo eu acho meio estranho, eu vou estranhar, mas eu penso em não voltar (Entrevista, Roberta, 19 anos, família Silva – Relatório de campo – dia 20/04/2016).

No relato, Roberta diz que a família imigrou do Estado da Paraíba para o Rio de Janeiro, retornou para a Paraíba, onde permaneceu por 01 ano e 07 meses. Após esse período, sua família retornou novamente para Rio das Pedras. Roberta fala do retorno e explica que não deseja voltar para o Estado da Paraíba, enfatizando a dificuldade de readaptação ao seu local de origem. É relevante notar que Roberta refere-se ao Rio de Janeiro (lugar de imigração) como um lugar que ela conhece bem, enquanto a Paraíba (lugar de origem) é um *lugar novo*, portanto, desconhecido.

Recorre-se ao conceito de *habitus* em Bourdieu (1974, p. 346), para melhor entender o modo como Roberta internalizou o novo, que, nesse caso, tem sentido de o original, o antigo e o anterior, para sintetizar um sentimento de pertença originários ao que Bourdieu descreve como “sistema de esquemas inconscientes o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*” (1974, p. 346). Nesse sentido, para Roberta, o lugar novo é resultado das interações sociais constituídas do seu *ir e vir*, enquanto trajetória individual e familiar, onde a experiência não é adquirida de maneira igual por todos da família.

Roberta mostra como se dá a formação familiar no contexto da imigração. Entende-se que há outros membros da família que imigraram para o Rio de Janeiro, considerados por ela como pessoas mais distantes, como tios e primos, as pessoas próximas são: pai, mãe, avô e avó. Observamos que a compreensão de Roberta resulta de valores e saberes adquiridos no contexto da imigração, embora a comunidade Rio das Pedras tenha como um dos aspectos os movimentos migratórios, especialmente do Nordeste, a falta de convivência com outros membros da família a partir da imigração, pode ter provocado em Roberta um fragmento nas relações interpessoais.

Roberta fala sobre possível dificuldade de adaptação, readaptação aos valores e estilo de vida originários, situação resultante da ideia de circularidade (BAENINGER, 2012), que contribui para outras formas de interação, como as relações de trabalho e outras instâncias, como a família e escola (BORGES, 2018).

Ao descrever como é a vida no Rio de Janeiro e ao comparar com Água de Dentro, situada próximo a Guarabira, uma cidade do interior do Estado da Paraíba, o Rio de Janeiro é visto como um lugar movimentado, em que se dorme tarde, ao contrário do que ocorre, de acordo com sua percepção, a vida no sítio.

O fator econômico foi visto como o motivo para uma distribuição irregular da população entre as regiões do país. O Sudeste e o Nordeste do país são considerados áreas de atração e dispersão, respectivamente, da mão de obra, com o destaque para o Sudeste que

representa a maior concentração populacional do Brasil, São Paulo sendo o estado com maior relevância nesse aspecto, seguido do Rio de Janeiro (IBGE, 2010).

O processo migratório caracterizado pelo movimento de ir e vir entre as áreas de menor para a de maior desenvolvimento econômico corresponde a uma etapa de transição, sendo a origem, de uma área menos dinâmica, para um destino que apresenta possibilidades de ganhar dinheiro e possibilidade de estudo.

Esse caso foi descrito por Roberta com a saída da zona rural, no estado da Paraíba para a zona urbana, no Rio de Janeiro. Neste processo, está o retorno, soque o qual seu relato demonstra circunstâncias familiares, referindo-se à mãe: “ela ficou hipertensa e teve síndrome do pânico depois que teve a minha irmã”, [...] meu pai não podia ficar próximo dela porque tinha que trabalhar”. Não exploramos essas circunstâncias na literatura estudada, devido ao fato de termos como foco o aspecto econômico.

Roberta enfatizou a dificuldade de readaptação no lugar de nascimento, relatando a sua experiência pessoal e familiar no retorno e comparou o estilo de vida na zona rural e a zona urbana, e tem clareza de que o Rio de Janeiro é um lugar de oportunidade. Por outro lado, a aproximação com os membros da família na Paraíba durante o retorno foi apontada como “um pouco mais divertido”, provavelmente por sua interação com os avôs e seus pais.

Recorremos a Baeninger (2012) para pensar esse movimento como uma transição, pois antecede a permanência fixa da família no lugar de destino, sendo muitas vezes resultante das relações que ela mantém com o mercado de trabalho. Recentemente, o emprego nos grandes centros urbanos tem atraído as pessoas e contribuído para uma “força de trabalho móvel” (BAENINGER, 2012, p. 94). Foram apontadas pelos sujeitos da pesquisa as seguintes oportunidades: construções civis, serviços domésticos, restaurantes, bares e comércios em geral.

O desemprego, muitas vezes, cria fragilidades e a família necessita retornar para o lugar de origem ou locais próximos, em que emigração (saída) e imigração (chegada) fazem parte de um mesmo processo social. Entende-se que esses movimento são próprios de um grupo, que, nesta pesquisa, são originários do Nordeste e que fazem a imigração para o Sudeste; nele, está o sujeito migrante, a sua saída e a sua chegada alteram as relações interpessoais e o lugar que habita.

Concordamos com Baeninger (2012), para quem a circularidade não explica toda a complexidade do movimento migratório no Brasil, no entanto destacamos que as situações do cotidiano familiar dos sujeitos participantes deste estudo comportam uma outra reflexão: a ideia do conhecimento em circularidade na escola, apontada por Borges (2018). A questão

educacional destes sujeitos está posta em pauta na medida em que é preciso repensar a mobilidade e a interferência com/na escola.

3.3 Melhores condições socioeconômicas

A Condição Socioeconômica, enquanto categoria de análise, contribui para entendermos os fatores motivacionais para a imigração. Gerada pelo *software* Atlas ti, a frequência foi um quantitativo de 432, distribuídos nas subcategorias: Renda, Oportunidade e Trabalho, conforme indica a tabela:

Tabela 13 – Categoria: Condição socioeconômica

Condição socioeconômica	Frequência	Percentual
Trabalho	290	67%
Emprego	91	21%
Oportunidade	51	12%
Total	432	100%

Fonte: Rosa, 2019.

A condição socioeconômica foi analisada a partir das trajetórias imigratórias dos sujeitos, atraídos para áreas com maior empregabilidade. Os dados mostram que a oportunidade representou 12%, e emprego 21% do quantitativo analisado, representando os menores índices. Ao analisar em qual contexto o termo oportunidade aparecia, percebemos que dizia respeito à oportunidade relacionada à experiência e trabalho, à oportunidade vinculada ao currículo e à oportunidade educacional.

Rio das Pedras tem apresentado um desenvolvimento econômico caracterizado por comércios variados, observados em placas comerciais que indicam negócios familiares e presença regional. Através do seu dinamismo local, tem atraído pessoas em busca de oportunidade para a comunidade e também em áreas próximas do seu entorno.

Com 67%, o trabalho, para os sujeitos participantes, corresponde às atividades remuneradas. Para os homens, predomina construção civil, serviços noturnos em restaurante e pizzarias, por exemplo; para as mulheres, atividades diurnas, como a de vendedora, serviços em ótica, diarista, faxineira, caixa de farmácia e de supermercado.

No grupo analisado, as categorias citadas apresentam um entrelaçamento com a escola pesquisada, justificada pela mobilidade das famílias e filhos/filhas. A tensão gerada pelo

emprego e/ou desemprego, através do ir e vir das famílias cria o movimento de entrada e saída do aluno na escola.

Recorremos agora à família *Sousa*. A fala é de Andréia, que tem 32 anos de idade, é residente na Comunidade Rio das Pedras com o marido e um filho de 6 anos:

Andréia – foi no ano de 2003 [...] primeiro eu não vim morar de vez, eu vim para passear [...] arranjei um trabalho e fiquei trabalhando. Eu trabalhei num restaurante, lá na praia do Flamengo [...] esse restaurante com um ano ele fechou, quando alugaram fizeram um contrato e o contrato venceu, aí o dono pediu o prédio e todos ficaram desempregados (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Andréia - no começo assim, eu estranhei muito. Mais depois eu me acostumei. No primeiro ano foi difícil, eu tinha uma vontade tão grande de voltar. [...] Você numa cidade do interior, as sete horas da noite você não vê ninguém na rua mais. Aqui no Rio da Pedras, nossa senhora, você sai de casa parece que você vai a uma festa, de tanta gente na rua, aquela *muvuca*, entendeu? É diferente, barulho. Lá é mais sossegado, mais tranquilo. E é o movimento assim, que você tem aqui que lá você não tem [...]. Eu tenho vontade de voltar, [...] eu moro aqui no Rio das Pedras, aqui eu não tenho parentes, eu não tenho ninguém. Aqui vive eu, o Renato e meu marido. Lá não, eu tenho minha mãe, meus irmãos, a gente tem família, a gente sai mais. Aqui a gente é muito preso, é diferente (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Para Andréia, imigrar foi difícil. O que motivou a sua permanência no Rio de Janeiro foi o trabalho que arranhou quando chegou, em 2003. Ela fala da experiência do trabalho em um restaurante. O fim do contrato de aluguel do imóvel onde funcionava o restaurante resultou no seu desemprego. Ao comparar o local de onde veio e o atual, denominou de *sosego* e a *muvuca*, para diferenciar a rotina diária entre a cidade de Itapororoca e a Comunidade Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. O número de pessoas, nesse caso, foi o fator relevante para sustentar essa comparação.

Este relato revela o crescimento populacional da comunidade, reforçando a mobilidade das pessoas entre as Regiões Nordeste para o Sudeste do país. É possível sustentar essa hipótese ainda, devido ao aumento da ocupação territorial no local e à crescente procura por vagas para alunos na escola pesquisada, assim, como nos indicadores do Censo Escolar sobre o crescimento do número de escolas locais.

Do ponto de vista das relações familiares, Andréia não tem convívio com outras pessoas da sua família na comunidade e informa que seu núcleo familiar, incluindo mãe, irmãos e outros sujeitos do seu convívio, permaneceu no Nordeste. Ela ressalta a ausência que sente de seus familiares e a vontade de retornar à sua cidade com a família. Em sentido amplo, o retorno corresponde à realização do que foi pensado como imigrante no Rio de Janeiro, em

que o tempo de permanência no grande centro urbano é voltado para o trabalho. Seu plano era juntar dinheiro e retornar para o lugar de origem para trabalhar por conta própria.

[...] eu trabalhava na farmácia ali em frente a loteria. Entendeu? Eu trabalhei ali, eu ainda não estava grávida não. Aí engravidei, quando o Renato nasceu eu fiz acordo e saí. Assim, você trabalha sábado, domingo, feriado, natal e ano novo [...], eu estou aqui no Rio de Janeiro a passeio, assim, juntando o dinheiro, já comprei algumas coisas lá. Mas eu pretendo voltar para o Nordeste para eu abrir um comércio [...]. Eu quero assim, abrir um supermercado alguma coisa. [...] o estudo faz falta sim, entendeu? Porque eu vou precisar, é claro, de estudo (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

A rotina semanal de Andréia foi descrita pelo seu trabalho na farmácia. Com o dinheiro recebido, a família vem fazendo investimentos em compras de imóveis, na perspectiva de ter o seu próprio comércio, ao retornar para o Nordeste. Andréia já trabalhou em restaurante e farmácia e, atualmente, é diarista. Ela passou por variados tipos de emprego, fato que, provavelmente, está relacionado ao tipo de movimento expresso por ela como: “você tem aqui o que lá você não tem”. Os donos de comércios são atraídos para a comunidade devido à expansão do local, alguns são negócios de família, como pode ser observado em letreiros e placas na fachada dos comércios e lojas que fazem referência ao estado da Paraíba, como uma expressão identitária de pertencimento. É o caso do comércio de peças, *Paraíba Motos*, como mostra na figura abaixo.

Figura 10 – Foto da fachada de uma loja em Rio das Pedras



Fonte: Rosa, 2016. Acervo da Pesquisa.

A imigração no caso de Andréia não está relacionada apenas à mudança de lugar ao outro, mas é uma consequência da necessidade de emprego para a manutenção do seu modo de vida. Em seu relato, percebe-se que a imigração está associada à necessidade de trabalho. A relação de ausência e presença de familiares é parte da trajetória do imigrante, no caso dela, morar no Rio de Janeiro significa a sua ausência na Paraíba, o que a motiva a ficar em Rio das Pedras é a vontade de retornar para o Nordeste e lá trabalhar no seu próprio negócio. Porém, o novo lugar de moradia criou uma ruptura em relação à convivência com aqueles sujeitos que constituem a sua rede de apoio familiar.

O Rio de Janeiro é visto por Andréia como um lugar de trabalho e possibilidade de melhoria das condições de vida, um lugar de passagem, ela está “a passeio” de acordo com o seu relato, observam-se mudanças em relação à sua moradia na comunidade Rio das Pedras e à situação financeira da família.

Quando eu vim morar aqui nessa rua a gente morava ali em baixo, aí eu tinha uma quitinete. Aí eu já tenho duas quitinetes alugadas, eu já tenho essa daqui entendeu? E eu comprei três terrenos na Paraíba, financiados pelo Banco do Brasil. A gente paga, quando eu terminar de pagar, eu pretendo comprar mais quitinetes para alugar, para quando eu voltar para lá eu ter o dinheiro daqui investido, entendeu? (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Ao usar a expressão *ali em baixo*, Andréia se refere à organização do espaço na comunidade, sua residência está localizada próxima a um dos principais acessos e circulação, a rua é pavimentada e é por onde circulam os ônibus que ligam a comunidade aos demais bairros da Zona Oeste e da Zona Sul da cidade. Para ter acesso à sua residência, o percurso foi feito a pé por uma subida íngreme, sua quitinete fica no 3º andar de um prédio. Compreende-se que *ali em baixo* significa a relação que ela mantém com o tipo de construção de prédios que vão se adaptando à geografia e ao espaço disponível, não necessariamente em lote, em bairro, uma casa, ou um prédio de apartamento, mas apenas um lugar.

A expressão pode representar também a hierarquia na ocupação de subárea na comunidade, que no caso de Andréia ocorreu em função da condição social da sua família. Ela fala da compra de imóvel no Estado da Paraíba e de quitinetes para alugar na comunidade. A atividade do esposo de Andréia, que é a construção civil, foi o que favoreceu a reforma da sua atual morada, um espaço dividido em: sala, cozinha, banheiro, quarto do casal e o quarto do filho. O espaço interno do imóvel tem piso em cerâmica, as paredes pintadas em textura contrastam com a área externa e de acesso ao prédio.

O caso a seguir é diferente das narrativas de Andréia e Roberta.

Carla pertence à família *Rodrigues*. Em seu relato, ela informa que é filha de imigrantes dos Estados do Piauí e da Paraíba. Carla nasceu no Rio de Janeiro, tem 29 anos, é mãe de dois filhos e seu esposo é imigrante do estado de Pernambuco. Sua fala descreve a rotina que tem na comunidade.

Olha a minha vida aqui é tranquila, é de casa pro trabalho, [...] acordo, deixo meu filho na escola, da escola vou pra casa, venho, daí pego no trabalho nove horas e deço para trabalhar e trabalho até as sete da noite e vou pra casa, ficar com minha família, fazer os deveres de casa, durmo cedo. Porque meu filho ultimamente está dormindo na escola, está tendo esse problema de dormir na sala de aula, né, então eu tenho que dormir cedo com ele, assim, nove horas tô lá deitada com ele pra ele estar dormindo, né, no final de semana também não sou de sair, mas de ficar em casa, eu meu esposo, meu filho (Entrevista, Carla, 29 anos, família Rodrigues – Relatório de campo – dia 23/04/2016).

Sua rotina diária, conta-nos Carla, acontece no trabalho que ela realiza na casa lotérica e no acompanhamento do seu filho de três anos à escola, cuidando de suas atividades escolares. Porém, destacou que dorme cedo em função do horário da escola do filho. Quanto ao seu conhecimento sobre a realidade da vida das pessoas no Nordeste, é baseado nos relatos dos familiares e de outras pessoas do seu convívio. Além disso, ela fala do retorno ao Nordeste:

Eu escuto dizer assim: pra morar é um lugar bom, é um lugar tranquilo, mas assim, em relação a trabalho assim que é ruim [...] meu esposo que é do Nordeste, de Pernambuco, [ele] fala que não acostuma aqui no Rio, [...] o pensamento dele é voltar para morar lá e fala que não se acostuma aqui [...] nos planos dele é ir embora de vez pra morar lá, e no caso eu também iria. (Entrevista, Carla, 29 anos, família Rodrigues – Relatório de campo – dia 23/04/2016).

O Nordeste é apresentado como um lugar tranquilo na fala da entrevistada, tendo como contrapartida a situação de trabalho, considerada como ruim.

O trabalho é um dos aspectos mais comuns na fala dos sujeitos entrevistados, assim como o tipo de função exercida. O que está implícito na fala de Carla é a ausência de trabalho. Ela sinaliza que, embora o trabalho aqui seja ruim, é existente, enquanto no Nordeste, não.

Carla explicita a possibilidade de retornar para o Estado de Pernambuco, estado de seu esposo, que, segundo ela, expressa desejo de voltar para lá. Nesse caso, a entrevistada faria o sentido contrário dos demais sujeitos imigrantes da pesquisa e do que se vê na literatura sobre a migração de retorno.

Em relação aos seus familiares, Carla, ao se referir à mãe, diz: “só sei que ela não pensa mais em voltar, até mesmo porque ela não tem mais família lá, a família dela está toda

aqui [Rio de Janeiro] veio embora pra cá”. Neste caso, suas relações intergeracionais se apresentam pelo convívio com pessoas de diferentes gerações de sua família na Comunidade Rio da Pedras, ela mantém vínculos com a família materna.

Se considerarmos a idade e o nascimento de Carla no Estado do Rio de Janeiro, somos levados a compreender que seus pais, possivelmente, imigraram entre as décadas de 1970 e 1980, com a urbanização e a imigração do campo para cidade, fatores que contribuíram para que a população se mudasse para locais com maior possibilidade de emprego e moradia.

Andréia e Roberta eram, elas próprias, imigrantes, portanto ainda há, para esses sujeitos, a perspectiva de retorno para manter vínculos familiares no Nordeste. Para Roberta, a possibilidade de retorno diverge de seu pai, pois ela afirma que gostaria de permanecer no Rio de Janeiro, já que tem melhores condições para o estudo e trabalho.

De acordo com Fazito (2010, p. 91), “o imigrante manipula simbolicamente suas próprias experiências cotidianas ao criar suas ilusões sobre o retorno às origens buscando, assim, justificar sua situação muitas vezes incômoda de deslocado”. Neste sentido, o *ir e vir*, no movimento migratório entre as Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, pressupõe vários modos de relações: com o tempo, com o lugar de origem na busca de familiares e reencontro psicossocial, que muitas vezes se sobrepõem ao aspecto econômico, neste caso, o retorno do imigrante se faz no campo das relações física, social e emocional.

3.4 As famílias, suas mobilidades e as vozes estudantis

A partir dos relatos das famílias sobre como aconteceu a imigração, seguido da fala da diretora, observou-se que havia entradas e saídas dos alunos no decorrer do ano letivo escolar, os que entravam, em sua maioria, vinham dos estados do Nordeste. Buscou-se investigar e mapear a origem familiar do aluno e as relações que este estabelecia com o local de nascimento, neste sentido, havia a possibilidade de identificar as experiências vividas na imigração.

Mattos e Castro (2005) indicam as análises etnográficas sobre a realidade dos alunos no enfrentamento das dificuldades e das desigualdades em sala de aula. Segundo as autoras a etnografia é capaz de “dar voz àqueles que geralmente não são ouvidos, mas que frequentemente são sujeitos da investigação” (MATTOS; CASTRO, 2005). De fato, dar voz ao aluno não é uma tarefa fácil, pois requer uma análise detalhada do dado encontrado.

A partir de um texto escrito pelos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, com o título: *O lugar que eu nasci*, identificou-se origem familiar do aluno. O *lugar/local*, enquanto categoria de estudo, remete à origem do sujeito imigrante e às relações com seus familiares, sua recorrência é dada pela relação que, a termo, assume em qualquer uma das situações do processo migratório, sempre com um ponto de partida e outro de chegada.

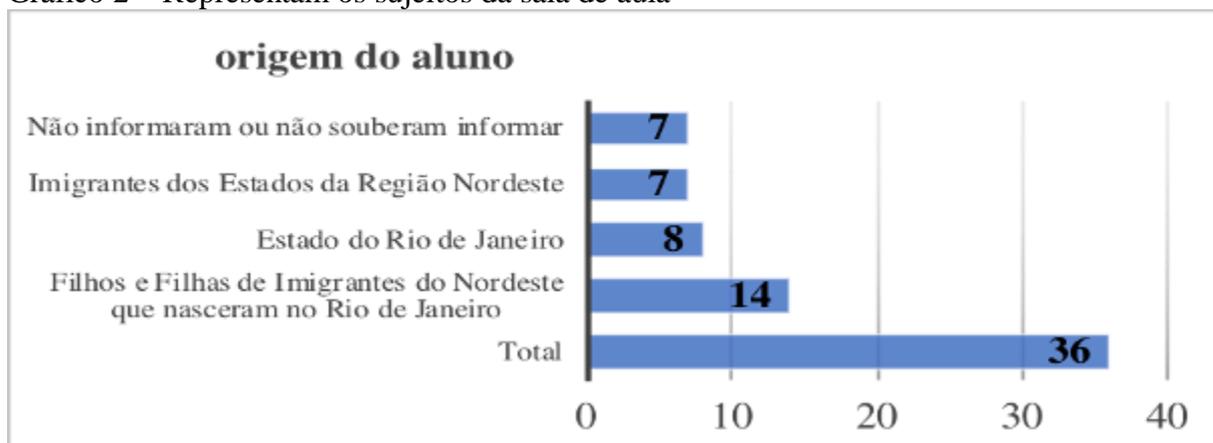
O lugar possibilita identificar os “diferentes fluxos migratórios” (BAENINGER, 2012, p. 92) e as oscilações envolvendo emigração e imigração. Brito (2006, p. 233) analisou o “efeito indireto” no aumento populacional, relacionando ao nascimento dos seus filhos, muitas famílias retornam para o local de origem, com filhos e netos, pois “têm laços de parentescos com os nordestinos” (FUSCO, 2012 p. 106). A casa, os animais, os espaços, que representam o “saudosismo, a tristeza dos que arrancados de suas raízes sonham em voltar” (DAMERGIAN, 2009, p. 256).

Para interpretar os textos que serviram de *corpus* de dados, empreendemos um esforço para ressignificar também as imagens nos textos, pois estes representavam aspectos da vivência dos sujeitos. Alguns alunos, no momento da pesquisa, encontravam-se em processo de aquisição da leitura e da escrita, através do desenho, a imigração foi explorada com riqueza de detalhes, as relações com o espaço de moradia, afetividade, revelando a origem familiar, mas, em alguns casos, não era possível fazer essas inferências com clareza. Para fins de análises, utilizamos do recurso de áudio, realizado na área externa da escola, como nota complementar ao caderno de campo.

A partir de uma redação escrita, buscamos identificar a origem familiar do aluno, o *lugar/local* foi uma das categorias analisadas na revisão de literatura desta tese e remete à origem do sujeito em processo migratório. No contexto da escola, está relacionada ao local de origem familiar, a sua frequência ocorre pela relação que, a termo, assume em qualquer uma das situações do processo migratório, envolve imigrar, emigrar ou retornar, tendo um ponto de partida e outro de chegada.

Na sala de aula observada, havia 41 alunos matriculados; desse total, foram coletadas 36 textos, o resultado apontou que 07 alunos eram nascidos em diferentes estados do Nordeste e que imigraram recentemente com suas famílias para a comunidade de Rio das Pedras; 14 alunos nasceram no Rio de Janeiro, sendo filhos e filhas de imigrantes; 08 alunos eram do estado do Rio de Janeiro; 07 alunos não informaram a sua origem familiar, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 2 – Representam os sujeitos da sala de aula



Fonte: Rosa, 2019.

Para compreender a migração a partir do aluno e da aluna, procuramos perceber os vínculos familiares no Nordeste aparentes nas imagens produzidas. Observados os desenhos, vimos que expressaram vivências com outros sujeitos da família, como avô e avó, além de brincadeiras, saudade, entre outras. As formas de agrupamento não esgotam as explicações sobre o contexto de vivência do sujeito, mas contribui para o entendimento do lugar de pertencimento.

A casa foi representada por uma parte significativa dos alunos, provavelmente por um vínculo que sustenta as suas relações familiares. O desenho retrata a construção com janela pelo menos em uma das paredes; no entorno da casa, em alguns textos, há desenhos de animais, cachoeiras e rios, que remetem a áreas rurais, indicando um possível deslocamento entre áreas rurais e urbanas; em outros casos, foi mencionada a saudade de familiares que ficaram no Nordeste.

Encontramos explicações para situações distintas vivenciadas pelo aluno. Em alguns indicam algum tipo de vulnerabilidade criada com a separação dos filhos e seus pais e a permanência destes no lugar de residência, assegurada pela rede de apoio; o desemprego tem sido a causa do retorno de filhos para o lugar de origem, com o apoio de familiares.

3.4.1 Vínculos familiares com o Nordeste

A figura 1 foi feita por um aluno de 9 anos de idade, ele nasceu no Rio de Janeiro, sua mãe é imigrante da Bahia. A figura retrata uma casa. A mulher que está sentada na frente da

casa segura uma criança no seu colo, em seu rosto há uma expressão com lágrimas, o que pode significar um sentimento. No texto *eu nasci no Rio de Janeiro* – “minha mãe veio da Bahia” – uma atitude de defesa de sua origem e a confirmação que se trata de um filho de imigrantes.

Figura 11 – Nasci no Rio de Janeiro



Fonte: Rosa, 2019.

A casa representada ocupa um espaço pequeno, com o número 120^a. Provavelmente, naquele espaço há outras divisões que foram ocupadas por outros moradores. Na comunidade de Rio das Pedras, de acordo com Burgos (2002), a área começou a ser ocupada por volta do ano de 1969. Desse período até aos dias de hoje, a comunidade foi expandindo-se e a área ocupada apresenta-se dividida em subáreas e, nelas, o autor aponta ainda, uma divisão baseada na origem dos moradores dentro da própria comunidade, uma das subáreas ocupadas por baianos é Areal. Nesse sentido, é importante que se tenha “o reconhecimento de uma

pluralidade cultural” (BURGOS, 2002, p. 127). No caso de Miguel, que este reconhecimento também ocorra no espaço da escola.

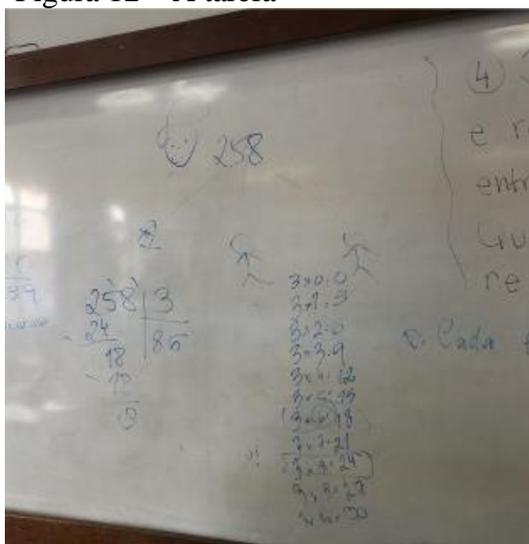
De acordo com Burgos, as primeiras ocupações ocorreram no entorno do rio que dá nome a comunidade. O rio a percorre e, com a sua ocupação ao longo dos anos, foi recebendo esgotos. Hoje, é poluído, identificou-se como “valão” na fala do aluno.

O aluno Antônio é dinâmico e participativo, é com quem a professora sempre fala. Observamos a sua participação na correção da tarefa de matemática, na aula do dia 30 de novembro. A tarefa é uma atividade planejada ou não pela professora e realizada pelo aluno na sala de aula ou em casa (CASTRO, 2015), reflete não apenas os conteúdos curriculares, mas elementos do contexto de sala de aula que contribuem para sua realização, como também a possibilidade de reflexão sobre o contexto social e cultural. Para a sua realização, Castro destacou alguns elementos que contribuem de forma combinada para a possibilidade de construir conhecimento, tais como:

“i) a interação entre os pares, ii) o acesso ao professor para solicitar ajuda, iii) a utilização de materiais escolares e didáticos (livros, cadernos, lápis, caneta, entre outros), iv) a administração do tempo para a realização, v) a dedicação e concentração para a sua execução, vi) a agilidade mental em entender como a tarefa foi solicitada e vii) como realiza-los” (CASTRO, 2015, p. 194)

A seguir, temos a descrição da tarefa realizada em sala de aula enquanto atividade curricular. Através dela, pode-se identificar alguns dos elementos sinalizados pela autora. Na sala de aula, os alunos estão sentados em seus lugares e atentos, enquanto a professora colaboradora copia no quadro branco o seguinte problema de matemática: João tinha 258 reais e repartiu igualmente entre os 3 filhos. Quanto cada filho recebeu? Utilizando-se do quadro branco, a professora explica a resolução da tarefa, como mostra a figura 12.

Figura 12 – A tarefa



Fonte: ROSA, 2018. Acervo da pesquisa.

A professora escreve na lousa e pergunta: “o que eu faço, adição, subtração multiplicação ou divisão? As vozes ressaltam: “divisão”. A professora diz: “fala para mim, zero, três, seis, nove, doze, quinze, dezoito, vinte e um, vinte e quatro, vinte e sete e trinta”. – O aluno Miguel complementa a explicação dela e diz “Não, tia, está errado, é vinte e oito” A professora o repreende: “psiu, aqui. Miguel, presta atenção. Eu posso dividir o dois pelo três?”. A maioria da turma responde que não. A professora, então, explica: “eu vou trabalhar com vinte e cinco. Tem cinco nessa tabuada?”. Depois que a turma responde “Não, o que chega mais perto é vinte e quatro”, seguem-se as explicações do conteúdo e a resolução do problema.

Ao terminar a tarefa de sala de aula, a professora faz anotações para a agenda e explica que no dia 07 de dezembro seria encerramento das aulas. Em sua fala, ressalta que será o dia de fazer a lembrancinha de Natal usando material reciclado. E pergunta: “lembra que pedi para trazer uma garrafa pet? Quem lembrou de trazer?” A professora diz que é fácil encontrar, como observado na fala a seguir:

Aluno Miguel – tia, no valão.

Professora – no valão não que vai tá contaminado [...] às vezes na rua, quando chegar em casa lava, tiver suja tem que lavar, resto de coca-cola atrai barata, formiga. Eu vou fazer aquele trabalho que mostrei ontem para vocês, aqui, tá. Vai embora carregando aquele presente, fazer um cartão de natal e de repente a gente faz até um amigo oculto, não sei, tá. (Relatório de campo – dia 07/1/2016).

O *valão*, de acordo com a fala da professora, é um lugar contaminado, Miguel demonstrou conhecer o local, ao mencionar que ali poderia encontrar o material para atividade de sala de aula, solicitado pela professora. Recorremos a Burgos (2002), que explicou sobre o surgimento da comunidade. Com o crescimento desordenado no entorno dos córregos, o rio que dá nome à comunidade Rio das Pedras foi tornando-se poluído. No período das chuvas, tem gerado prejuízos para os moradores, com alagamentos constante nas residências, comércios e ruas, dificultando a circulação das pessoas e veículos. Um dos trechos do rio, que, nas vozes dos sujeitos da pesquisa, é referido como valão, é bastante significativo para a pesquisa, pois o utilizamos como um dos limites para o mapeamento dos sujeitos e do acesso à escola.

Destaca-se o uso da fotografia, apoiada no referencial de Erickson e em experiências realizadas em pesquisas do NetEDU, nos quais a fotografia contribui para significar as notas de campo. Nesta pesquisa foi combinada com o as imagens audiovisuais nas entrevistas e observação participante, acrescentando aos dados da pesquisa o olhar reflexivo.

Sendo o uso da fotografia a possibilidade de descrever dados do campo, como na figura 13 abaixo:

Figura 13 – Família e escola



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

A presença da família no espaço escolar foi vista durante as atividades do campo, A fotografia acima foi feita no dia 16 de novembro do ano de 2016, durante a observação participante na escola. O local corresponde à área externa, onde os sujeitos da escola aguardam o toque da sirene que indica a abertura do portão para a troca de turno escolar, com a saída do aluno do primeiro turno e a entrada do aluno do segundo turno na escola. Enquanto, alguns os alunos interagiam e brincavam no pátio.

Observamos pais e mães; uma mãe segurava uma mochila, quando o seu filho se aproximou e lhe entregou um doce, imagem retratada na figura 13. Sentadas em um banco de alvenaria havia outras mães, que conversavam sobre o desemprego. Uma delas disse que, se não conseguisse o emprego logo, uma possibilidade para o sustento familiar, seria a venda da casa e retorno para o Nordeste. A mãe de Miguel, demonstrou preocupação sobre a venda do imóvel e aconselhou que, como garantia do pagamento, a venda fosse realizada através de um financiamento bancário. Porém, há, no caso da Comunidade de Rio das Pedras, a questão documental do imóvel e a ausência da inscrição no Imposto Predial e Territorial Urbano

(IPTU), imposto pago por aqueles que possuem propriedade na zona urbana. Este assunto foi tema de aula, conforme a observação participante realizada no dia 09 de novembro de 2016.

A professora inicia a aula com a correção da tarefa do livro didático, anotando a resposta no quadro branco. Uma das questões a ser corrigida é sobre a ocupação da Comunidade, a professora explica que existem muitas casas que não têm escritura da prefeitura e por isso não pagam o IPTU. O documento da casa dos moradores é feito pela Associação de Moradores (BURGOS, 2002). Neste momento, as falas dos alunos são sobre a sua casa ter ou não documento.

Ainda em relação à imagem 12, observa-se a presença de pessoas mais velhas na companhia do aluno na entrada da escola; nela, está o aluno da educação infantil e ensino fundamental, o que justifica a presença das pessoas adultas. Há diferenças na rotina de trabalho, a mãe é de sair cedo, logo pela manhã e retorna no final do dia, enquanto o pai faz o sentido contrário, para o trabalho à noite. Assim, conclui-se que a atividade desempenhada pelo pai favoreceu que ele acompanhasse o aluno no turno observado até a escola, desse modo, a família adequou a rotina de trabalho à situação educacional do filho e vice-versa.

Karina tem 10 anos, nasceu no Rio de Janeiro, é filha de imigrantes, a sua mãe imigrou do Estado do Ceará e o pai do Espírito Santo; Ana tem 11 anos, é imigrante do estado do Maranhão com os seus pais. Na fala das alunas, há exemplos que contribuem para a reflexão sobre o emprego da mãe e a rotina de trabalho:

Karina – menina de Deus! Minha mãe chegou, eu fui lá na minha tia. Ela foi lá e me buscou. Aí tá. Aí eu fui lá, minha mãe me chamou, senta agora na mesa. Fica quieta, cala a boca e pega [...], pega o caderno, aí passou várias coisas. Mamãe tá bom mãe, já é 8 horas. Eu fiquei de 5 até 8 horas copiando [...], a minha mãe bota é para quebrar porque ela era professora de matemática.

Pesquisadora –E agora, ela trabalha com quê?

Karina– como doméstica, porque ela veio do Ceará

Ana – a minha mãe, minha mãe, ela é faxineira

Ana– Mas acho que agora ela não vai trabalhar de faxineira não.

Karina– a minha mãe falou que vai trabalhar em farmácia, que ela fez um curso.

Ana– mas ela não vai trabalhar em restaurante sabe por quê? Porque ela não folga dois dias na semana. Ela quer pegar de segunda a sexta.

O contexto familiar de Karina, que é filha de imigrantes, assegura uma relação familiar com a tia que também reside na comunidade, além disso, a mãe acompanha a atividade escolar da filha, contrapondo a visão que foi apontado no conselho de classe, da ausência da família na escola. Porém, compõem ao grupo familiar em estudo uma outra responsabilidade, que é rotina de sua casa e a escolar. Este estudo indicou que a mãe compartilha com o pai a tarefa de acompanhar o filho e a filha na escola.

Karina, mãe que atualmente é empregada doméstica, foi professora de matemática quando morava no estado do Ceará e, embora a situação escolar da sua mãe não tenha sido esclarecida, há uma ancoragem com o depoimento no caso de Andréia, da família *Sousa*. O trabalho doméstico foi citado no contexto da imigração familiar, refere-se ao “fora de casa”, ao “remunerado” e que, no Brasil, foi regulamentado recentemente. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística de Estudos Socioeconômicos (DIEESE⁹), parte dos direitos do trabalho doméstico foi regulamento pela Lei Complementar 150, em 1º de junho de 2015. A partir daí, outra questão passou ao debate, a reorganização do trabalho em duas ou três diárias semanais para não configurar em vínculos, conseqüentemente em custos adicionais.

Ana, a mãe que é faxineira, quer um tipo de trabalho em que ela possa ter folga dois dias da semana. Nesse caso, não pretender trabalhar de segunda a sexta-feira, provavelmente, é uma alternativa à dupla condição de trabalho, pois ela vive o papel de mãe, esposa, dividindo a jornada de trabalho diária entre o trabalho remunerado e os afazeres domésticos da sua casa. Desse modo, muitas se lançam nas formas precárias de trabalho, como em situações de ausência da legalidade que circunscreve a proteção dos seus direitos assegurados no mercado de trabalho.

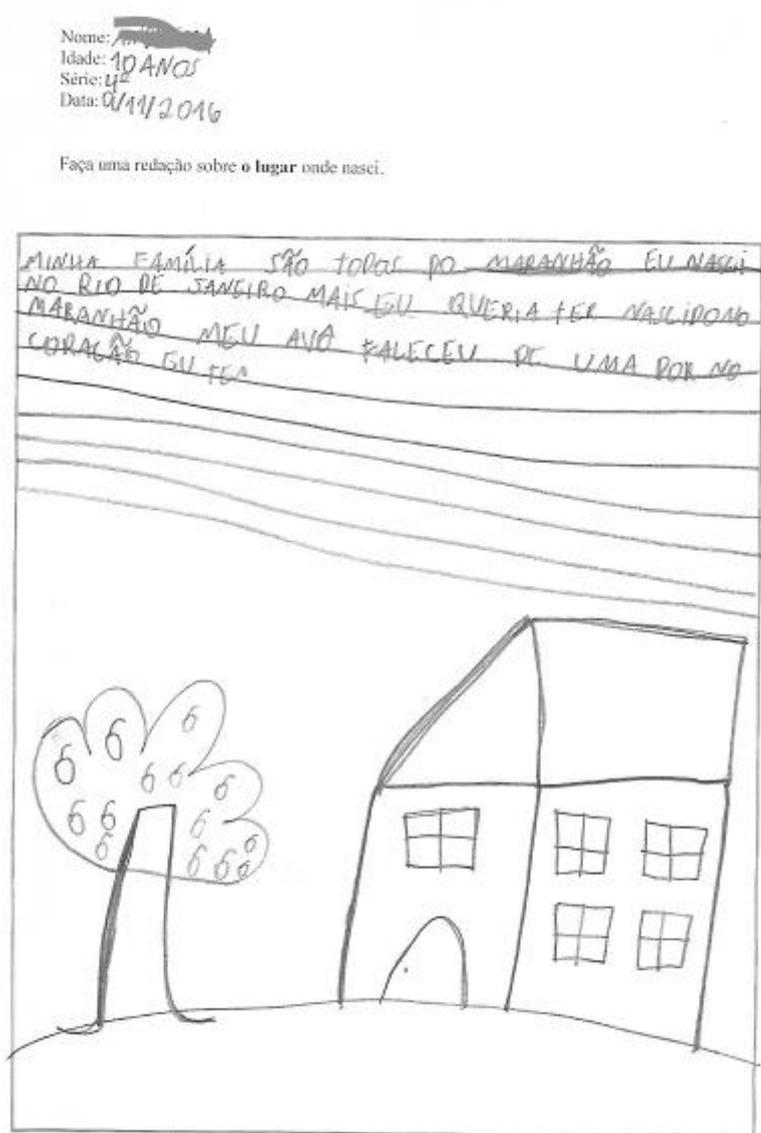
Cabe ressaltar que a preocupação está voltada para as relações escolares, porém o tipo de emprego e o desemprego que envolve as situações cotidianas das famílias impactam nos resultados do aluno, a partir da percepção da escola. A respeito desse impacto, observamos um tipo de vulnerabilidade, no caso particular destes sujeitos que vieram do Nordeste para a comunidade de Rio das pedras, confirmado que a imigração representa a busca de uma vida melhor e retornar pode significar uma decisão relacionada ao desemprego.

Larissa, com 10 anos de idade, nasceu no Rio de Janeiro, é filha de imigrantes do estado do Maranhão. Ela explicou que, após a separação dos seus pais, a mãe retornou para o estado do Maranhão e ela ficou morando com o seu pai na comunidade Rio das Pedras. A sua fala revela uma relação conflituosa, pois seu pai se casou com a tia materna, demonstrou que estava triste por ter se separado da mãe, fato que contribuiu para a fragilidade na relação

⁹ Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018empreDomSINTMET.html>. Acesso em: 08/03/2019. Segundo o DIEESE (2018), apesar de a PEC das domésticas ter contribuído com a limitação da jornada de trabalho de empregadas mensalistas, ainda existem regiões em que a jornada prolongada é expressiva, como em Salvador, campeão neste item, com 44 horas semanais. Para as diaristas, a jornada é menor, porém, mais intensa.

familiar e casos de violência. Em outro momento, ela relatou que o pai a acompanha até a escola, pois iria saber os resultados escolares, mas ressaltou que “o pai não quer que fale sobre a família [dele] aí, vai ficar meio complicado”. Isso impossibilitou uma aproximação.

Figura 14 – Eu nasci no Rio de Janeiro



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

Ela escreveu “Minha família são todos do Maranhão. Eu nasci no Rio de Janeiro, mas eu queria ter nascido no Maranhão. Meu avô faleceu de uma dor no coração”. No desenho, há uma casa, com porta e janelas; na frente, um desenho de uma com árvore com frutas. A casa

representa o lugar de morada, a vontade de ter nascido no Maranhão talvez tenha a ver com a aproximação dos familiares que lá ficaram, pois fala sobre o avô e sobre o caso de retorno da sua mãe.

Neste estudo, as análises não evidenciam cenas de violência na sala de aula, esse tema também não foi relacionado no contexto da família. Entretanto, há expressões que foram destacadas, tais como “violenta”, “bate”, “relação de machismo”, apresentados pela escola como relacionado à origem familiar.

3.4.2 Laços afetivos e familiares

Agrupamos explicações do aluno e aluno que imigraram do Nordeste nesta seção. Não se esgotam as análises sobre o contexto de vivência do sujeito, mas tal organização contribui para o conhecimento do lugar de pertencimento e as experiências envolvidas: família, escola, brincadeiras, entre outras.

A figura 15 representa o vínculo afetivo que derivou das análises do campo. Francisco tem 11 anos de idade, imigrou da localidade de Murici, interior do estado do Ceará, quando tinha 4 anos de idade. Ele escreveu: “eu sinto falta dessa casa, da minha família e dos meus avós”.

A casa foi representada com vários espaços: no primeiro, uma sala, onde há um sofá com uma pessoa assistindo à televisão, representada pela palavra *novela*; o segundo reúne um fogão, objetos com uma pessoa próxima, a geladeira, uma mesa com duas cadeiras, no que parece ser uma cozinha; o terceiro é composto por objetos de quarto, como uma cama, guarda-roupa, há também uma pessoa; o último é composto por diversos objetos. No entorno, temos uma área ampla com a presença de animais e plantas.

Figura 15 – Eu sinto falta dessa casa



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

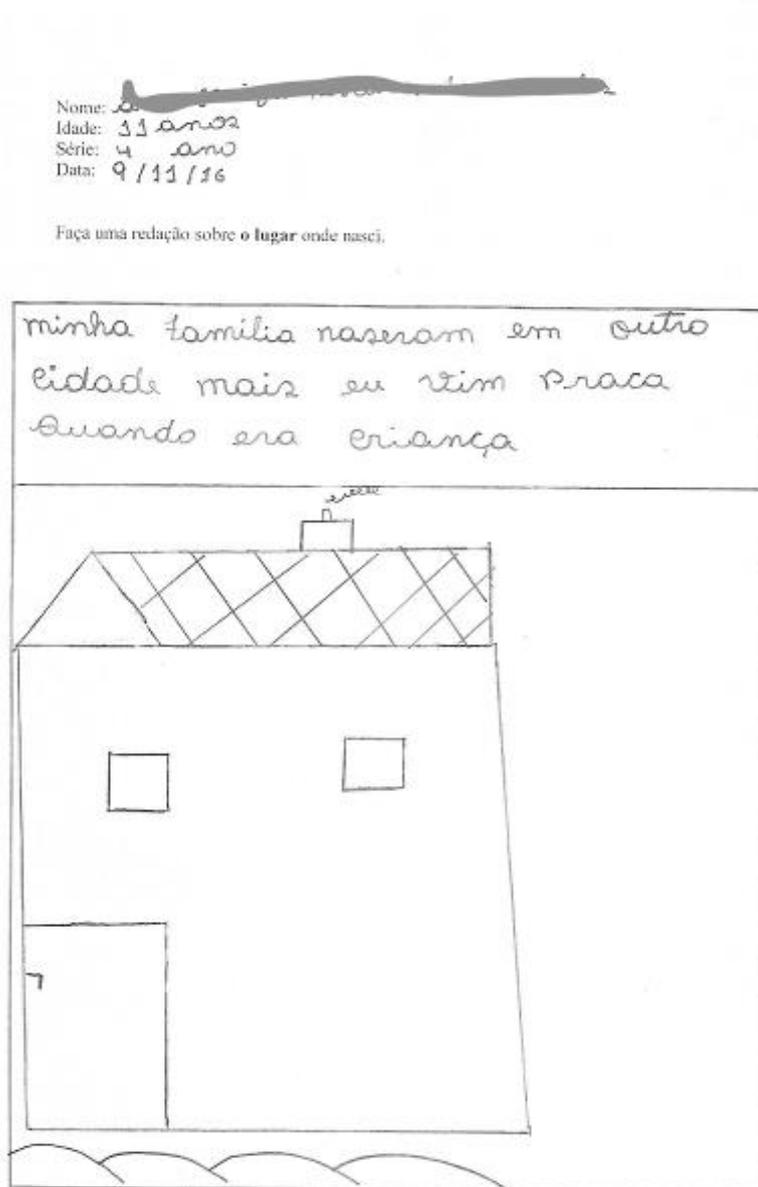
Além dos aspectos mencionados, o texto escrito demonstrou uma relação afetiva com a casa onde morou e seus familiares, destacando o seu avô, conforme o relato a seguir, em que Francisco escreveu: “Eu gosto muito quando eu era criança. Eu sinto falta dessa casa e da minha família e dos meus avós”. Perguntado sobre o lugar, ele respondeu: “que marcou a minha vida, e marcou minhas lembranças nessa casa, [morei nela] até quando eu completei 4 aninhos”.

As ideias de Damergian (2009), para quem os sujeitos demonstram afeto em relação ao lugar de moradia, parecem explicar o sentido do lugar para os sujeitos participantes desta pesquisa, pois seu lugar de moradia também significa afeto, representado pela casa, objetos,

quintal e animais. Com a imigração da família, cria-se ausência física do local antigo de moradia, mas carregam consigo as lembranças, que permanecem no imaginário do imigrante, como no caso acima relatado.

A casa, foi desenhada na maioria dos textos analisados, como pode ser observado nas figuras, sendo uma representação da residência atual ou da residência anterior. De um modo ou de outro, a figura da casa mostra também, o vínculo com o lugar de pertencimento.

Figura 16 – Eu vim pra cá quando era criança



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

A figura 16 tem como destaque uma casa, o texto é de Ana. Ela tem 11 anos, nasceu no Maranhão e migrou para o Rio de Janeiro. Ela escreveu: “minha família naseram em outra cidade mais eu vim praca quando era criança”, a casa tem um significado importante, pela relação estabelecida pela sua família com a rede de apoio no processo de imigração familiar relatado por Ana:

quando eu vim para cá [Rio de Janeiro] é assim, eu fui contar a minha história para a minha amiga. [...], a minha amiga falou assim: a sua história é meio complicada. [...] quando a minha mãe veio para cá, ela não pôde me trazer, porque ela tinha que trabalhar e eu era pequena ainda. Aí eu fiquei com uma mulher, né? Aí, essa mulher me cuidou. Aí é muito engraçado, lá nessa família eu tenho pai, eu tenho mãe eu tenho tudo [...] lá no Maranhão, quando eu vim para cá, já com quase 5 anos. (Ana, aluna do 4º ano, 11 anos – Relatório de campo – dia 30/11/2016)

Ana relatou que ficou separada da sua mãe quando ela imigrou do Maranhão para o Rio de Janeiro, em busca de trabalho. As dificuldades enfrentadas pela mãe para trabalhar e cuidar da criança fizeram com que ela tomasse a decisão de deixá-la aos cuidados de uma família, que hoje ela considera como pai e mãe. Este é um caso da rede de apoio na imigração para a família de Ana, no lugar de origem e não no lugar de destino.

Percebemos que o vínculo com o lugar de origem e o apoio familiar e de outros sujeitos do seu convívio representa um papel importante também na imigração de retorno. Nos fragmentos de fala a seguir, encontra-se a explicação de Kelly. No estudo envolvendo a imigração, a moradia é uma variável de fácil acesso nos documentos que tratam do censo demográfico e remete ao item de análise para identificar o migrante, no entanto não retrata a questão social, afetiva, educacional, para além do espaço e do tempo.

Kelly, com 10 anos de idade, relata que nasceu na cidade de Bacabal, no estado do Maranhão e migrou com a sua família para o Rio de Janeiro quando tinha 8 anos de idade. A sua família é constituída por mãe, irmã, irmão e prima que residem na comunidade Rio das Pedras; seu pai mora em São Paulo. Ela fala da necessidade do seu retorno e que ficará aos cuidados da avó materna, com o fim do ano letivo de 2016. Ela diz:

Kelly: minha família veio de lá do Maranhão. E meu pai é do Maranhão, e minha mãe é do Nordeste, minha vó é do Nordeste, minha tia é do Nordeste, meu tio ... minha família toda.
 Kelly: eu vou passar o natal lá no Maranhão [...]
 Pesquisadora: e você, volta quando?
 Kelly: em 2018.
 Kelly: eu não sei, porque ela tá fazendo uma viagem tão longa.
 Pesquisadora: e quem mais vai ficar lá até 2018?
 Kelly: só eu e meu irmão, aí a minha vó vai vir do maranhão para cá com a gente.
 Pesquisadora: e lá, vai morar com quem?
 Kelly: com minha vó, lá nos temos nossa própria casa lá [cidade de Bacabal, estado do Maranhão] (Kelly, aluna do 4º ano, 10 anos – Relatório de campo – dia 30/11/2016).

Kelly, não sabe explicar o motivo da sua viagem, mas, compreende que *tão longa* refere-se ao tempo em que ficará em outro estado; em outro momento, fala do tipo de trabalho da mãe, que é em “restaurante no nova Ipanema [...], ela fica até duas horas”, destacando o tipo de emprego da mãe e o horário de permanência no trabalho.

Através do seu relato, entendamos que ela e seu irmão ficarão por um ano no Maranhão, posteriormente, retornarão para o Rio de Janeiro na companhia da avó materna. A rotina e as condições do tipo de trabalho realizado pela mãe talvez tenham contribuído para a decisão da família de retornar com os filhos para a cidade de origem; por outro lado, isso acontece devido ao apoio da avó materna.

Diversos estudos sinalizam para as diferentes mobilidades migratórias, dentro desse complexo – casamento, trabalho, estudo e outros. Este capítulo focalizou as vozes dos sujeitos participantes que fazem parte do fluxo entre o Nordeste e Sudeste do país.

Um dos elementos que determinam a mobilidade é o trabalho. Aqui, não se trata de compreender a qualificação da mão-de-obra, mas de entender o que move o sujeito de um lugar para outro, uma vez que a migração interna no país reflete o desenvolvimento da economia, especialmente o de serviços.

Muitas vezes, a precariedade nas relações de trabalho, como a falta de vínculo no emprego e outros direitos trabalhistas, desemprego, condições de trabalho tem contribuído para a instabilidade familiar, criando temporalidade, conceito que, de acordo com Brito, implica a imigração e a emigração: “o fato de levar em conta a temporalidade faz com que se possa encarar a migração como um processo que deve incluir, ao mesmo tempo, o passado, o presente e o futuro das pessoas em mobilidade espacial” (BRITO, 2010, p. 456).

Como forma de contribuir para entender a migração destes sujeitos, o estudo apresenta a família em mobilidade. Daí a importância da rede de apoio no lugar de origem, mantendo desta forma, o vínculo familiar e a viabilização do retornado. Compreende-se que, no caso de Kelly, há um planejamento familiar quanto à temporalidade, no sentido de que o retorno é uma possibilidade para a junção da família, tendo como referência o ano letivo na escola.

As vivências cotidianas em contexto migratório foram recriadas através do desenho e escrita do aluno na sala de aula. Também foram reproduzidos modos culturais do Nordeste como o identificado em fotografia.

Reportamo-nos à região Nordeste do país e às ações e políticas governamentais em âmbito federal, que a partir dos anos 2000, com a universalização da educação básica como o acesso e permanência do aluno na escola, inseriram a família como eixo central de políticas voltadas ao combate à pobreza e à exclusão social. As famílias em situação econômica de

pobreza e com condicionalidade do filho na escola foram incluídas em programas de renda mínima (ROSA, 2012).

Nesta pesquisa, a questão do vínculo família e escola através de programas sociais não foi mencionada pelas vozes das famílias, mas sim pelo viés da escola. Observamos que a condição socioeconômica foi vinculada à realização da Prova Brasil e à participação no Programa Bolsa Família. A escola tem clareza da condição social e cultural do aluno da escola na comunidade de Rio das Pedras.

No capítulo a seguir, serão descritas as interações entre o aluno e a escola, partindo das vozes da pesquisa para chegarmos ao texto final, com reflexões sobre a construção social da escola.

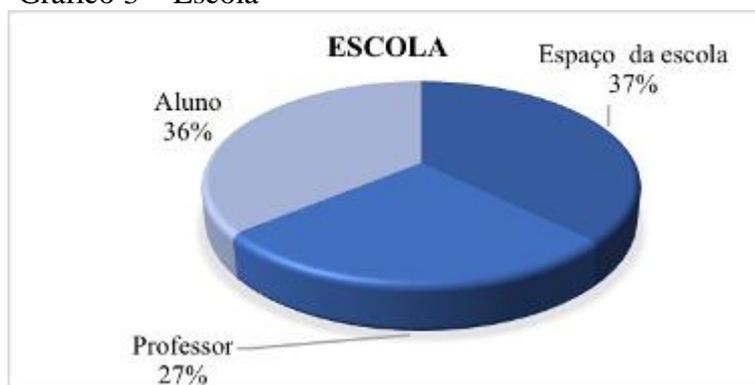
4 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

No presente capítulo, a construção social da escola foi descrita através das atividades escolares e da aprendizagem, que revelaram como são entendidos os alunos da sala de aula pesquisada. Esses alunos, descendentes em sua maioria de nordestinos ou, sendo eles os próprios imigrantes, residem na comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro.

A observação da sala de aula e da reunião do conselho de classe auxiliaram na composição do cenário que envolve gestores, funcionários, professores, alunos e alunas da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Luiz Gonzaga.

A categoria Escola aparece em 63% do total dos dados obtidos no relatório do campo desta pesquisa, o que resultou no agrupamento das subcategorias Espaço da escola (37%), Professor (27%) e Aluno (36%), como pode ser observado no gráfico 3 a seguir,

Gráfico 3 – Escola



Fonte: Rosa, 2018

Esta forma de organização possibilitou uma reflexão sobre a escola estudada e o aluno em contexto migratório. Pretendemos responder às seguintes questões norteadoras: como os professores descrevem a relação da escola com os alunos oriundos da região Nordeste? Como os alunos descrevem as vivências na escola?

As falas dos sujeitos emergem do campo, as leituras e análises através de *software* e da pesquisadora irão compor os resultados dessas análises.

Presente na comunidade há quase dez anos, a Escola “Luiz Gonzaga” foi entendida como um espaço que integra atividades culturais relacionadas ao Nordeste. A partir de parte do relatório de campo, buscamos compreender como os sujeitos colaboradores desta pesquisa descrevem as relações e as vivências escolares permeadas por interações, tarefas escolares, normas comportamentais e punição. Vozes presentes no conselho de classe apresentam relatos

que indicam possibilidades de se pensar sobre as práticas escolares e de sala de aula, em que a aprendizagem do aluno é associada ao comportamento.

4.1 A escola e o aluno

O turno é de quatro horas, se a gente fosse de dois turnos, vocês teriam meia hora com recreio e almoço e não merenda, iam merendar e ter mais uns dez ou vinte minutinho de recreação, mas infelizmente, como o nosso turno é de quatro horas não é previsto esta meia hora de recreio. Está na lei maior, na LDB, a Lei de Diretrizes e Bases. (Fala da Diretora – Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

O quadro teórico delineado para este estudo apontou que, nas últimas duas décadas, têm-se evidências de que as desigualdades sociais e educacionais no Brasil ganharam centralidade na agenda pública do governo. Os avanços foram resultados da adoção de diferentes políticas orientadas a reverter a desigualdade. Porém, a condição social da família ainda é um fator de impacto relevante, podendo resultar em processos migratórios.

O processo de migração para os sujeitos participantes desta pesquisa, que corresponde ao grupo familiar, sinalizou que a precariedade nas relações de trabalho e o desemprego foram alguns dos fatores para que ocorresse a imigração da região Nordeste para o Sudeste do país, portanto, para esses sujeitos, ocorre por um fator econômico. Também a educação como um direito tem ocorrido de forma desigual, o que pode ter contribuído para criar oportunidades sobre as escolhas dos sujeitos.

Em relação às desigualdades sociais, Dubet (2001) apresenta duas posições: uma relacionada às escalas e registros, e a outra como um conjunto de processos sociais e de mecanismos individuais e coletivos. Para o autor, a segunda perspectiva mostra a dupla natureza das desigualdades, entre as quais algumas se reduzem, enquanto outras crescem. É essa a relação que se estabelece em uma sociedade onde direito de igualdade e oportunidade aparecem de forma oposta entre as classes sociais.

Desse modo, a desigualdade vai sendo explicada a partir das relações econômicas e da estrutura de classe, assim como por razões étnicas, educacionais, de gênero, etárias, aspectos em que há demonstração de desigualdades. Porém, compreende-se que a escolarização envolve outros fatores.

De acordo com Senna (2003, p. 29), os processos educacionais são experiências educacionais e culturais, “onde se processam os conceitos e onde atuam fatores, universais, ligados à natureza da cognição humana, e locais, estritamente históricos e regionais, dos quais

emanam sentido”. Nesse sentido, compreende-se que essas experiências ocorrem de forma individual, também coletiva.

A escola é constituída por sujeitos de diferentes culturas e contextos sociais, muitas vezes encontra-se à margem da cultura dominante que foi pensada sem muitas vezes compreender o aspecto cultural e a situação de vida do aluno oriundo de diferentes áreas, sejam de bairros mais empobrecidos dos grandes centros urbanos ou de migrações nordestinas, e dos valores da cultura escolar. Retoma-se a descrição da escola por meio de vinhetas etnográficas e interpretação da pesquisadora a partir do referencial teórico delineado para esta tese.

Entendemos que o sistema educacional brasileiro está organizado em Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. No âmbito do Ensino Fundamental, a grade curricular está estruturada em conteúdos do núcleo comum: Língua Portuguesa (Leitura e Escrita), Matemática, Ciências, História e Geografia, e aulas extras: Educação Física, Inglês, sala de Leitura e Artes. Prioriza-se a leitura, escrita e artes, evidenciando o conhecimento fundamentado na matriz curricular de ensino e a articulação com o projeto pedagógico.

A escola pesquisada pertence ao ensino público municipal no Rio de Janeiro. No ano de 2016, na escola, havia 1.200 alunos matriculados nas séries iniciais do ensino Fundamental, com um total de 42 turmas, com idades compreendidas entre 6 e 12 anos. As salas de aulas foram distribuídas em: 09 turmas de 1º ano, 11 turmas de 2º ano, 08 turmas de 3º ano, 05 turmas de 4º ano, 07 turmas de 5º ano, 01 turma de Realização e 01 turma do Projeto Aceleração. A escola possui 01 sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado.

As turmas foram organizadas por idade e ano escolar, funcionando em três turnos de atividades (das 7h às 11h, das 11h às 15, das 15h às 19h). Essa organização serve para atender a demanda das vagas escolares na comunidade. O número de salas de aula e de turmas distribuídas por três turnos de atividade revela uma escola que necessita ampliar as vagas. Os argumentos da escola, para o número de alunos matriculados e para a organização em três turnos, pautaram-se na vinda de famílias da Região Nordeste para Rio das Pedras e no fato de que a procura por vagas na escola ocorre durante todo o ano letivo. O dado foi disponibilizado através do Projeto Político Pedagógico “*Afinal, que Planeta é este?*” (PPP, 2015). Na justificativa, o PPP apresenta o desafio que é entender o mundo e também a vida das pessoas que chegam à comunidade de Rio das Pedras, ou seja, são famílias de imigrantes vindas de várias cidades do Nordeste do país.

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (BRASIL, 2017, p. 7)¹⁰, os dados referentes ao ano de 2016, por dependência administrativa, mostram que 71,2% das escolas são municipais, 98,4% das escolas com mais de 500 matrículas nos anos iniciais localizam-se, predominantemente em áreas urbanas.

A Escola “Luiz Gonzaga” está situada na zona urbana, porém lida, no seu cotidiano, com o aluno que imigrou. A mobilidade familiar indicou locais como a zona rural de Águas de Dentro e Itapororoca, no estado da Paraíba, como locais de deslocamento para Rio das Pedras. Ao comparar a escola urbana e escola rural, os dados indicam, na “zona rural, 9,9% das escolas não possuem energia elétrica, 14,7% não têm esgoto sanitário e 11,3% não têm abastecimento de água. Na zona urbana, esses percentuais são 0,3% e 0,2% respectivamente” (BRASIL, 2017, p. 7). A relação que se faz do indicador INEP e a realidade da escola é que, nas vozes dos sujeitos, estes são originários, em sua maioria de áreas rurais. A escola reconhece esse indicativo.

Questões como o conhecimento e comportamento do aluno fazem parte do relatório de campo. A escola enfatizou a falta escolar do aluno e a transferência, como indicadores que podem interferir na aprendizagem. Pois, em alguns períodos do ano, as famílias viajam para o Nordeste para rever familiares, em outros casos, a necessidade da transferência do aluno da escola se dá pelo retorno familiar, ou os filhos retornam para morar com parentes.

Figura 17 – Aluno em interação



Fonte: Rosa, 2019. Acervo da Pesquisa.

Com a ausência do recreio, o espaço que fica no pátio externo é utilizado no momento que antecede a entrada do aluno na escola, mas o recreio é um espaço importante para a compreensão das diferenças e de interação social.

¹⁰ Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas. Acesso em: 09/03/2019.

Aqui, focamos no uniforme escolar. Através da observação do uso do uniforme, foi possível identificar o aluno que teria aula no turno em análise, diferenciando-se dos outros sujeitos, que, no cotidiano, ocupavam os espaços da escola. O uniforme é constituído por short para os meninos, saia para as meninas, na cor azul, camiseta branca com listas azuis características da rede municipal do Rio de Janeiro, meia branca e tênis preto; outros usam a farda incompleta, preferencialmente a camiseta, as outras peças são calça jeans e tênis colorido; poucos usavam roupas comuns.

A relação entre escola e comunidade foi caracterizada pelo grupo gestor e pelos professores como positiva, algo que vem sendo construído há quase dez anos. As falas abaixo, indicam essa relação como “coisa boa”, “positiva”, “diálogo” que a escola mantém com a comunidade, ao destacar que costuma ouvir as necessidades da família para o enfrentamento das situações que envolvem o aluno.

Essa marca a gente já tem dentro da comunidade não é de agora. Uma marca boa e positiva, objetivando que no futuro essas crianças tenham história para contar quando chegarem a nossa idade que eles tenham a lembrança dessa escola como uma coisa boa” (Fala da Diretora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

Preocupada com a situação do rendimento escolar do aluno, a escola tem procurando conscientizar as famílias sobre a importância do término do ano letivo dos seus filhos, situação descrita no relatório de campo. Os relatos de alunos e alunas sobre as suas famílias, revelaram que o desemprego e a separação dos pais foram alguns dos motivos que impactaram a sustentação do aluno na escola e a sua permanência na comunidade.

Em relação aos pais, os professores consideram importante a presença na escola e mostram ser fundamental sua a relação com a direção e com a coordenação. Através da culminância dos projetos e confecção dos murais, tem-se aproximado os pais da escola, permitindo acompanharem as atividades escolares dos filhos. A visão dos professores é que “deve-se sempre dialogar sob diferentes aspectos, a culminância e os projetos que integram com a vida escolar e preparam para a vida fora da escola”, neste sentido, o “diálogo é um diferencial na interação com a comunidade” (Fala da Coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

A escola vê o aluno como aquele que precisa de outras experiências para adquirir conhecimentos, ao informar que os alunos não visitam exposições, museu, cinema, teatro e que precisam de outros conhecimentos. Esta explicação ocorre a partir de reflexões sobre realização de atividades fora da escola e que se manifestam na aprendizagem, ao considerar que:

a gente sabe que a maioria dos nossos alunos não visitam exposições, museus, cinema, teatro, a escola precisa ser toda voltada para a questão pedagógica, né? Para sensibilizar, para tocar, para mostrar os efeitos de sala de aula, então, se eu desço a criança correndo e não percebo que os alunos estão todos encostados no mural, no paredão, como um muro [...] por que estou falando isso? A relação é espacial, as crianças dessa comunidade elas não têm praça, não têm parque, as casas muitas não têm janelas, são vielas, aí elas estão encolhidas (Fala da coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12 2016).

A percepção da escola é que a condição social de baixa renda impossibilita adquirir conhecimentos em outros espaços. De fato, Rio das Pedras pode representar um contexto social e econômico diferenciado, de outros espaços no Rio de Janeiro, mas não estaria a aprendizagem do aluno relacionada somente à questão local, à moradia e à origem familiar.

De acordo com Senna (2003), os processos educacionais resultam de experiências, isto é, de forma individual ou coletiva. É a partir desta noção que se compreende a preocupação da escola de produzir um conhecimento para além dos conteúdos curriculares. A escola utiliza um mural “para sensibilizar, para tocar”, aliando conhecimento curricular e projetos. O mural de uma escola, no âmbito desta pesquisa, serve para mostrar os efeitos de sala de aula, neste sentido, reflete as ações da rotina escolar. A figura 18 faz parte do mural “Africanidade”,

Figura 18 – Africanidade



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da pesquisa.

A imagem acima evidenciou a participação do aluno na confecção do mural, retratado através do desenho, pintura e escrita. A atividade contou com a participação do aluno orientado pelos professores da sala de aula, como observado na escrita: “Vasos Africanos: são feitos de argila e servem para transportar e guardar a água. Conserva a água fresquinha”.

“Africanidade” foi um projeto realizado na escola com a culminância durante as atividades de observação participante desta pesquisa. O espaço estava modificado para a exposição das atividades realizadas pelos alunos, em função da culminância em comemoração ao Dia da Consciência Negra, que ocorreu na segunda-feira, dia 28 de novembro.

Nas laterais, no pátio interno da escola, há mesas com maquetes e murais que representam a cultura africana. Esse momento mostrou o quanto é difícil estabelecer a diferença entre *dentro* e *fora* do espaço da escola e como os aspectos da interação social podem refletir em aprendizagem de sala de aula.

Em função disso, a aula da professora colaboradora aconteceu no laboratório de informática, já que as carteiras foram colocadas no pátio para a exposição do material confeccionado pelos alunos, ao enfatizar que “ontem fizemos um trabalho para o mural e ainda falta terminar e tem espaço lá”, ressaltando que no pátio interno havia espaço para a exposição do material confeccionado.

No laboratório, os computadores foram distribuídos na lateral esquerda de quem entra na sala, os alunos ocuparam as cadeiras que foram enfileiradas. Isso gerou um desconforto para o aluno, em função da falta de uma mesa para apoiar o material didático, como livros e cadernos para escrever. A professora, que também ministra aulas em outra turma no 1º turno da manhã, já tinha passado por situação semelhante, além disso, ao usar o pincel no quadro branco não conseguiu apagar. Um tipo de produto usado dificultou a escrita e ela, como alternativa, recorreu ao uso do giz no quadro verde.

Diante de reclamações dos alunos, a professora saiu da sala e, depois de algum tempo, retorna, apresentando uma solução: mudar para a sala ao lado. Os alunos, porém, argumentaram que é lá “é ruim, grande e quente”.

A professora indicou a saída das meninas e, em seguida, dos meninos. Ao chegarem ao novo espaço, as mesas e cadeiras estavam organizadas em filas, os alunos sentaram. Uma nova situação está posta: a organização da sala de aula. Pode-se perceber a negociação da professora com a turma, os argumentos indicavam a percepção do aluno quanto à situação de desconforto, como o calor e a ausência do suporte da mesa para a escrita.

A organização dos espaços ocupados pelo aluno dentro e fora da escola parece ser uma preocupação que, na visão da escola, passa também pela situação familiar. A Escola “Luiz Gonzaga” aponta algumas dificuldades enfrentadas, como a ausência da família na escola, situações como a separação dos pais e a dificuldade de a mãe levar o filho à escola e a violência e o machismo, aspectos apontados pela escola como parte do contexto social do

aluno, índices vistos como parte da “perspectiva cultural das famílias”. Essas questões, para a escola, vão além da realidade em que ela pode interferir, justificando que:

Os pais estão com pouco tempo para sentar, para conversar, para ler, fora as questões de violência na comunidade, a organização da casa. Uma casa com quarto com cozinha com local para comer, muitos deles não tem essa organização. E depois, quando chega na escola tem esse espaço todo, tem janela, tem sala de informática, tem sabe, a sala de leitura, isso modifica o espaço e precisa se trabalhar (Fala da coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de campo 07/12/2016).

Se considerarmos a educação, isto é, sua ação pedagógica, sua forma mais eminente acontece na escola, porém há outras formas de educação, como aquela desenvolvida pela família. Na opinião da escola, a organização desse espaço revela que essa instituição difere da família. Na medida em que a escola se organiza e compreende que o espaço interno deriva da forma como se constitui a comunidade e o contexto social na qual está inserida, ele se entende como espaço tomado por decisões no seu cotidiano e pela necessidade de gerir-se, daí a preocupação demonstrada com o comportamento disciplinar.

A configuração da casa foi representada pelo aluno com um espaço relativamente pequeno, diferente do ocupado pela escola. Como a escola está situada em território carioca, nela, estão interagindo os sujeitos com culturas diferentes. Uma vez que a cultura perpassa todas as ações dos sujeitos no cotidiano escolar, recai sobre ela a cultura carioca e a cultura nordestina para a formação de hábitos, comportamentos e saberes que vão se construindo.

Nesse caso, os valores familiares são vistos como diferentes do aluno *na* escola. Em relação à violência, este tema não foi evidente no relatório de campo para análise com mais detalhes, a violência foi associada ao “bater” como uma atitude de mãe para o filho e filha, uma percepção da escola, pouco demonstrada na forma de organização e de viver na comunidade.

A escola atribui o comportamento do aluno à sua condição familiar e social. A falta de tempo dos pais e a organização da casa, assim sendo, podem interferir na educação dos filhos, daí a importância que a escola atribui à rotina. Por educação, compreende-se que há outros espaços de educação com papéis e saberes diferenciados, como o que se adquire no contexto familiar, porém, quando a educação é tomada como instituição pedagógica, expressa-se através da escola. Nesse caso, o foco volta-se para a cultura do aluno em contexto da imigração, em que o lugar de pertencimento difere do dos professores e dos que regem a escola pesquisada. Situada na comunidade ocupada predominantemente por imigrantes nordestinos vivendo no Rio de Janeiro, há, no espaço escolar, modos diferentes, originários

dos espaços geográficos e que foram apontados como indícios para se pensar como esses modos impactam a aprendizagem do aluno.

De acordo com a fala da direção sobre o aluno, “se todo mundo combinar, a criança vai aprender que, para comer tem que ficar sentado, para comer não precisa falar muito alto, mais todo mundo tem que fazer a mesma coisa, o aluno, [...] não é do professor é da escola inteira” (Conselho de classe – Relatório de Campo, 2016), evidenciando as diferenças externas a ela, refletindo na convivência e no comportamento dos alunos nos espaços da escola, tais como: pátio, refeitório e sala de aula. Dubet (2003) explica como a escola se estrutura e cria o dualismo escolar que resulta das diversas clientelas no interior da escola. Para esse entendimento, a escola parece ser justa e neutra, no entanto, “as injustiças sociais é que são diretamente a causa das desigualdades escolares” (DUBET, 2003, p. 32).

O comportamento é relacionado ao resultado do aluno na escola. Uma das formas utilizadas pela escola é o controle do aluno através da fila. A fila marcou a rotina diária do aluno na escola, seguindo enfileirado nos espaços da escola com a observação da professora da turma, conforme a imagem a seguir,

Figura 19 – A fila



Fonte: Rosa, 2019. Acervo da Pesquisa.

A fila, na imagem acima, representa duas situações de deslocamento da turma do 4º ano na escola: em direção à sala de aula e sentada no chão do pátio, após a saída do refeitório. Ainda que a escola tenha uma preocupação com aluno de menor idade, destacou-se o “andar

da professora”, que seguia com um olhar atento para o comportamento do aluno. Assim, as falas abaixo indicaram o sentido da fila na perspectiva dos gestores e dos professores da escola:

Se você permite a entrada mais confortável, a subida mais tranquila e então você vai galgando todos os passos para, quando chegar na sala de aula, todo mundo na subida, no caso da entrada, ou descer, no caso da saída, está mais tranquilo (Fala da Coordenadora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

Ir ao banheiro, beber água, sentar, levantar, eu acho que ia diminuir bastante essa correria, uma coisa que eu acho se todos os professores combinassem que vão formar [fila] por ordem alfabética, ou por tamanho, ou por ordem de tamanho, porque eles querem correr para serem os primeiros [verdade?] se falar assim, por ordem de tamanho o cara já perdeu metade da velocidade dele, então, eles não vão continuar (Fala da Diretora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

Eu achei que no final do ano eles fossem tá melhores, não. Mas sinceramente eles continuam com aquilo de tia não sei o que, criança que chupa dedo (...) é muito muito sério essa falta de maturidade dessas crianças a falta de limite em casa, então eu vou ter que trabalhar a relação espacial, dinâmica de grupo, trabalhar as *regras*, chamar as mães e buscar um diálogo (Fala da Professora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

as crianças de um lado estão super comportadas, aí se levanta vem um, aí levanta vem outro e diz eu posso beber água, ele tem que sentar e levantar o dedo, porque se for todo mundo levantando-se, gente é uma loucura, entendeu? Então, aí tem horas que é assim, você tem que ser *sargento*, se você não organiza você não consegue ter uma sequência (Fala da professora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

A primeira fala evidencia que a fila foi vista como um aspecto importante para criar hábitos, comportamentos, sugerindo hierarquização dos corpos na rotina escolar, através de uma educação contínua, envolvendo a relação *familiar e espacial* de viver na Comunidade.

A segunda fala mostra que a disciplina na escola lembra a hierarquização dos corpos descrita por Foucault (1996), ao observar que alunos e alunas seguem enfileirados pela rampa de acesso entre o pátio interno e a sala de aula, seguidos pelo olhar atento do professor ou da professora. O inspetor pedagógico ajuda no controle. No pátio, os alunos devem permanecer sentados no chão e agrupados, enquanto aguardam a ida para a sala de aula ou a saída da escola.

O refeitório comporta cerca de 60 alunos, o tempo de permanência ali é de aproximadamente 15 minutos por turma. Enfileirados próximos a um balcão, os alunos são servidos por uma funcionária. Ao receber uma badeja com um prato, ele informa a quantidade que deseja comer (pouco ou muito), porque não pode repetir e tem fruta de sobremesa (banana e laranja). Enquanto isso acontece, outros comem o lanche que levaram de casa. Ao terminar o almoço, o aluno saía do refeitório e se sentava no chão do pátio à espera de que

todos terminassem. De acordo com a professora, na maioria das vezes, ela almoçava de pé e com o prato na mão, ela é a última a se servir, enquanto observa os alunos, é também a primeira a terminar e sair do refeitório para orientar os alunos a seguirem de volta para a sala de aula, enfileirados.

A professora utilizou o espaço da rampa de acesso à sala de aula para brincar um pouco e fazê-los se exercitarem antes da entrada na sala de aula. Ela parou e começou a andar de um lado para outro no espaço, explicando que: “Como a escola não tem recreio, em função dos três turnos de aula, o horário é reduzido e não há momento para o recreio, eu paro e brinco um pouco com eles aqui” (Fala da professora colaboradora, Relatório de Campo, 2016).

A fila como uma forma de controle tem sido utilizada em instituições como a escola. De acordo com Foucault (1996), as relações que existem entre as instituições e as formas de poder sugerem normatizações que podem ser associadas aos corpos, à punição, às regras e também à forma de aprendizagem do aluno. Acerca da escola, Castro (2011) diz que a norma não tem como função excluir o sujeito, mas interferir para transformá-lo, “uma espécie de poder normativo”, como afirma a autora (CASTRO, 2011, p. 39), ainda que a escola busque a homogeneização dos processos educacionais, agrupando os alunos por características como idade, série e tamanho, ressalta-se que são sujeitos sociais. Outra forma de controle é a musical, em que alunos e alunas cantam e batem palmas: *Atenção! Concentração! Precisamos conversar!* Esse é o jeito que a coordenação da escola encontrou para pedir silêncio e dar recados considerados importantes, como pode ser visto no relatório de campo.

A partir disso, retoma-se a questão da migração das famílias, apontada como um processo de ir e vir. Esse tipo de mobilidade criou a necessidade de vagas escolares, em função da matrícula dos filhos que acompanham seus pais.

Esse olhar surge a partir dos relatos das famílias sobre como se deu a imigração, seguidos da fala da diretora, que indica que, na escola, durante todo o ano letivo ocorria a entrada e a saída do aluno na escola vindo do Nordeste. Assim, buscou-se conhecer a origem do aluno da sala de aula e verificar se mantinham relações familiares vinculadas ao Nordeste. A partir das vozes dos participantes, as condições socioeconômicas tornaram-se centrais na mobilidade *ir e vir* das famílias do Nordeste a Rio das Pedras, e também no retorno.

4.2 Vivências na escola: vozes dos sujeitos da pesquisa

A migração no espaço da escola se relacionou à vaga escolar. No relatório de campo, no dia 26 de outubro do ano de 2016, vê-se que, através de um bilhete entregue aos alunos, a diretora da escola realizou uma pesquisa para saber sobre as vagas escolares e a disponibilidade para a matrícula escolar referente ao ano de 2017. Na sala de aula observada, a professora entregou o bilhete a cada um dos alunos e pediu que colassem na agenda, e falou:

O bilhete é para o pai marcar sim ou não se no ano que vem vai estudar aqui. Na outra turma tem dois casos de alunos que vão embora para outro estado. Se você vai continuar ou não na escola ano que vem. Não é para colar porque eu vou dar para [...] vê a situação das vagas disponíveis na escola. (Professora colaboradora, Relatório de Campo, 26/10/2016).

No dia 11 de novembro do 2016, no início do turno de aula, a diretora utilizou um microfone para dar informes e lembrou sobre as vagas escolares:

Bom dia! Crianças, iniciou o período de matrículas. Estamos fazendo uma pesquisa sobre quem quer continuar na escola. Quem vai continuar na escola precisa fazer a matrícula digital e a inscrição já começou. Não pode ficar no portão da escola pedindo vaga, as vagas estão no sistema. O diretor vai ter acesso às vagas apenas em abril. Todos os professores estão na escola. (Fala da Diretora, Relatório de Campo, 11/11/2016).

O bilhete é uma forma de comunicação entre a escola e a família. Colocado na agenda do aluno, o objetivo é verificar junto aos pais se o aluno permaneceria na escola ou não. A diretora informou que fazia a pesquisa para saber sobre a disponibilidade de vagas na escola para o ano seguinte, justificando que havia a entrada e a saída do aluno durante todo o período letivo. Ela informou ainda que há aqueles que viajavam no período de férias e não retornavam. Reitera também que a matrícula do aluno é realizada através do sistema *online* e que a resposta da família seria uma estimativa para a oferta de vagas.

Segundo a diretora, os alunos responderam, em sua maioria, que continuariam na escola, pois temem perder a vaga, embora muitos já soubessem que não vão ficar e que a família vai mudar para o Nordeste. Ainda que 98% dos alunos tenham respondido que permaneceriam na escola, a situação ainda é indefinida.

Recorremos ao relatório de campo para registrar uma situação específica: na sala de aula observada, os relatos dos alunos confirmaram que eles permaneceriam na escola, mas a aluna já sabia do seu retorno para o estado do Maranhão, conforme já exposto.

Assim, há impactos sobre entrada e saída do aluno da escola. Segundo a diretora, há muitos fatores, alguns relacionados de forma direta à mobilidade, tais como: desemprego dos pais, que pode ocasionar o retorno para o lugar de origem; violência na família, entre outros.

Ela relata um caso de violência doméstica, em que a mãe e seus filhos saíram da casa onde moravam e retornaram para o lugar de origem com a ajuda de pessoas do seu convívio. Nesse caso, foi realizada a transferência do aluno da escola ainda no período letivo. A mãe contou com rede de apoio e solidariedade, que às vezes empresta dinheiro para facilitar o retorno às origens e, assim, preservar sua segurança física e dos seus filhos. A questão da violência na/da escola não ocorreu de forma frequente nos dados, com o relato na perspectiva da família. Por esse motivo, a temática não foi aprofundada.

A migração e a escolarização foram apontadas como indicativos das dificuldades escolares na perspectiva dos sujeitos professores e do grupo gestor. A diretora considera uma das fraquezas da escola junto à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e às políticas públicas. Além disso, o número de alunos com idade em que se tem a expectativa de estarem alfabetizados, mas ainda não têm domínio da leitura e escrita parece ser também uma dificuldade no contexto.

As explicações, de um modo geral, são sobre as dificuldades enfrentadas pela escola em atingir resultados satisfatórios da avaliação, externa e interna, atribuindo o fato ao aluno ser imigrante. A diretora disse:

Bom dia! Todos os professores estão na escola. Por favor, fiquem sentados!

Atenção! Concentração! Não é hora de conversar!

Tem aluno conversando!

Atenção! Concentração! precisamos conversar! (repete)

Vamos nos organizar essa semana, veja bem, estamos entrando na semana de provas, quem fizer a prova legal vai entrar de férias dia 08 de dezembro, quem não tirar boa nota vai começar a recuperação até 23 de dezembro. A recuperação é de 08 a 21 de dezembro. E dia 22 o Conselho de Classe do ano. Então, tem um grupo de professores que não trabalha na escola e para o 1º e 3º tem prova da rede que avalia a escola. E amanhã, outros anos escolares. Dia 22 a Provinha Brasil. As provas bimestrais ninguém vai poder faltar [...] tá entendido? Então, você levanta e se organiza para ir para a sala. (Diretora, Relatório de Campo, 16/11/2016).

Entendemos que a “prova da rede” se referia à avaliação da aprendizagem do aluno aplicada ao ensino fundamental, na rede pública municipal, realizada através da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME). A escola pertence à 7ª Coordenadoria Regional de Ensino (CRE), atende o aluno das séries iniciais (1ª a 4ª série e educação especial) e uma das suas preocupações é o desempenho da aprendizagem do aluno, visto que a migração entre o Nordeste e a comunidade Rio das Pedras pode interferir nos resultados esperados pela escola, que são atribuídos também à cultura dos pais.

As políticas educacionais buscaram ampliar as vagas escolares, possibilitando o ingresso do aluno. Retoma-se o significado de tais políticas, para as quais a exclusão da escola poderia significar o não acesso. Temos os “excluídos no interior”, na opinião de Bourdieu e

Champagne (2001), que mostram mostrar como a exclusão acontece no interior da escola. Para os autores, a escola incluiu precariamente o aluno de classes antes excluídas da escola, criando outras formas de exclusão, dentro da escola, o que se manifesta na desigualdade de aprendizagem.

Esta reestruturação do ensino, com a expansão da escola e a avaliação da aprendizagem do aluno tem sido acompanhada desde o final da década de 1990, a partir de políticas sociais vinculadas à escola. Tais políticas envolvem a relação de exclusão e inclusão no espaço escolar, uma vez que possibilitam o ingresso do aluno de camadas populares na escola, colocando-se em discussão a qualidade da educação pública.

Programas como Bolsa Família, voltado ao atendimento de famílias de baixa renda, têm sido vinculados à escola. O valor em dinheiro recebido pela família de baixa renda não garante o seu sustento, com isso muitos buscam melhor condição de vida em outro lugar, tendo como consequência a não garantia de permanência do aluno na escola em seu lugar de origem. Tal fato foi constatado na escola, uma vez que, no período do campo, ocorreu a prova da rede.

Seu resultado era uma das preocupações da escola, porém compreendemos, que no processo resultante da imigração, no novo lugar de morada, a cultura escolar muitas vezes difere da origem social do aluno e isso, na maioria das vezes, contribui para uma das formas de exclusão que acontecem no interior da escola (FREITAS, 2007). Parte-se da compreensão de que o Brasil apresenta uma diversidade sociocultural e a escola reflete as diferenças no campo educacional.

A partir do relatório de campo, buscamos identificar o resultado obtido pela escola nos indicadores de aprendizagem do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB, 2017), a partir de avaliações externas, como a Prova da rede, que tem como objetivos e metas avançar nos indicadores educacionais. A escola tem apresentado uma evolução nos resultados do IDEB através da Prova Brasil (Provinha Brasil), representado também nas taxas de aprovação do aluno na escola. Portanto, a escola apresenta os resultados em consonância com o que se espera de acordo com as estimativas feitas pelo IDEB.

Partimos para as análises sobre o resultado do desempenho escolar de alunos e alunas na escola, a partir das vozes na reunião do Conselho de Classe. O relatório de campo indicou que as interações das falas dos participantes do Conselho são significativas para situar a diferença aferida pela escola ao aluno. Participaram alunos e alunas, diretora, coordenadora, professores, professoras e funcionários. Foi dividido em dois momentos: o primeiro, com a participação de todos os sujeitos da escola, que avaliaram o ano letivo de 2016; o segundo,

com avaliação dos resultados dos alunos, em que os *casos* foram descritos pelos professores e professoras.

O termo *casos* foi utilizado para referirem-se ao aluno da escola que apresentava dificuldades de aprendizagem; na reunião, seria indicado o número de alunos designados para fazer recuperação relativa ao ano letivo de 2016. Os resultados apresentados foram destacados nos relatos dos professores sobre a situação individual por turma, também registramos a fala da professora colaboradora e dos alunos da turma observada. Na data da reunião, aproximava-se o período de *provas*, assim, era necessário o preenchimento das *planilhas*; após alguns dias, aconteceria a *recuperação*. Destacamos os termos por terem sido mencionados várias vezes como elementos que representam preocupações do Conselho.

A falta da vaga na escola pública tornou-se uma dificuldade para o aluno que vive na Comunidade. Roberta ressaltou que sua mãe não conseguiu uma vaga escolar para a sua irmã, aluna do ensino fundamental, sendo necessária a matrícula em um bairro vizinho, Barra da Tijuca.

Rio das Pedras foi apontada pelo grupo gestor com uma escola que não atende à demanda de vaga para o aluno da Comunidade. Então, percebemos que a matrícula em outro bairro, distante o lugar de moradia, é uma alternativa da família.

Do ponto de vista da Escola Luiz Gonzaga, junto à CRE, a ampliação no número de vagas para atender o aluno do primeiro segmento ocorreu após o funcionamento da escola em três turnos de atividades. A realidade vivida pela escola foi um indicativo da necessidade de ampliar o número das vagas, explicitando a necessidade de uma atenção maior de políticas educacionais para esta faixa etária na comunidade.

Sabendo dessa realidade, como já exposto, a escola enviou à família o bilhete. Era sua intenção saber se o aluno permaneceria com matrícula na escola para o ano seguinte. O entendimento da escola é que a migração tem gerado um impacto na entrada e na saída do aluno da escola.

Professores, diretoras e coordenadoras reconhecem que, no espaço da escola, há dois grupos de alunos. Um deles precisa *aprender a falar, a não gritar, a não correr, agressividade, falta de comportamento, falta de regras*, portanto, precisam de rotina. A escola ressaltou que a falta de bom comportamento pode interferir na aprendizagem do aluno.

Assim, o grupo gestor definiu como *diferente* a sua vivência. O aluno imigrante é aquele cujo comportamento é classificando como *diferente do nosso referencial*. Para o outro, compreendemos ser o carioca como já inserido no contexto cultural da escola. Porém, lembremos, a escola está situada em Rio das Pedras, comunidade formada por sujeitos de

diferentes origens, ressaltando as diferenças entre os alunos. A esse respeito, a coordenadora declarou:

É muito difícil, é um processo sério até porque a vivência deles é muito diferente das que a gente vive, o nosso referencial é um e dessa criança é outro, então a gente sabe que muitas das coisas acontece sim dentro da escola, mais tem questões que eu debato nisso, desde quando eu aqui entrei, que são comportamentos fechados, estacionados. São aqueles comportamentos que eu tenho que tá desenvolvendo com as crianças que são comportamentos institucionais. E aí, aos poucos, você vai mostrando para essa criança que, quando você tem regras, você tem rotina, a criança começa a se enquadrar dentro daquilo que você propõe. E, ao mesmo tempo, você vai ensinando a ouvir, a falar baixo, a não gritar, porque a gente não responde dessa forma. É trabalhando? É trabalhando (...) (Fala da Coordenadora, Conselho de Classe – Relatório de Campo – 07/12/ 2016).

Entendemos que, por *vivências diferentes*, a escola observa as vivências do aluno, reconhecendo a existência de grupos diferentes de sujeitos no espaço da escola. Neste sentido, considera-se a possibilidade de a escola ser pensada na perspectiva da *cultura carioca* que é diferente da cultura da maioria dos seus alunos, isto é, o comportamento foi tratado como aspecto cultural/local das famílias. De acordo com os resultados analisados sobre o contexto familiar do aluno da sala de aula pesquisada, há predomínio de alunos com origens do Nordeste, assim a perspectiva cultural do aluno é diferente da carioca, manifestada no espaço da escola através do comportamento.

A fala é reveladora de que a escola faz uma diferenciação quanto à origem do aluno, portanto, existe a necessidade da construção de um tipo de comportamento que o oriente de acordo com a concepção da escola. Por *nosso referencial*, entendemos a concepção de educação que Escola Luiz Gonzaga defende, porém isso é diferente da trajetória escolar da maioria dos alunos.

A esse respeito, Dubet (2003) explica o papel da escola na exclusão, que alia fatores de desigualdades educacionais e sociais. De acordo com o autor, o problema “das escolas e dos alunos ‘difíceis’ se impôs, em poucos anos, como o ponto no qual se focaliza o conjunto de problemas sociais: periferias, desemprego, imigração, delinquência, violência, abandono escolar” (DUBET, 2003, p. 37).

A escola destacou dois tipos de comportamento: comportamentos fechados e comportamentos institucionais. O segundo tipo é entendido como um comportamento adquirido no espaço da escola, através das regras e da rotina, para a manutenção da ordem disciplinar; o comportamento fechado é de origem familiar, refere-se à criança, que é *diferente*, originária do Nordeste, entendida quem não tem regras, a quem falta limites em casa, que precisa aprender a falar, a não gritar, a não correr, portanto, necessita adquirir o

enquadramento que da escola. Feita esta diferença, embora em seu espaço a escola tenha a maioria de alunos de origem nordestina, ela os percebe como *diferentes*.

Ao analisar o comportamento do aluno, a diretora disse: “não sei se é agora no fim do COC ou no 1º dia de aula, a gente está combinando criar uma unidade de atitude, dentro da escola” (Diretora, Conselho de Classe Relatório de Campo, 07/12/2016), ao aproximar-se do final do ano letivo, o comportamento do aluno é relacionado à aprendizagem.

Na sala de aula, a professora relatou sobre o comportamento do aluno:

em relação ao comportamento, em relação a esperar a vez para falar, em relação à agressividade, em relação a apelidos, falta de respeito, né, eu senti uma melhora muito grande do início do ano para agora. Eu me desgasto bem menos falando e pensando nessas coisas. *Eu queria falar, ah tia ele brigou comigo, ah tia ele pegou a minha bola, é aquela chatice, né?* Mais, no restante eles evoluíram muito. (Fala da Professora, Conselho de Classe – Relatório de Campo – 07/12/2016).

O posicionamento adotado pela escola e indagado pela diretora é sobre qual seria o momento adequado para a discussão acerca do comportamento do aluno na escola. Para a professora, *eles evoluíram* quando comparados o início e o fim do ano.

Os processos de exclusão educacional do aluno de condições sociais mais pobres são explicados pela condição social e origem da família, a partir de fatores internos à escola bem como fatores externos, como o capital cultural da família. Para Mattos (2008), o conceito de exclusão corresponde a uma metacategoria nos estudos da área de educação, ressaltando que as condições de “pobreza causam impacto direto no desempenho e na qualidade da educação de crianças, jovens e adultos” (MATTOS, 2008, p. 18). A escola, muitas vezes, acrescenta às dificuldades vivenciadas pelo aluno a culpa pelo o seu desempenho, sem considerar a trajetória de vida deste aluno e de sua família. Na mesma perspectiva, Rosa (2012) apontou outras discussões que contribuem nas explicações sobre as desigualdades educacionais, a imigração das famílias foi um dos indícios levantados neste estudo, para a trajetória irregular do aluno em condição de pobreza na escola, originando a discussão levantada na presente tese.

A escola sinalizava que o rendimento do aluno estaria relacionado às suas origens e à sua situação familiar, como indicou o relatório de campo, e que os resultados escolares apresentariam um rendimento baixo. Porém, não foi esse o resultado da escola, o Conselho Escolar indicou que, durante o período da recuperação, o foco seria o aluno com o conceito I. Ao relacionar essa questão aos resultados de sala de aula, o Conselho de Classe da escola pesquisada relacionou o aluno com um desempenho insatisfatório ao comportamento.

Retoma-se a *recuperação do aluno* na escola, o 4º Conselho de Classe avaliou a situação dos resultados da aprendizagem. Foram citados alguns fatores que podem interferir

na aprendizagem, as vinhetas ilustram como ocorreu o desempenho do aluno a partir do comportamento e origem familiar. Reclamam sobre o aluno associações a estigmas de comportamento e à cultura dos pais.

Ao avaliá-lo, a voz da professora colaboradora da pesquisa na reunião do conselho, destacava: “boa leitura e precisa melhorar a escrita e turmas grandes e falante”; o grupo gestor apontou “separação dos pais, faltas, aluno novo em setembro”. De acordo com o relatório de campo, a atribuição dos conceitos R e I resulta na recuperação do aluno. Os conceitos correspondem às seguintes notas: MB (10,9,8); B (7), R (6,5), I (4,3,2,1,0). Diante do relato, o grupo gestor ressaltou que a recuperação no ano anterior, *resgatou* alguns alunos, sendo esta a perspectiva para o ano de 2016.

A professora colaboradora explicou que as turmas de 4º ano são numerosas, os alunos são assíduos, participativos e são falantes: “às vezes é difícil de controlar isso, mas a gente dá conta, e são turmas boas”. O resultado da aprendizagem nas duas turmas de 4º ano do ensino fundamental I, foi: “quatro alunos com I (Insuficiente) e vou deixar mais dois alunos R (Regular), então vou ficar com seis; na outra [sala observada] eu só tenho dois alunos (Insuficiente) e três alunos R (Regular)” (Fala da Professora colaboradora, Conselho de Classe – Relatório de Campo – 07/12/2016).

Em outras situações, a recuperação foi vista como uma forma de punição, como podemos observar nas falas a seguir: “merece ficar de recuperação para não dizer que passou direto, aluno faltoso, recuperação vai servir também para resgatar um pouco do que ele não conseguiu, ele nunca frequentou a escola, tem chances, fechar na recuperação para eles terem o compromisso de vir, aprendeu o nome e está nesse processo” (Falas dos docentes, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/ 2016).

Ao final do conselho de classe, os resultados foram os seguintes: MB: 29,1% (339 alunos); B: 239 (20,5%); R: 312 (26,8%) e I: 272 (23,4%), de um total de aproximadamente 1.200 alunos matriculados na escola.

A análise do desempenho tem como base o 4º ano. A análise da escola é que essa diferença precisa baixar. Sobre a reprovação, a escola visa a uma atenção aos alunos com I, na tentativa de diminuir os resultados apresentados. Alguns professores justificaram que alunos com conceito R ficaram na recuperação devido à falta de autonomia e faltas durante o ano letivo.

Quanto à família, um caso de violência foi citado, da mãe em relação aos seus filhos, o que foi entendido como um comportamento justificado pelas dificuldades que ela vem

enfrentando após a separação conjugal, fato que a impossibilita de acompanhar o filho na escola.

A Escola Luiz Gonzaga, no Conselho de Classe, solicitou aos professores verificar a situação dos alunos com resultado R e I, quanto ao resultado da aprendizagem, por sala de aula. Considerava-se que ali estava o aluno de “família do Nordeste”, cujo comportamento na sala de aula, de alguma forma, interferia nos resultados. Esperava-se a descrição do sucesso dos alunos indicados nos conceitos MB e B, mas isso foi silenciado na voz dos sujeitos participantes da reunião do conselho.

A sala de aula observada foi a turma do 4º ano, turno da tarde, com idade compreendida entre 08 anos a 10 anos, havia 42 alunos matriculados. Desse quantitativo, a professora colaboradora indicou cinco alunos que necessitavam de uma atenção no período de recuperação da escola, em função da leitura e da escrita como conhecimento a ser adquirido na série, são dois casos com conceito I e três casos com o conceito R. A professora colaboradora perguntou: “isso já tá fechado?”. A indagação refere-se à aprovação ou não do aluno. A fala da diretora ressaltou que o aluno tem chances de ser aprovado até o final do ano letivo.

A partir dos resultados do campo, recorreu-se ao texto produzido pelo aluno na sala de aula e às notas complementares, na busca do pertencimento familiar dos dois alunos citados. Trata-se da aluna Caroline, de 11 anos. Ela nasceu no estado do Rio de Janeiro, seus pais migraram dos estados do Ceará e do Maranhão. O aluno Rafael tem 09 anos. No desenho escreveu “Miguel Couto” e, a partir dele, interpretamos que o aluno nasceu no Rio de Janeiro. O Hospital Municipal Miguel Couto é público e fica situado no município do Rio de Janeiro, no bairro da Gávea.

Assim, um *caso* teria grande possibilidade de aprovação. Trata-se da aluna Caroline, vista como muito esforçada; já o outro *caso*, Rafael, “não sei”.

Em relação aos resultados escolares, não se pode relacionar a aprendizagem à imigração no contexto da sala de aula pesquisada. Porém, a outra situação envolve a mobilidade do aluno. A categoria de retorno permeou a literatura analisada, a situação de vulnerabilidade gerada com o desemprego pode ser o *caso* da aluna Kelly, que, ao final do ano letivo de 2016, indicava possibilidade de retorno para o estado do Maranhão, onde ficaria aos cuidados da avó materna, enquanto a mãe permaneceria trabalhando no Rio de Janeiro.

Destaca-se a importância da colaboração, que traz para a pesquisa a possibilidade da compreensão do outro e das ações através de uma negociação contínua dos diferentes pontos de vistas dos sujeitos participantes deste estudo, na escola e fora dela. Isso se manifesta em

relação à escola, pelo consentimento no acesso e na permanência durante todo o campo; pela colaboração durante a pesquisa, através da professora da sala de aula, denominada de professora colaboradora, que se apresentava confortável diante da presença da pesquisadora para que se investigassem as interações na sala de aula.

A intenção do trabalho era saber como os estudantes viviam e obter conhecimento sobre os seus familiares – família, emprego, escola, moradia, migração – entre outros temas que permearam os dados da pesquisa de campo e bibliográfica. Algumas limitações geraram uma aproximação com o sujeito, como a escrita do texto *O lugar onde nasci*. Essa foi uma intencionalidade de pesquisa e indicou vínculos dos alunos e laços afetivos com outros familiares que no Nordeste permaneceram. Os alunos tinham vivências/experiências da imigração.

Dentro dos seus limites, a escola permitiu esse olhar, sabendo da realidade do contexto no qual está inserida. Estudar a imigração na comunidade de Rio das Pedras era sensível, conforme já exposto. Os limites de atuação no campo, como o uso de recursos audiovisuais, podem ter interferido no olhar e na descrição do campo. As duas categorias de análise — imigração e educação — aparecem entrelaçadas em todo o processo de análise de dados. Compreendemos que, para o sujeito participante da pesquisa, as várias mobilidades resultaram da condição socioeconômica do lugar de onde vive uma parte significativa das famílias, o Nordeste do país, também resulta de uma condição de pobreza, compreendida como um processo social. Ao considerar a disparidade regional no país, buscamos compreender o contexto familiar da imigração para a comunidade de Rio das Pedras, local constituído de uma população originária do Nordeste.

As descrições e interpretações dos dados do campo possibilitaram a percepção de uma realidade no tempo presente, revelando a escola como espaço de construção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese teve como objeto de estudo a relação do aluno com a migração do Nordeste para a comunidade de Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro. A questão central pautou-se em responder: *como se dá a construção social da escola, a partir da mobilidade dos sujeitos do Nordeste para o Rio das Pedras?*, objetivando estudar através das vozes dos sujeitos participantes da pesquisa as relações entre a migração, educação, Nordeste e Rio de Janeiro do aluno de uma escola pública municipal. Os pressupostos teórico-metodológicos e epistemológicos que sustentam este estudo partem dos princípios da pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica crítica.

As categorias levantadas neste estudo resultaram da análise indutiva dos dados obtidos do relatório de campo, o *loci* do estudo foi a Comunidade de Rio das Pedras. Foram os sujeitos primários: três famílias em mobilidade, alunos e alunas da sala de aula do 4º ano; sujeitos secundários: diretora, coordenadora, professores e funcionários membros da comunidade escolar, famílias (Maranhão e Ceará) residentes na comunidade que foram colaboradoras na pesquisa.

Para mapear a origem familiar do aluno, o texto produzido na sala de aula durante a observação participante serviu de *corpus* de dados que informam sobre as vivências culturais e a escola, no momento da pesquisa. Na sala de aula havia 41 alunos matriculados. Desse total, foram coletados 36 textos. O resultado apontou que oito alunos nasceram em diferentes estados do Nordeste e imigraram recentemente com suas famílias para Rio das Pedras; doze nasceram no Rio de Janeiro, sendo filhos de imigrantes; quatro são oriundos do Rio de Janeiro; doze não quiseram ou não souberam informar a sua origem familiar.

O primeiro indicativo da resposta à questão do estudo foi sobre o aluno e aluna da sala de aula pesquisada, que eram migrantes entre o Nordeste e Rio das Pedras, Rio de Janeiro. Alguns alunos encontravam-se em processo de aquisição da leitura e da escrita, o desenho foi a forma encontrada para explorar com riqueza de detalhes as informações e identificar o local de pertencimento. As casas foram representadas, na maioria dos textos, como situadas em área rural, foram identificados através de animais, cachoeiras, plantas; o hospital indicava aqueles nascidos no Rio de Janeiro, através de expressão “Miguel Couto”, por exemplo; a afetividade foi revelada em desenhos na forma de coração; os textos escritos ressaltaram a saudade de familiares, incluindo avôs; outros não informaram a origem familiar.

O segundo aspecto é destacado de acordo com entrevistas e observações e versa sobre a Mobilidade Social: ir e vir do Nordeste ao Rio das Pedras, isto é, entende-se por mobilidade o *ir e vir* dos sujeitos da pesquisa entre algumas cidades da região Nordeste e a comunidade Rio das Pedras. A mobilidade envolve conceituações que, neste estudo, correspondem à saída do local de origem e à chegada ao novo lugar de moradia de uma parte significativa de famílias originárias do Nordeste que têm buscado alcançar melhores condições sociais na região Sudeste do país.

A literatura analisada explica que a migração ocorreu em diferentes momentos econômicos, a busca por melhores condições de vida e emprego motivou a migração. Observamos que ainda ocorre nos dias de hoje a imigração entre essas regiões do país.

As interações particulares da cultura nordestina podem ser vistas no nome de locais comerciais em letreiros das lojas na comunidade, um tipo de negócio que tem contribuído para a geração de emprego, sendo atrativo para a vinda de outras pessoas. O dinheiro continua circulando dentro da comunidade e amplia o desenvolvimento e o crescimento através da expansão da área da comunidade, observada no tipo das construções residenciais que têm assumido feições próprias, como as estabelecidas entre os moradores e que caracterizam a comunidade de Rio das Pedras (BURGOS, 2002).

A comunidade Rio das Pedras como o local atual de morada, caracterizada por ter população, em sua maioria, de origem nordestina, tem a presença da rede de apoio formada por familiares, amigos e outras pessoas, como marca, mantendo, dessa forma, o vínculo com o Nordeste, na perspectiva de retornar para o lugar de origem ou locais próximos.

O terceiro aspecto versa sobre a construção social da escola, as análises derivaram da observação participante na sala de aula e na reunião do Conselho de Classe da escola, apresentados na forma de vinheta etnográfica (MATTOS, 2005).

Na perspectiva dos sujeitos desta pesquisa, as vinhetas etnográficas revelaram que o desemprego e a separação dos pais foram alguns dos motivos que impactaram ou impactam a sustentação do aluno na escola e a permanência da família na comunidade.

A escola é vista como parte para a ascensão social do aluno, porém as condições socioeconômicas de algumas famílias ocasionam a mobilidade destes sujeitos, com a saída e a entrada do aluno da escola durante todo o período letivo. Ressalta-se que, a partir das vozes ouvidas no Conselho de Classe, não é possível afirmar que há correlação da mobilidade do aluno com os resultados da escola, porém são tensionadas pelo comportamento do aluno.

A Escola Luiz Gonzaga, há quase dez anos na comunidade, foi vista como um espaço que integra atividades culturais relacionadas ao Nordeste, demonstrando preocupações com as

questões sociais, econômicas e educacionais. A instituição atende o aluno morador de Rio das Pedras e, ao mencionar que recebe o aluno com idade para ser alfabetizado e não tem o domínio da leitura e escrita, mostra que há desafios postos à escolarização desses sujeitos.

Ainda que a escola promova a integração do aluno através de atividades culturais, notamos que o Conselho de Classe associava o comportamento do aluno a estigmas relacionados à região Nordeste e à *recuperação do aluno* na escola. Assim, ao buscar identificar as dificuldades dos alunos da sala de aula colaboradora da pesquisa, os casos mencionados no Conselho de Classe não tratavam do aluno e da aluna imigrante do Nordeste.

As descrições e interpretações dos dados do campo foram averiguadas, possibilitando fazer um mapeamento da realidade dos sujeitos em mobilidade e da realidade no tempo presente, revelando a escola como um espaço de construção social que nem sempre reconhece as identidades e os pertencimentos dos estudantes que convivem em uma mesma comunidade. Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para com o entendimento da escola como um espaço de construção social, a partir dos próprios sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M. de. **Educação de Mulheres e Jovens Privadas de Liberdade: um estudo de abordagem etnográfica**. 2013. 165f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR) [Website]. **Deslocamento forçado supera 68 milhões de pessoas em 2017 e demanda novo acordo global sobre refugiados**. Genebra: Acnur, 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/06/19/mais-de-68-milhoes-de-pessoas-deslocadas-em-2017-e-essencial-um-novo-acordo-global-sobre-refugiados/#_ga=2.117037828.383513587.1573158372-1132822867.1573158372>. Acesso em: 29 out 2018.

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

ANDRÉ, M. E. D. A. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

ARRETCHE, Marta (org.). **Trajatórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Ed. UNESP; CEM, 2015

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XX, n. 39, p. 77-100, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/332/299>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (coord.). **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2018.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In*: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 10., 2011. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2011.

BARBOSA, Manuel. Educação e desafios da multiculturalização: uma pedagogia da sociedade civil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.40, n.141, p.993-1023, set./dez. 2010.

BARTLETT, Lesley; RODRÍGUEZ, Diana; OLIVEIRA, Gabrielle. Migração e educação: perspectivas socioculturais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1153-1171, dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508144891>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BAUMAN, Zigmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, Ana Paula Sesti; BORGES, Lucienne Martins. Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 126-144, jan. 2015.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentidos**: a orientação do homem moderno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORGES, L.P.C. **O futuro da escola**: uma etnografia sobre a relação dos jovens com o conhecimento escolar. 2018. 151f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. *In* : BOURDIEU, Pierre. (org.) **A miséria do mundo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Brasília: Presidência da República, 2017. <Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em: 16 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **IDEB – Escolas**. Brasília, DF: INEP, 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRITO, Ângela Xavier de. Habitus de migrante: um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 410-464, set./dez. 2010.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 221-236, maio/ago. 2006.

BURGOS, Marcelo Baumann (org.). **Utopias da comunidade**: Rio da Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Loyola, 2002.

CÁSSIA, Rita de. Políticas públicas no Nordeste do Brasil: a produção de enclaves e de desigualdades socioespaciais. **GOT – Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, Porto, n. 8, p. 11-31, dez. 2015. Disponível em: <<http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2015.08.002/pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

CASTEL, R. **A insegurança social**: o que é ser protegido? Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CASTEL, R. **A discriminação negativa**: cidadãos ou autóctones? Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

CASTEL, R. Armadilhas da exclusão. *In*: CASTEL, R. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo. 2008b.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CASTRO, P. A. de. **Tornar-se aluno**: identidade e pertencimento: perspectivas etnográficas. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2015.

CASTRO, P. A. de. **Tornar-se aluno**: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico. 2011. 157f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010. **Coleção Estudos Cariocas**, Rio de Janeiro, n. 20120501, maio 2012. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF>. Acesso em: 12 abr. 2017.

CORRÊA, Mariana Almeida Silveira *et al.* Migração por sobrevivência: soluções brasileiras. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XXIII, n. 44, p. 221-236, jan./jun. 2015.

COSTA, Luciano Rodrigues. **Trabalhadores em construção**: mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil. 2010. 268f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 3-20, out./dez. 2005.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XX, n. 39, p. 29-50, jul./dez. 2012.

DADALTO, Maria Cristina. Imigração e permanência do sonho. **Matrizes**, São Paulo, ano 7, n. 2, p. 249-263, jul./dez. 2013.

DAMERGIAN, Sueli. Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 251-268, abr./jun. 2009.

DUBET, F. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 5-19, maio/jun./jul./ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a01.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

DUBET, F. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 29-45, jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000200002&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2011.

DUBET, F. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/4635/pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

ERICKSON, F. Qualitative research on teaching. *In*: Wittorock, M. C. (ed.). **Handbook of research on teaching**. 3rd ed. New York: Macmillan, 1986.

ERICKSON, F. Descrição etnográfica (Ethnographic Description Sociolinguistics). *In*: HERAUSGEGEBEN, U. A.; MATTEIR, N. D. K. J. (ed.) **International Handbook of the Science of Language and Society**. v. 2. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 1081-1095.

ERICKSON, F. Prefácio. *In*: COX, M. I.; ASSIS-PETERSON, A. M. (org.). **Cenas de sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

ERICKSON, F. **Talk and social theory**: ecologies of speaking and listening in everyday life. Cambridge: Polity Press, 2004.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 89-101, fev. 2010.

FERNANDES, Duval; VASCONCELLOS, Idamila Renata Pires. Proposta para a inserção da variável migração em sistemas de indicadores municipais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 121-132, jul./set. 2005.

FERREIRA-BATISTA, Natalia; CACCIAMALI, Maria Cristina. Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p.515-554, set./dez. 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRANCO, Luiza. Milícia no Rio de Janeiro: como é a vida em Rio das Pedras, bairro dos suspeitos da morte de Marielle. **BBC Brasil** [Online], São Paulo, 15 fev. 2019. News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46995906>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

FREITAS, L. C. Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n. 100 – Especial, p.

965-987, out. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300016&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 11 mai. 2011.

FUSCO, Wilson. Regiões Metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, ano XX, n. 39, p. 101-116, jul./dez. 2012 .

GALIANO, André de Mello; VETTORASSI, Andréa; NAVARRO, Vera Lucia. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, São Paulo, v.37, n.125, p. 51-64, jan./jun. 2012.

GAMA, Luiz Carlos Day; MACHADO, Ana Flávia. Migração e rendimentos no Brasil: análise dos fatores associados no período intercensitário 2000-2010. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.28, n. 81, p.155-174, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

IBGE [Website]. **Censo Demográfico de 2010**: aglomerados subnormais: informações territoriais. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agrn_if.pdf. Acesso em: 20 mar. 2017.

IBGE [Website]. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

IBGE [Website]. **Censo Demográfico 2010**: educação e deslocamento. Resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

IBGE [Website]. **Atlas do Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=264529>. Acesso em: 20 mar. 2017.

IBGE [Website]. **Migração e deslocamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 201-. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/95-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/1471-migracao-e-deslocamento.html>. Acesso em: 08 ago. 2018

KAUFMANN, Jean-Claude. **Pour une sociologie de l'individu**: une autre vision de l'homme et de la construction du sujet. Paris: Nathan. 2001.

LEAL, Arthur; BOTTARI, Elenilce. Milícia de Rio das Pedras aposta em arriscado serviço de balsas até o metrô: um barco já foi apreendido. **O Globo** [Online], Rio de Janeiro, 16 maio 2019, Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/milicia-de-rio-das-pedras-aposta-em-arriscado-servico-de-balsas-ate-metro-um-barco-ja-foi-apreendido-23669354>. Acesso em: 20 maio 2019.

MACHADO, Flávio A. De Stéfani. **Impactos da imigração no mercado de trabalho brasileiro**. 2015. 165f. Tese (Doutorado) - Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2015.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997

MATTOS, C. L. G. de. **Picturing school failure**: a study of diversity in explanations of education difficulties among rural and urban youth in Brazil. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Graduate School of Education, The University of Pennsylvania, Philadelphia, 1992.

MATTOS, C. L. G de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Espaço - Informativo Técnico-Científico do INES**, Rio de Janeiro, n.16, p. 42-59, jul./dez. 2001.

MATTOS, C. L. G. de. **Estranho e familiar**: abordagens etnográficas da escola na França e no Brasil. Rio de Janeiro: NetEdu, 2004. v. 1.

MATTOS, C. L. G. de. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a05v31n2.pdf>. Acesso em: 04 maio 2018.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de . Análises etnográficas das imagens sobre a realidade do aluno no enfrentamento das dificuldades e desigualdades na sala de aula. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart (org.). **Pesquisa em Educação**: métodos, temas e linguagens. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 103-116.

MATTOS, C.L.G de; CASTRO, P. A de. **Fracasso escolar, gênero e pobreza**: relatório final de pesquisa. CNPq; UERJ; NETEDU: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: www.netedu.pro.br. Acesso em: 02 fev. 2012.

MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. **Gênero e pobreza**: práticas, políticas e teorias educacionais - imagens de escolas: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: PROCIÊNCIA, 2012. (Relatório de pesquisa).

MATTOS, C. L. G. de ; CASTRO, P. A. de. Educação e pobreza: impactos da crise econômica na França e no Brasil: uma entrevista com Serge Paugam. **RevistALEPH**, Niterói, ano XIII, v. 27, p. 12-32, dez. 2016.

MATTOS, C. L. G. de *et al.* (org.). **Pesquisas em educação**: a produção do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU). Campina Grande: Realize, 2015. v. 1.

MATTOS, C. L. G. de.; FACION, J. R. Exclusão: uma metacategoria nos estudos sobre educação. *In*: FACION, J. R. (org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

MATTOS, C.L.G. de; FONTOURA, H.A. de. (org.). **Etnografia e educação**: relatos de pesquisa. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann, *et al.* Políticas públicas: imperativos e promessas de inclusão social. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 85, p. 1001-1026, out./dez. 2014.

MOURÃO, L. de M. **Estudo etnográfico das percepções dos alunos da educação básica sobre a TV.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

NASCIMENTO, Rafael. Milícia de Rio das Pedras usa associação de moradores para atividades criminosas. **O Dia** [Online], Rio de Janeiro, 22 jan. 2019. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/01/5613472-milicia-de-rio-das-pedras-usa-associacao-de-moradores-para-atividades-criminosas.html>. Acesso em: 30 jan. 2019.

NASCIMENTO, Tiago Carlos Lima do. **O Caminho para as secas:** as imigrações para o semiárido setentrional. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Programa de Pós-Graduação em Demografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo:** a conformação de uma territorialidade camponesa. 2010. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

NOGUEIRA, Verena Sevá. Trabalho assalariado e campesinato: uma etnografia com famílias camponesas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 241-268, jan./jun. 2013.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. **R. Bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.171-179, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Tendências recentes da mobilidade espacial da população no Estado do Rio de Janeiro. **R. Bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 89-113, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.

OLIVEIRA, Márcio de; KULAITIS, Fernando. Habitus imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. **Mediações**, Londrina, v. 22 n. 1, p. 15-47, jan./jun. 2017.

PAUGAM, S. Marginalidade e resistência ao enigma. *In:* PAUGAM, S. (org.). **A desqualificação social:** ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo: Cortez, 2003. p. 166-192.

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In:* SAWAIA, B. (org.). **As armadilhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 67-86.

RADHAY, Rachael Anneliese. O habitus institucional da política de imigração brasileira: um olhar transversal: a legitimação do Estado-nação. **Discurso & Sociedad**, Barcelona, v. 12, n. 1, p. 161- 191, mar. 2018.

RAMALHO, Hilton Martins de Brito; SILVEIRA NETO, Raul da Mota. A inserção do migrante rural no mercado de trabalho urbano no Brasil: uma análise empírica da importância dos setores informal e formal. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 42, n.4, p.731-771, out./dez. 2012.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. *E-book*.

REIS, Rossana Rocha. A política do Brasil para as migrações internacionais. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 47-69, jan./jun. 2011.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO DE JANEIRO (Município). **Lei complementar nº 111/2011**. Dispõe sobre a Política Urbana e Ambiental do Município, institui o Plano Diretor no Rio de Janeiro e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ: Câmara Municipal, 2011.

ROCHA, Cristiana Costa da. Os retornados: reflexões sobre condições sociais e sobrevivência de trabalhadores rurais migrantes escravizados no tempo presente. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, n. 64, p. 135-150, dez. 2012.

ROSA, Antonia Valbenia Aurélio. **Pobreza e educação**: um estudo teórico-epistemológico sobre a produção do conhecimento no período de 2000 a 2010. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp. 1998.

SENNA, L. A. G. Processos educacionais: os lugares dos sujeitos da educação. **Boletim TV Escola - Salto Para o Futuro**, Brasília/DF - MEC/TV-Escola, v. 1, p. 1-45, jun. 2003.

SENNA. L.A.G. Processos educacionais: os lugares da educação na sociedade contemporânea. *In*: SENNA. L.A.G. (org.). **Letramento**: princípios e processos. Curitiba: IBPEX, 2007a.

SENNA. L.A.G. Erro produtivo e segregação cultural: a descrição de estados de desenvolvimento proximal na alfabetização contemporânea. *In*: SENNA. L. A. G. (org.). **Letramento**: princípios e processos. Curitiba: IBPEX, 2007b.

SICILIANO, André Luiz. **A política migratória brasileira**: limites e desafios. 2013. 67f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Eliana Nunes da. **Na transição rural-urbana: a passagem da escola mista do bairro Felipão na história da educação pública campineira.** 2012. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

STÜBE NETTO, Angela Derlise. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração.** 2008. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218. 2008.

UNESCO. **Relatório de monitoramento global da educação 2019: migração, deslocamento e educação; construir pontes, não muros.** Brasília: UNESCO, 2018. Disponível em: <<https://www.gcedclearinghouse.org/sites/default/files/resources/190008por.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 255-261, 2006.

VASCONCELLOS, S. de S. **Multiplicidades da avaliação escolar: um estudo etnográfico sobre a repetência.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer de. Migrações e trabalho no Brasil: fatores étnico-nacionais e raciais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, n. 87, p.19-43, fev. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092015000100019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 01 nov. 2018.

WALDMAN, Tatiana Chang. **O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo: a trajetória de um direito.** 2012. 236f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZAGO, NADIR. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21 n. 64, p. 61-77, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216404>>. Acesso em: 28 out. 2018.

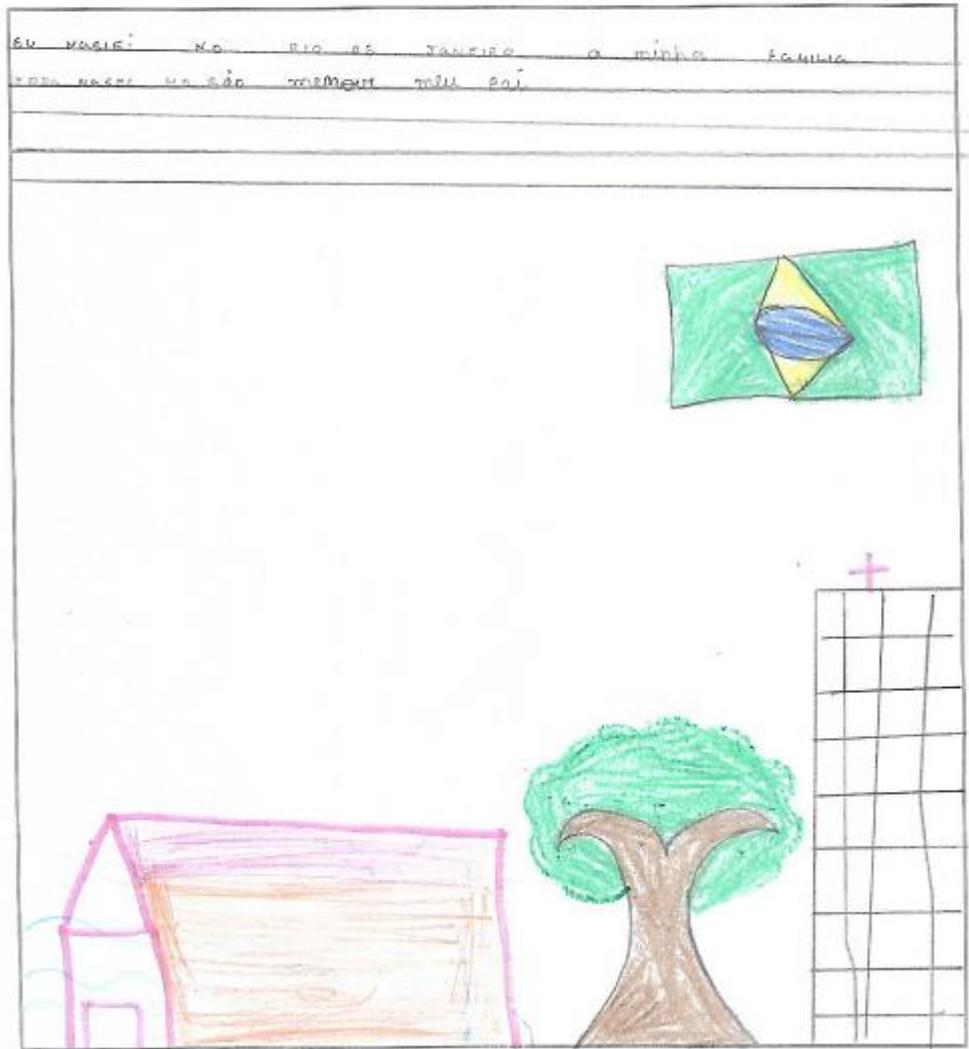
ZALUAR, Alba; CONCEIÇÃO, Isabel Siqueira. Favelas sob o controle das milícias no Rio de Janeiro: que paz? **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007.

APÊNDICE A – Figura 20

Figura 20 – Minha família

Nome: ~~_____~~
Idade: 77
Série: 4ª
Data: 9/11/2014

Faça uma redação sobre o lugar onde nasci.



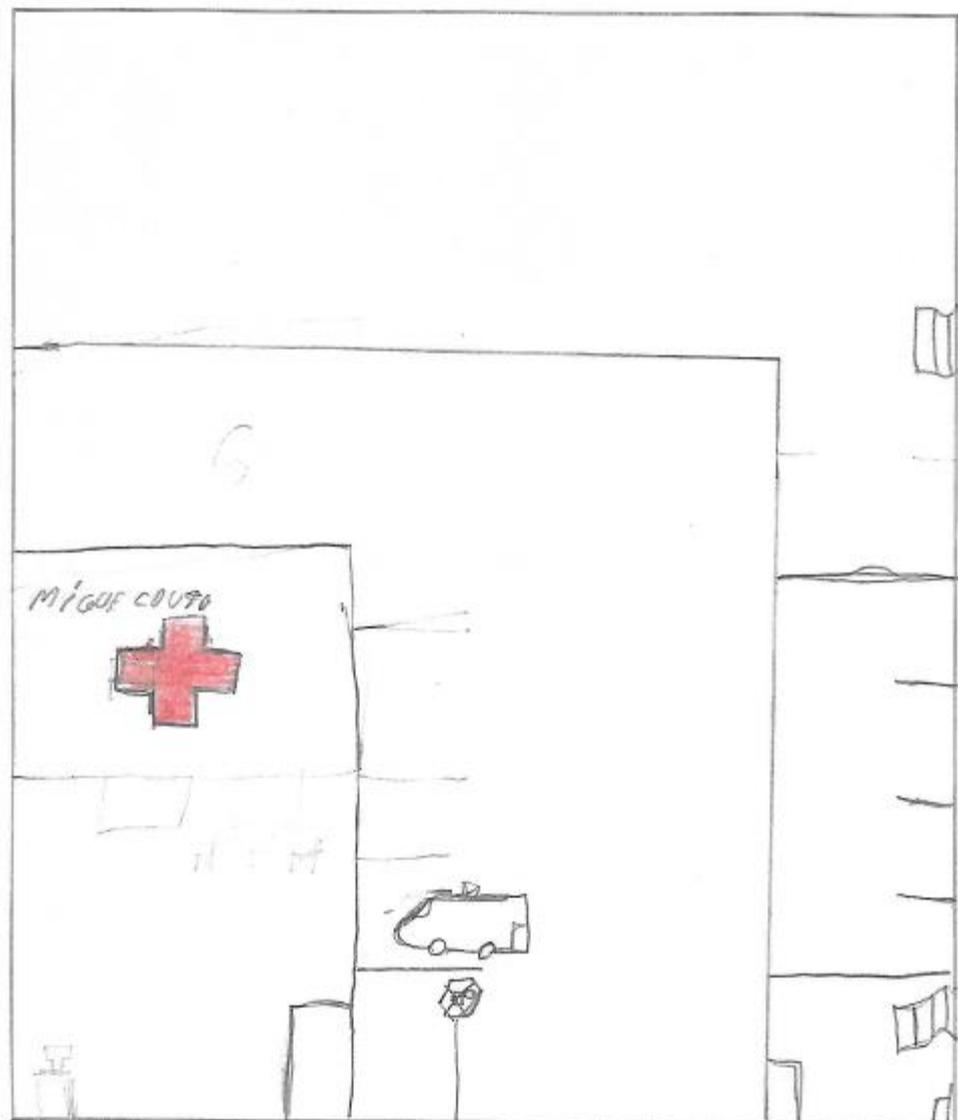
Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

APÊNDICE B – Figura 21

Figura 21 – Miguel Couto

Nome: 
Idade: 9
Série: 4º ano
Data: 9/11/2016

Faça uma redação sobre o lugar onde nasci.



Fonte: ROSA, 2016. Acervo da Pesquisa.

ANEXO – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLV



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação em Educação – PropEd
Linha de Inclusão e Processos Educacionais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto de Pesquisa: MIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO: um estudo de abordagem etnográfica sobre o percurso escolar de alunos nordestinos no Rio de Janeiro

Informações sobre os projetos: você está sendo convidado a participar, como voluntário, nesta pesquisa intitulada Migração e Educação: um estudo de abordagem etnográfica sobre o percurso escolar de alunos nordestinos no Rio de Janeiro. Conduzida por Antonia Valbenia Aurélio Rosa (orientanda) e Profa Dra Carmen Lúcia Guimarães de Mattos (orientadora). O estudo tem como **Objetivo Geral:** Analisar e compreender o percurso educacional de alunos e alunas pobres oriundos da região nordeste do país nas três últimas décadas a partir de seu processo de escolarização formal e sua interface com as categorias pobreza e migração. **Objetivos Específicos:** Investigar a inserção dos alunos pobres nordestinos na cultura escolar da cidade do Rio de Janeiro a partir de seus relatos e do relato de quem acompanhou esse processo; Analisar a percepção desses alunos e/ou ex-alunos sobre o seu processo de escolarização formal e a situação atual em que se encontram no contexto social atualmente; Mapear a literatura acadêmica sobre os temas pobreza, educação e migração nordestina para o sudeste; Investigar as tensões e acordos assumidos nos currículos escolares a partir dos (des)encontros entre os sujeitos sociais nordestinos e demais profissionais das escolas em que se encontravam; Com as investigações buscamos configurar as representações da identidade nordestina e da pobreza nas escolas investigadas e como elas interpelam as relações sociais dos estudantes migrantes em seus percursos escolares.

Durante este estudo, será realizada uma análise de documentos disponíveis no espaço escolar, bem como, acompanhamento das atividades pedagógicas cotidianas da instituição. Todos esses procedimentos terão caráter sigiloso.

Algumas situações ocorrerão: será realizada observação participante e entrevistas com alunos e alunas com os pais ou responsáveis, educadores, equipe pedagógica, gestores e direção da instituição, visando coletar dados que possam contribuir para o avanço do conhecimento teórico-epistemológico e metodológico referente a educação de imigrantes nordestinos. Tais procedimentos serão gravados, fotografados e/ou filmados, sempre orientados pelo pesquisador que acompanhará este estudo com fins exclusivos da pesquisa educacional.

Riscos possíveis na participação da pesquisa: Não há qualquer tipo de risco e o pesquisador orientará para que sua participação seja a melhor possível. Você estará todo o tempo acompanhado e apoiado pelo pesquisador.

Benefícios da pesquisa: Acreditamos que a participação de alunos e alunas oriundas da Região Nordeste do país como informantes primárias da sua situação educacional, será um facilitador para a promoção de políticas públicas para o processo de escolarização formal e sua interface com as categorias pobreza e migração.

Garantias: Garantimos que você tem o direito a retirar-se do presente estudo a qualquer momento, antes ou durante sua realização, sem sofrer penalidade alguma ou ônus de qualquer tipo. Você poderá fazer perguntas a qualquer momento e pedir quaisquer esclarecimentos. Os resultados desta pesquisa, quando divulgados, não mencionarão a identidade dos voluntários. A confidencialidade de seus dados será assegurada pelos pesquisadores. Você não terá despesas pela sua participação neste estudo.

Divulgação: A divulgação dos resultados poderá ocorrer em artigos científicos, aulas, palestras, Tese de Doutorado em Educação vídeos ou outras formas audiovisuais de comunicação, em âmbito local, regional, nacional ou internacional, tendo como autores os pesquisadores responsáveis com finalidade, exclusivamente, acadêmica e científica.

CONSENTIMENTO: Declaro ter sido, suficientemente, informado sobre o estudo acima citado, tendo lido as informações e/ou obtido esclarecimentos dos pesquisadores. Ficaram claros os propósitos da pesquisa e os procedimentos a serem realizados. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas ou remunerações para mim. Entendo que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento. Entendo, também, que estou cedendo voluntária e gratuitamente os dados e imagens provenientes deste estudo, que poderão ser explorados, analisados e divulgados, a qualquer tempo, pelos pesquisadores e colaboradores por eles indicados e, nada tenho a reclamar a respeito no presente e no futuro.

ATENÇÃO: Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São, Francisco Xavier, 524, sala 3018, bl.E, 3º andar, Maracanã, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Dados do participante:

Nome: _____ Endereço: _____
Nº RG / CPF: _____ Telefone: _____
Local: _____ Data: _____

Assinatura do(a) participante: _____ Assinatura do(a) pesquisador(a) _____